

um livro por **ANDRÉ MORAES**



SE AFASTANDO DA MANADA

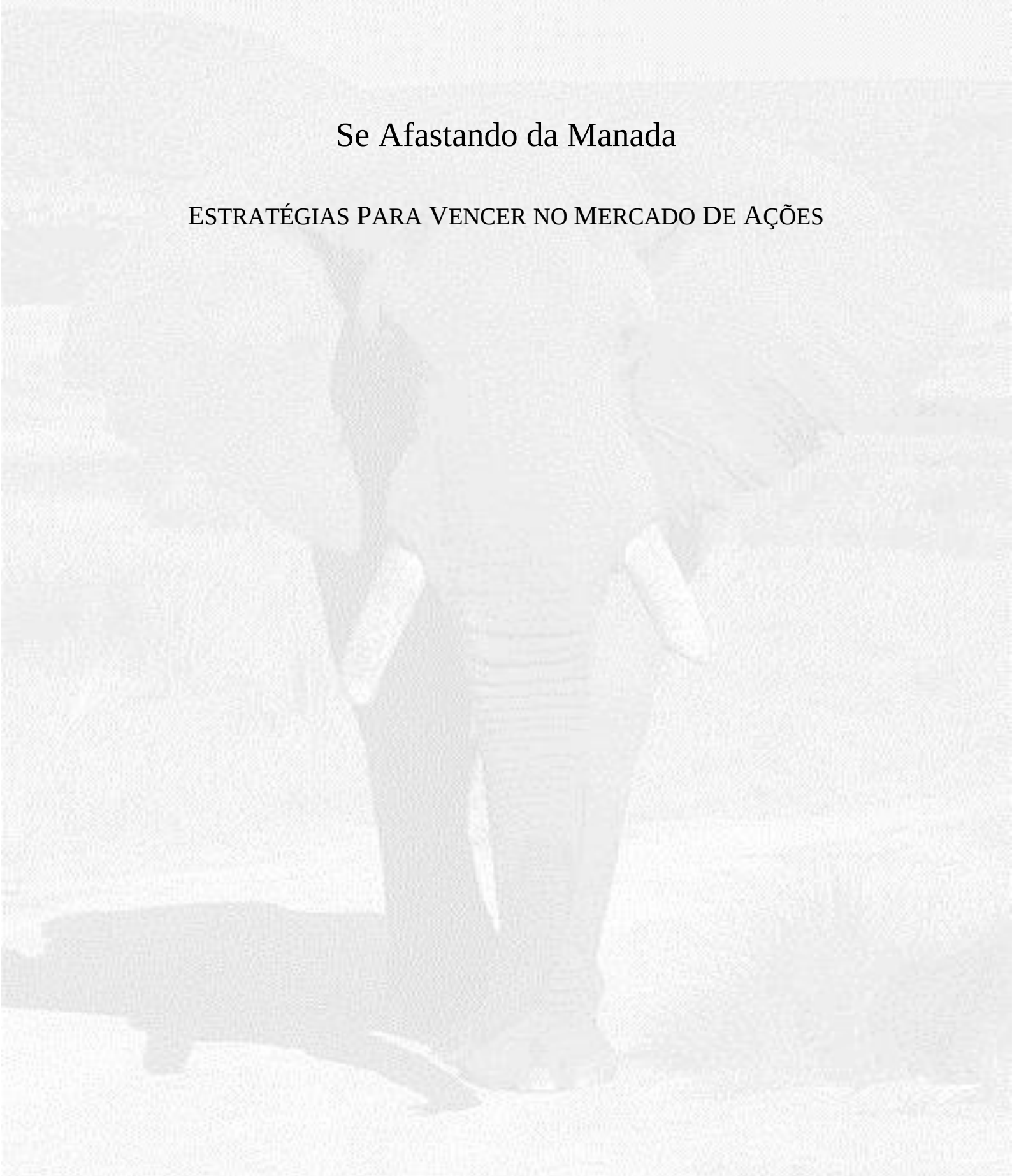
ESTRATÉGIAS PARA VENCER NO MERCADO DE AÇÕES



André Moraes

Se Afastando da Manada

ESTRATÉGIAS PARA VENCER NO MERCADO DE AÇÕES



Se Afastando da Manada – Estratégias para vencer no Mercado de Ações

Copyright© 2016 – Todos os direitos reservados.

Capa: Rodrigo Maia

Diagramação: Alpha Books – Traduções e Revisões Independentes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827s Moraes, André

Se Afastando da Manada: Estratégias para vencer no Mercado de Ações [recurso eletrônico] / André Moraes. – São Paulo: Infomoney, 2016.

p.151 : il.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

1. Mercado Financeiro. 2. Finanças. 3. Mercado de Ações. 4. Economia. I. Título. II. Autor.

CDD: 330

CDU: 336

Elenione

Lidia

Marília

Ana

Clara

Olga

Mara

*Minhas mulheres, que fazem
minha jornada possível.
Obrigado.*

Sumário

ANDRÉ MORAES	1
PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	8
PSICOLOGIA DO MERCADO	10
EXPRESSÕES USUAIS ENTRE OS INICIANTES	11
EXPRESSÕES USUAIS ENTRE OS QUE DEIXARAM DE SER <i>TRADERS</i>	18
EXPRESSÕES USUAIS ENTRE OS QUE TÊM SUCESSO NA BOLSA	21
O QUE AJUDA A MANTER A CABEÇA NO LUGAR?	24
PREPARAÇÃO PARA O DIA	30
TEMPO GRÁFICO	32
TEMPO GRÁFICO PARA O <i>DAY TRADE</i>	37
SWING TRADE	44
ESTRATÉGIA DE CORREÇÃO NA MÉDIA MÓVEL	46
TEORIA DE DOW	47
TENDÊNCIA DE ALTA	47
TENDÊNCIA DE BAIXA	49
CONSOLIDAÇÃO	52
EXPLICANDO O FUNCIONAMENTO DA MÉDIA MÓVEL	64
EXEMPLO DE OPERAÇÃO COM CRUZAMENTO DE MÉDIAS MÓVEIS	65
COMO OPERAR USANDO A ESTRATÉGIA DE MÉDIAS MÓVEIS	67
ESTRATÉGIA DE ROMPIMENTO	80
NÚMEROS DE FORÇA	80
SUORTE E RESISTÊNCIA	82
LINHAS DE TENDÊNCIA DE BAIXA E ALTA	85
ESTRATÉGIA DE ROMPIMENTO	90
ESTRATÉGIA DE REVERSÃO DE TENDÊNCIA	106
TEORIA DE ELLIOT:	106
A TEORIA DE DOW APLICADA	109

PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DO INDICADOR – DIFUSOR DE FLUXO	119
COMO MONTAR O DIFUSOR NA SUA PLATAFORMA GRÁFICA:	124
<u>ESTRATÉGIA PARA O MERCADO EM QUEDA</u>	126
ALUGUEL DE AÇÕES	132
INVESTIDOR DOADOR	132
INVESTIDOR TOMADOR	133
<u>GERENCIAMENTO DE RISCO</u>	139
GERENCIAMENTO DE CAPITAL	144
<u>EPÍLOGO</u>	150

Prefácio

Tenho a honra de apresentar a você, leitor, quem escreveu este livro.

Meu melhor amigo. Meu irmão. O cliente que mudou a minha vida. O aluno que me ensinou.

André Moraes é especial, excepcional. A pessoa que, durante toda a sua carreira profissional, por opção, decidiu compartilhar. Mesmo quando aluno na faculdade de Engenharia, seu maior prazer era estar à frente dos colegas discutindo as aulas de cálculo e física. Ou representando todos os futuros engenheiros, como presidente do Diretório Acadêmico. Seu dom era ser a voz de todos, representar os seus pares e orientar aqueles que estavam precisando de apoio.

Na vida profissional, o serviço público caiu como uma luva. Salas de aula, creches, hospitais, casas populares, quadras poliesportivas. As reuniões de bairro se estendiam por horas intermináveis, onde havia atendimento individual aos populares. Nunca faltou.

Foi então que nosso caminho se cruzou. E assim, na Bolsa de Valores, não foi diferente. Nada era só meu, só dele. Sempre foi nosso. Mas acho que era pouco. Mais gente, mais dois ou três, trinta, trezentos, mil, mil e trezentos. Não bastava ganhar. Agora era organizar e compartilhar. Este modelo de dividir nosso dia a dia virou hoje o principal produto que todas as corretoras possuem em sua área educacional.

Agora, o André se reinventa: um livro! A melhor e mais concreta forma de compartilhar, deixar registrado em páginas o conhecimento de anos. Mais do que isso, é um jeito de que, mesmo quando a voz não alcance e a internet não funcione, os olhos encontrem um pouco da vontade de estar junto.

Valeu.

Igor.

Introdução

Através da leitura de um livro chamado “Pai Rico, Pai Pobre”, um *bestseller* conhecido de finanças pessoais, escrito por Robert Kiyosaki, tornou-se conhecido para mim o conceito de se afastar da manada.

Na obra, a vida de muitas pessoas é comparada com a de ratos de laboratório que ficam girando inúmeras vezes naquelas rodas sem chegar a lugar algum. Compara a experiência à rotina de um cidadão de classe média, que faz uma graduação, recebe em casa um cartão de crédito quando começa a trabalhar, usa o cartão, que considera uma maravilha, uma vez que não precisa mais de dinheiro em papel para qualquer coisa, e depois que arruma um trabalho fica fácil pagar a primeira fatura. Este mesmo cidadão mora com os pais, mas de repente sente a necessidade de ter mais liberdade, oportunidade em que financia um carro e aluga um apartamento. Com isso, o salário é utilizado para custear o cartão de crédito, financiamento do carro e o aluguel do apartamento. Passa o tempo e conhece outra pessoa, apaixona-se e casa, o que resulta em duas pessoas trabalhando e podendo alugar uma casa maior. Porém, trabalham em locais diferentes, surge outra necessidade, mais um carro, que também será objeto de financiamento. Prosseguem estudando, por conseguinte, conseguem empregos melhores, são efetivados, recebem promoção e ganham um pouco melhor. Depois vem o primeiro filho e alguns gastos adicionais, tais como: escola, lazer, roupas, entre outros. No mesmo ritmo, vem o segundo filho, consequentemente a casa que financiaram não é mais suficiente para a família, então financiam uma casa maior, e o ciclo continua. Chegam aos 40 anos de idade, trabalhando muito, em dois ou até mesmo três empregos, cansados de tanto girar a roda e não chegar a lugar algum. Olham o contracheque enorme no final do mês e não sobra nenhum centavo, geralmente o dinheiro é suficiente para pagar apenas o mínimo do cartão de crédito. Nesse momento, o cidadão se pergunta para onde vai tanto dinheiro, percebendo que entrou em uma ciranda que não tem saída. E questiona-se, o que esse pai ensina para o filho? Que ele tem que estudar, ser o melhor aluno, passar no vestibular, fazer uma boa faculdade, arrumar um emprego, senão vai acabar passando dificuldade. Ou seja, fazer a mesma coisa que ele fez e que acabou não dando certo. **Fazer o que a manada faz.**

Nesse livro, Robert Kiyosaki, fala que há apenas duas maneiras de se afastar da manada:

1. Ser empreendedor e montar o seu próprio negócio: relato minha própria experiência para ilustrar.

Quando eu, André Moraes, comecei a investir no mercado de ações, em um determinado momento deixei o meu emprego estável, onde trabalhava como engenheiro civil e estava tendo um sucesso relativo, e por não ter prazer na atividade, arrisquei no *trade*. Na época, eu tinha uma vida muito simples e precisava de muito menos dinheiro do que preciso hoje para me manter. Estava indo tudo muito bem, até que surgiu uma nova oportunidade, a de montar um curso para ensinar pessoas a investir no mercado de ações. Nesse contexto, conheci o Igor Rodrigues, que tinha um curso com dois, três alunos. Descobriu-se que as pessoas queriam pagar para nos ver operando, e percebemos ali uma chance de negócio. Algo que começou com poucos alunos, ao longo do tempo, transformou-se em salas de operação ao vivo que têm em todas as corretoras. Fomos os primeiros a implantar esse método de ensino no Brasil, eu, Igor Rodrigues e Bo Williams, que hoje também são analistas e trabalhamos juntos com a corretora Clear. Começamos um negócio caseiro, acreditamos e transformamos essa oportunidade em uma forma de conseguirmos mais dinheiro e não depender só dos *trades* que fazíamos. Ou seja, optamos pela primeira maneira de se afastar da manada, que é o empreendedorismo;

2. Como nem todos são empreendedores, seja porque não gostam, não têm aptidão e estão felizes com o seu trabalho, há uma segunda forma de se afastar da manada: poupar parte do que recebe do salário e investir.

Nesse ponto, percebe-se uma grande dificuldade entre os brasileiros. Atualmente, o investimento mais comum é a poupança, que rende muito pouco em relação a outros, que são tão seguros e têm a mesma garantia. Partindo dessa premissa, fácil deduzir que existe um grande temor do investimento no mercado de ações. O mercado de ações do Brasil é minúsculo, e essa é uma das razões que motivou a criação deste livro, explicando como se afastar da manada, por meio da utilização da bolsa de valores. Trata-se de uma tentativa de aproximar o mercado de ações das pessoas.

Em síntese:

1ª maneira de se afastar da manada: ser empreendedor e montar o próprio negócio.

2ª maneira de se afastar da manada: poupar parte do que recebe do salário e investir.

Exposto o objetivo do curso, é relevante informar que trata-se de um curso avançado. Aqueles que desejarem um curso básico, no meu canal do YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCqsq57uOHDfJzoAV_4JkOew), há três ou quatro cursos básicos de análise técnica disponíveis.

Psicologia do mercado

No mercado de ações muitos estão perto da manada, uma vez que ao começar a investir são pouco equilibrados emocionalmente, ou seja, mesmo que tenham muito sucesso na profissão que exercem regularmente, quando entram no mercado têm uma percepção equivocada deste.

Uma das perguntas mais frequentes, antes mesmo de fazerem a primeira operação, é: “quanto dá para ganhar no mercado? ”. Portanto, no início, a preocupação principal cinge-se a questões de “qual será o lucro”, ou com relações equivocadas de balanços de determinado ativo, supondo que prejuízo ou lucro no balanço de determinada empresa é sinal de operação. Com isso, surgem inúmeras frases erradas usadas no mercado que acabam por fazer as pessoas perderem dinheiro.

O caminho certo, no entanto, é o do aprendizado, que deve ser ministrado por pessoas capacitadas, responsáveis e dedicadas. Exemplificando, com o estudo aprende-se que o certo não é só pensar no ponto de entrada, mas também nos pontos de saída, para isso há aula que aborda apenas gerenciamento de risco. Percebe-se também que o foco é respeitar o mercado, sempre colocar *stop*, que é algo difícil, porém espetacular para quem compreende.

A parte emocional do *trader* é imprescindível para o sucesso no mercado de ações. É de se imaginar que muitos têm dificuldade para equilibrar o lado emocional, porque esse lado tem sempre uma expectativa negativa.

Para melhor compreensão, segue exemplo: abre o mercado e percebe-se uma boa possibilidade de operação no índice futuro, então, compra-se os contratos e rapidamente eles sobem. Automaticamente, surge a questão de quando aquela operação vai encerrar e consequentemente a tensão aumenta. De repente, sai daquela operação e verifica o seu saldo com um ganho de R\$ 1.000,00. O aspecto financeiro naquele momento está positivo em R\$ 1.000,00 e a parte emocional também fica positiva em R\$ 1.000,00. Em seguida, tenta-se a segunda operação, compra o índice novamente, porém, ele começa a cair e encerra-se a operação, perde-se o lucro de R\$ 1.000,00. A parte financeira fica exatamente igual a zero, mas a parte emocional fica negativa. Fica menos R\$ 1.000,00. Ou seja, apesar de não ter tido prejuízo financeiro, houve prejuízo emocional.

É necessário estabilizar as emoções no mercado de ações, tarefa muito difícil. Mas é assim que acontece no cotidiano. Sendo engenheiro, médico, administrador, alcança-se um momento da carreira onde, possivelmente, as questões do dia a dia não trazem receio ou euforia.

Entretanto, no mercado de ações, por ser um campo novo para muitos, é normal ter dificuldade de agir com profissionalismo, afastar os sentimentos exagerados. Isso resulta em pessoas usando algumas expressões prontas de mercado, que na verdade, faz a maioria perder dinheiro. Essas pessoas são conhecidas como “sardinhas”, têm pouca experiência, andam com a manada e falam frases muito engraçadas e prejudiciais para o mercado e suas operações.

Expressões usuais entre os iniciantes

“Eu vou tirar esse stop porque esse mercado não vai cair, essa queda é só uma correção”.

Nessa situação acontece algo semelhante a esse gráfico:



Na hipótese ilustrada, a pessoa efetua uma compra na seta indicada e exalta-se, pois o primeiro *candle* depois da compra efetuada “mostra” que o mercado vai subir:



Logo começa a contabilizar, certo que tinha razão, porque o mercado está subindo. Tudo começa a parecer muito palpável, percebe-se o dinheiro saindo do mercado e fluindo para a conta pessoal. No *candle* seguinte o preço volta e o medo começa a aparecer:



“Ai, meu Deus, já tinha ganhado R\$ 150,00 e agora está voltando. Por que será que está voltando?”. Depois disso, começa a cair mais um pouco e a chegar perto do *stop*:



O desespero bate à porta, começa a pensar o que fazer por estar chegando no *stop*, e resolve ter a brilhante ideia de tirar o *stop*:



Por fim, tira o *stop*, supondo que trata-se apenas de uma correção, com a crença que vai voltar a subir. O preço bate no *stop*:



Nesse momento, a pessoa se sente muito bem, porque sabe que o preço vai voltar e que a partir daí vai ganhar dinheiro. Era um risco calculado, mas não parecia ser uma boa opção sair naquele ponto. Porém, ocorre que o preço, que geralmente é cruel com quem não usa a estratégia, despenca. Aquela dor, que ainda não era muito grande, triplica, porque além do prejuízo aumentado, surge a sensação de incapacidade. Os cálculos foram feitos, sabia onde tinha que sair, mas tirou o *stop* e o mercado começou a cair, cair e cair:



Resulta em prejuízo emocional e financeiro. Este exemplo acontece todos os dias e é imprescindível fugir disso.

“Eu nunca mais coloco stop porque sempre tomo violino”.

Segue o gráfico para esclarecer a referência:



Trata-se do mesmo exemplo do gráfico anterior, ou seja, não importa qual ativo e a razão de querer comprá-lo, simplesmente deseja comprar nesse ponto por algum motivo. E de repente começa a subir e a euforia aparece:



Mais uma vez cai um *candle* logo após a compra e surge a apreensão:



À medida que aproxima do preço, angustia-se e a adrenalina aumenta:



Quando acontece, a pessoa *stopa* a operação, porque tomou conhecimento que não *stopar* é coisa de perdedor. O preço bate no *stop*:



Em um determinado momento fica a sensação de missão cumprida e obediência à estratégia. Porém, o preço começa a subir:



Então, supõe-se que o preço tinha por objetivo apenas alcançar o seu *stop* e vai subir e subir:



A emoção muda, passa para raiva, e a culpa passa a ser do André Moraes, que ensinou que tem que *stopar*. E nesse momento tem-se a impressão que o mercado tinha ciência da localização do *stop*, então reagiu dessa maneira apenas para paralisar a operação. Como se o mercado se importasse com as operações particulares de cada um. Eu, André Moraes, tomo “violinada”, provavelmente, toda semana. Tanto no *day trade* quanto no *swing trade*. Mesmo em operações mais longas, onde a ocorrência não é tão frequente.

Esclarecemos a expressão com um acontecimento: certa vez, um homem, nos Estados Unidos, apertou um botão errado em uma ação chamada Procter & Gamble do Dow Jones, a ação estava subindo no dia. De repente, começou a cair 20% porque ele mandou vender 6 milhões de ações no mercado. O Dow Jones estava subindo naquele momento, 0,5%, e um minuto depois, caindo 3,5%. O resultado foi que o mercado brasileiro despencou 8%, quase deu *circuit breaker*, porque uma pessoa, nos Estados Unidos, apertou um botão errado e derrubou a ação. Na ocasião, eu estava posicionado com cinco ou seis papéis para *swing trade* e fui *stopado* em todos, oportunidade em que refleti se realmente valia a pena colocar *stop*, porque ninguém sabia o que tinha acontecido. Ocorreu que quinze minutos depois o mercado subiu e descobrimos que alguém errou uma ordem e já não dava mais tempo de comprar tudo. Naquele dia, pensei bem e vi que estava tudo dentro dos cálculos e perdi o que eu poderia perder dentro daquelas operações. Lembro-me que uma das ações que estava posicionado era o ativo Cemig. Eu estava com 6,7% de ganho e saí *stopado* no zero a zero. Tinha colocado *stop* no ponto de zero a zero. E, felizmente, continuei colocando *stop*, que foi uma decisão muito boa.

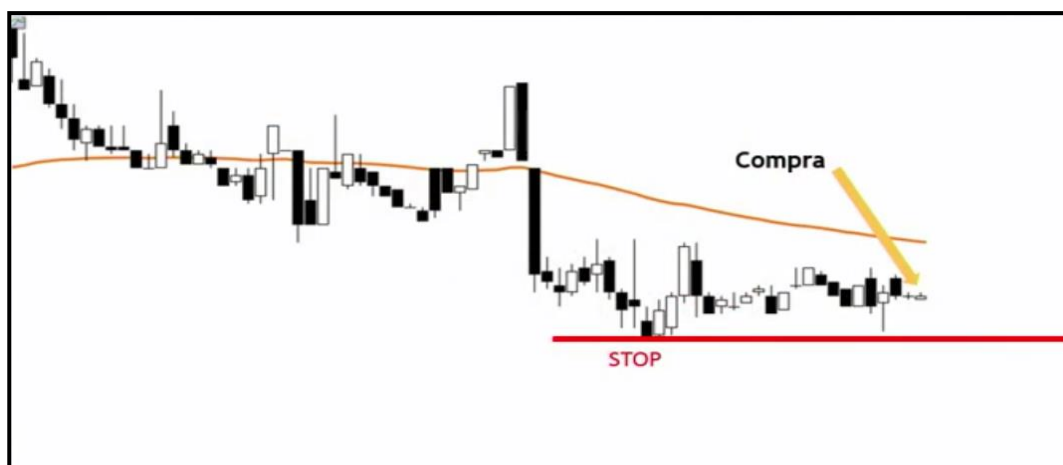
Depois disso, ações como Usiminas, Vale, CSNA, Petrobrás, OGX, MMX, caíram cerca de 90% de valor. Se naquele dia eu tivesse tomado a decisão de NUNCA mais colocar *stop* por receio

de tomar uma *violinada*, provavelmente, eu não estaria aqui compartilhando o conhecimento e teria voltado a trabalhar como engenheiro.

“Lucro bom é lucro no bolso”.

Outra frase muito regular e talvez seja válida para quem opera *scalper*. Essa frase quando é bem usada, ou seja, por pessoas que fazem *scalper*, *tape reading*, pode até ter muita utilidade. Mas é muito prejudicial para quem usa como desculpa e sai da operação rapidamente, por não querer perder e acaba se acostumando a ganhar pouco. Metade de tudo que é feito no mercado de ações dará errado e metade, certo. O que passa a valer é quanto você ganha quando acerta a operação e quanto perde ao errar.

Ao entrar em uma operação:



Começa a dar certo, a angústia aparece e sai da operação, porque já está ganhando:



Porém, antes de sair da operação esse não era o objetivo, e sim no topo anterior. Surgem as dúvidas: “Mas e se voltar a cair? E se tomar *stop* ali embaixo e perder R\$ 1.000,00? O que fazer agora? Sair? Ficar? Seguir a estratégia deixando o preço chegar ao objetivo ou sair antecipadamente para garantir o lucro, mesmo sendo pequeno?” E nesse ritmo, acaba saindo no ponto da seta, ou a cabeça explode. Geralmente, acontece isso:



O preço sobe, e em vez de ganhar R\$ 500,00, poderia ter ganhado R\$ 3.000,00, 4.000,00 ou R\$ 10.000,00. Essa hipótese é muito comum. Muitos têm qualquer tipo de prejuízo e não saem da operação por não quererem sair perdendo. Assim, a pessoa comprou a R\$ 10,00, a ação vai a R\$ 0,02 e continua porque não quer sair perdendo. Em outra situação, a pessoa compra a R\$ 10,00, alcança R\$ 10,10, e já sai, porque lucro bom é “lucro no bolso”. Entretanto, a falta de equilíbrio emocional não pode justificar a saída da operação.

É possível que chegue à conclusão de que R\$ 0,10 é o seu alvo e a sua estratégia te diz para sair com R\$ 0,10. Mas não saia simplesmente porque tem receio de o preço voltar, ou porque “lucro bom é lucro no bolso”. Uma operação como essa dá a sensação de derrota, por ter saído cedo demais, mesmo que tenha ganhado. Em síntese, é melhor seguir a estratégia.

Expressões usuais entre os que deixaram de ser *traders*

“Vou comprar aqui porque já caiu demais”.

Isso acontece sempre quando tem alguma novidade com OGX, Petrobrás, Vale, CSNA, e diversos papéis que já passaram pela bolsa de valores. Às vezes o mercado repete o padrão uma, duas, três, quatro, cinco, dez, quinze, vinte vezes, e torna-se hábito. O mercado corrige um pouco, compra-se, ele volta a subir e faz novo topo.

Lembro-me que em 2007 fui jantar com o Igor Rodrigues em um restaurante na Paulista e ele me falou o seguinte: “Um dia o mercado vai testar o topo, não vai romper, vai descer e acabar com todo mundo que se diz *trader*. Precisamos ficar atentos a isso porque o dia que acontecer temos que saber trabalhar na venda”. Aconteceu exatamente isso em 2008 e muitos quebraram.

Um gráfico atual de uma ação que tem um perfil que pode trazer muito prejuízo é PCAR4:



Este é um gráfico que data de 1999, em que o ativo nunca tinha caído. Subiu em 2000, corrigiu um pouco e depois disso fez movimentos sempre ascendentes, subia geralmente no segundo semestre do ano e corrigia no primeiro. Em 2007, 2008 deu uma consolidada e em 2009 começou a subir novamente. E está acontecendo exatamente isso:



Nunca viu-se esse ativo cair. Então, supõe-se que “é muito fácil comprar PCAR4, pois se nunca caiu desde 1998, por que vai cair agora? PCAR4 é *Blue Chip*, nem precisa colocar *stop*”. E aconteceu isso:



PCAR4 cai 50%, e então deduz-se: “Será que vai voltar? Mas é uma boa empresa, então vai voltar”. Mas e se não voltar? Têm diversas empresas boas que passaram exatamente por isso e não voltaram a subir. Observa-se tanta coisa aparecer e sumir. Algumas empresas ruins tornaram-se boas, mas aconteceu o oposto com muitas empresas boas. Portanto, não é possível afirmar que a PCAR4 vai voltar para R\$ 100,00, ou se vai cair até R\$ 5,00. Mas é certo que todos aqueles que compraram nos R\$ 90,00, porque já tinha caído demais, estão hoje bem chateados com a decisão que tomaram.

“O balanço veio com lucro, vamos comprar que vai bombar!!”

Há muita diferença em como as pessoas veem o balanço nas manchetes dos portais de notícias e como realmente são. Usualmente, não leem a matéria inteira, apenas o título. Supõem que se no título há a informação que tal ação teve lucro, concluem que o preço vai subir. Geralmente, acontece o contrário, porque o mercado não se importa com aquele número absoluto, sendo prejuízo ou lucro. O mercado, na verdade, já estudou isso e sabia que ia acontecer. O que importa é se veio acima ou não das expectativas dos analistas.

No dia 27/10/2015 houve um exemplo ótimo, da Embraer. Nesse dia de manhã muitos falaram que a Embraer desabaria no dia porque o balanço deu prejuízo. E nesse dia a Embraer se comportou assim:



No último *candlestick* diário do ativo EMBR3 é possível observar que subiu 4,78%, mesmo com o mercado e a maioria das ações caindo.

Expressões usuais entre os que têm sucesso na Bolsa

“Eu não faço a mínima ideia para onde vai o mercado e isso não importa”.

As pessoas dão muita atenção para o que vai a R\$ 30,00 ou a R\$ 60,00. “O ativo Vale vai a R\$ 50,00 ou a R\$ 3,00? ”. E concentram nessas questões. É usual em qualquer chat, fórum, discussão, essa “briga do sardinha”. O sardinha vai junto com a manada, querendo migalha de alguma coisa, como se lucrasse apenas acertando a tendência do mercado.

Entretanto, a pergunta que deve-se fazer sempre é: se subir, como ganhar dinheiro? Se cair, como ganhar dinheiro? Porque é certo, independentemente de onde vá, em que ponto vai parar, não importa, entrar no mercado é para ganhar dinheiro. Fora do mercado, é o momento para pensar em economia, Brasil, empresas, pessoas, ter o comportamento do cidadão comum.

“Gaste o tempo necessário que for para desenvolver a sua estratégia”.

Frase dita por pessoas como Bo Williams, Igor Rodrigues, Alexander Elder, André Machado, que foram importantes no meu aprendizado.

O que acontece muito é o uso da média móvel e fazer dois *trades*. Se o primeiro dá certo e o segundo dá errado, conclui-se, então, que aquela estratégia não funciona mais. Em seguida, muda para IFR, faz um *trade* dá certo, o segundo dá certo, o terceiro dá errado, resulta em outra desistência. E começa a pensar em outra. Assim, mudam sempre para estratégias que concentram

apenas na análise e nunca no que é importante: o gerenciamento de risco. Fica-se inúmeros anos no mercado e nunca consegue desenvolver uma estratégia que dê dinheiro no longo prazo.

Frequentemente sou questionado por que saio das operações de *swing trade* na sexta-feira. E a resposta é simples: porque está dando mais dinheiro. Eu adaptei a minha estratégia com a condição do mercado. E eu sigo a minha estratégia independentemente se vai subir ou cair mais 10% na segunda-feira. Com o passar do tempo moldamos a nossa estratégia para o mercado, e a partir daí, testa-se, faz um *back test* e se observado que dá certo, apenas deixe de procurar qualquer coisa e siga sua estratégia. Isso vai garantir o seu sucesso e felicidade no mercado.

“Perca todas as oportunidades que não atendam sua estratégia”.

Oportunidade encontra-se todos os dias no gráfico, e todo momento. Relato experiência transmitida pelo meu pai para melhor compreensão. Quando saí de casa, aos 13 anos, para estudar em Goiânia, que oferecia ensino de qualidade, fui sozinho e meu pai falou para mim de uma forma bem simples: se passar um cavalo arriado ao seu lado, pula em cima dele, porque ele não passa uma segunda vez. O que ele quis dizer: se você encontrar uma oportunidade na sua vida, aproveite, porque provavelmente essa oportunidade só ocorrerá uma única vez. Seguindo essa máxima, parei no mercado de ações onde passa um “cavalo arriado” a cada cinco minutos do nosso lado.

Às vezes quando perde-se uma oportunidade de *trade* e é possível que haja sofrimento, “querer pular em cima desse cavalo”, entrar no meio do movimento do *trade*, porém, pode acontecer de machucar-se muito. Então, quando surge uma boa oportunidade, que está afinada com a estratégia, aparece na tela com intensidade tão grande que, ou tem que virar de costas, ou fechar os olhos para não aproveitar. Ou seja, ela é inevitável. Em síntese, não há necessidade de procurar, a oportunidade quando é realmente boa acaba nos encontrando.

Outro ponto que há resistência em admitir, mas é muito importante ser compreendido: NÃO é possível acertar mais do que 60% das operações. Então, a cada 10, acerta-se no máximo seis. As outras 4 darão errado e tomarão *stop*. Nesse contexto, caso acerte-se apenas essa porcentagem, é necessário aprender a perder. O que faz vencer no longo prazo é o gerenciamento. Há pessoas que acertam 6 de 10 e ganham menos do que quem acerta 4 de 10. Pode até ter os que acertem 9 em 10, porém, se na operação que errar perder muito mais dinheiro do que ganhou nas outras 9, o resultado é pouco satisfatório. Assim, preocupe-se com quanto ganha nas operações que darão certo e o quanto perde-se nas que darão errado. E vai acontecer! Se toda vez que perder houver um prejuízo de X e ao ganhar, um lucro de 2X ou 3X, no final, a conta fica positiva. Se acontecer de acertar metade das operações e ganhar pouco e quando errar perder muito a conta nunca vai fechar positiva, nem se acertar 90% das vezes. É crucial aprender a perder.

“Se você não tiver um bom gerenciamento de risco, nós vamos fazer você sofrer”.

Quem tem experiência no mercado o fará sofrer se não existir um bom gerenciamento de risco. Gerenciamento de risco é algo que poucas pessoas escutam falar. Eu, André Moraes, li isso a primeira vez em 2007 ou 2008 em um blog que o Bo Williams tinha sobre psicologia do mercado. Naquela época, ninguém falava sobre psicologia do mercado, gerenciamento de risco. E com o tempo percebi que precisava parar de ficar mexendo na minha análise técnica e melhorar o meu gerenciamento de risco. A partir daí todas as mudanças feitas na estratégia foram para melhorar a gestão de risco. A minha análise técnica atual e de 10 anos atrás é a mesma, o que mudou foi a forma de gerenciar as posições, ativos, tempo gráfico e a estratégia em si.

Outro aspecto que é importante ressaltar cinge-se a manter a euforia e o medo fora das operações. É muito mais fácil falar do que realmente fazer isso no dia a dia.

Pessoalmente, não sou 100% equilibrado emocionalmente. Estou hoje e vou lutar até o fim do dia para ser equilibrado e, se conseguir, venço a batalha. No dia seguinte, nova batalha. E por aí vai. Haverá o dia em se está de mau humor, vai errar, querer se vingar do mercado. Com o passar do tempo, o equilíbrio vai sendo alcançado pouco a pouco. Acontece quando testa-se a estratégia, que dá certo no longo prazo. A partir daí caso haja lucro ou prejuízo no dia, se essa ou a outra operação dará errado, pouco importa. Porque sabe-se que no longo prazo, simplesmente seguindo o plano traçado, haverá lucro. E lucro é o que importa.

Portanto, seja um profissional.

Evite os seguintes pensamentos:

- *“Vou tirar o stop porque é só uma correção”*
- *“Nunca mais coloco stop porque sempre tomo violino”*
- *“Vou sair daqui porque lucro bom é lucro no bolso”*
- *“Vou comprar aqui porque já caiu demais”*

E siga os próximos:

- *“Eu não faço a mínima ideia para onde vai o mercado e isso não importa”*

- “Gaste o tempo necessário que for para desenvolver a sua estratégia. Depois disso, apenas siga”

- “Perca todas as oportunidades que não atendam suas estratégias.”

E preocupe-se com:

Se o mercado subir, como vou ganhar dinheiro. Se o mercado cair, como vou ganhar dinheiro? É isso que importa.

O que ajuda a manter a cabeça no lugar?

É importante adquirir experiência antes de operar com todo o capital. Assim, caso cometa-se erros, haja necessidade de melhorar a estratégia, de colocar *stop*, de aprimorar o gerenciamento de risco, é aconselhável que isso ocorra com um capital pequeno. Quando houver segurança, aumenta-se o máximo do capital. Porque qualquer capital é possível de ser absorvido pelo mercado hoje em dia. É recorrente as operações com minicontratos, que é um mercado alavancado. Portanto, caso utilize a alavancagem, deve-se fazer de forma racional. Ela não pode ser utilizada para completar capital insuficiente, mas para ser usada em momentos de tendência, onde a estratégia permita operar e arriscar mais. Necessário estar atento a isso.

Opere mercado em tendência. O mercado às vezes lateraliza e muitas pessoas tentam achar padrões onde não há. Portanto, esqueça isso. Opere mercado em tendências. O que dá retorno de capital é esse tipo de mercado. Ou seja, deixe a sua astúcia e força de operação apenas para o mercado em tendência.

Deve-se deixar de lado as operações contra a tendência. Sem tentativas de achar fundo e topo. Isso é para pessoas que possuem bola de cristal e não para *trader*. *Trader* não vive de repique. Todos os que focam em tentar achar fundo e topo, ou ficam pobres, ou loucos, ou pobres e loucos. Ninguém sobrevive. O *trader* para sobreviver faz uma primeira e segunda tentativa e falha, mas, em seguida, tenta a terceira, pega um momento de tendência e ganha o dinheiro de 10 operações que deram errado e consegue acumular capital. Quem opera contra a tendência acerta 10 vezes, mas quando erra, geralmente perde tudo o que ganhou e às vezes fica em débito.

Importante ter muita disciplina, como em qualquer outro aspecto da vida, e ter disciplina no mercado mais concorrente do mundo é primordial, portanto siga sua estratégia.

E por fim, é necessário saber gerenciar o risco, que ainda será discutido com mais detalhes.

Outro fator importante é conhecer o período do dia em que opera-se bem. Na minha experiência, logo que comecei, fazia ótimos *trades* na parte da manhã, geralmente devolvia tudo na hora do almoço e à tarde tentava recuperar aquilo que tinha perdido. Dessa forma, descobri que o mercado também tem momentos de operação.

Esse é um gráfico que mostra como, geralmente, um pregão se comporta, de acordo com os horários (há exceções):



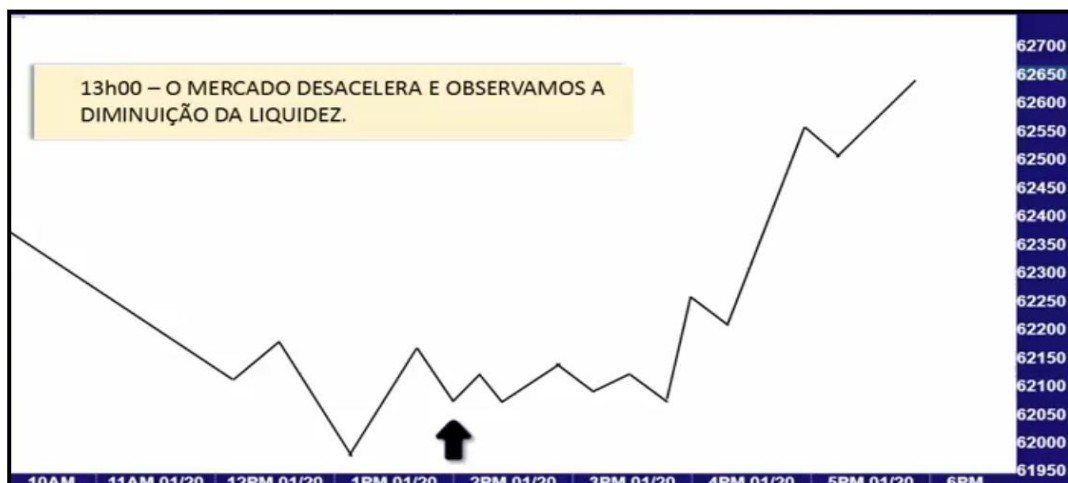
Às 9 horas abre o índice futuro. A cotação desse índice é muito ligada à cotação do índice americano. Então, geralmente, se lá está subindo 1% aqui também sobe e se lá fora está caindo muito, aqui também cai. Esse momento é com pouca liquidez até o momento de abertura do mercado de ações brasileiro, às 10 horas:



A partir das 10 horas começa a ter volatilidade e liquidez. Até umas 10h30min, horário que abre o mercado americano, é possível fazer boas operações:



A partir das 10h30min, é importante, porque abrem as ADR's (American Depositary Receipt). É um horário significativo, onde têm reversões de tendências, mercados desequilibrados, ou quando a tendência se intensifica, sendo um bom momento para ganhar dinheiro. Geralmente se mantém assim até às 13h, onde o mercado desacelera:



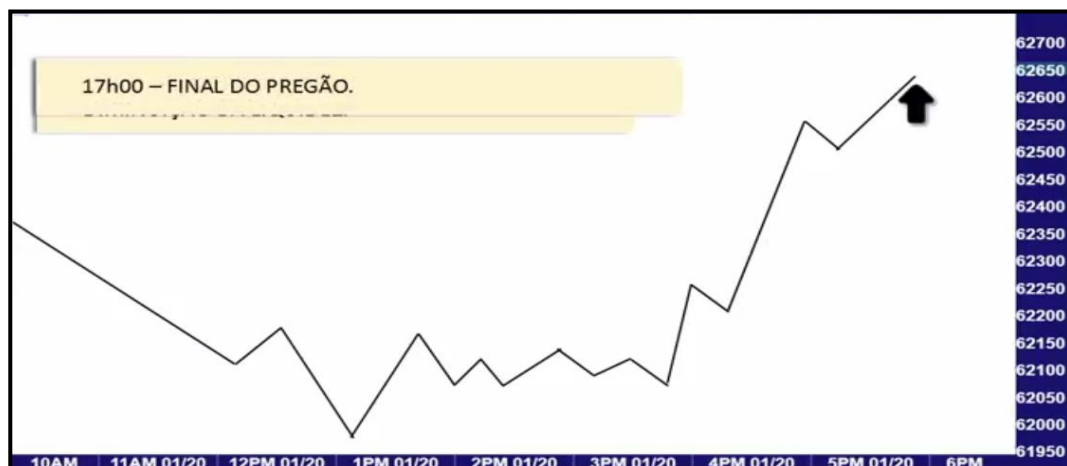
Isso ocorre porque o *trader* tem que almoçar. Mesmo os operadores de fundos de investimentos começam a recolher ordens para o final do dia. Geralmente, a desaceleração vai até às 15h:



Nesse momento, a liquidez começa a aumentar, assim como a volatilidade. E liquidez com volatilidade é muito bom. E fica em uma boa liquidez até às 16h:



Quando o mercado entra em tendência, que dificilmente é revertida, até o final do pregão às 17h:



Às 17 horas o mercado fecha.

O que percebemos nesses gráficos é que o início e o final do pregão são momentos de alta liquidez e volatilidade. No meio do pregão há pouca operação. Pessoalmente, opto pelo *day trade* com as 3 horas do início do dia e para o *swing trade* com as operações no fim do dia. Não entro para o *swing trade* em nenhuma operação antes das 11h, porque evito o amador, que geralmente tem uma ideia equivocada do mercado. A partir desse horário o mercado está um pouco mais maduro. O início do dia é mais interessante para o *day trade*.

Então, questiona-se: essa é a estratégia certa? Não, essa é a minha estratégia. Mas é aconselhável adaptar a estratégia em relação a estes pontos: liquidez e volatilidade no início e final

do pregão; e no meio, um pregão mais morno. Geralmente, a estratégia que tem sucesso no meio do pregão, não dá certo nas pontas e vice-versa.

Algo que também pode influenciar bastante são as notícias e o *trade*. Escuta-se algumas frases prontas como: “notícia boa, agora a ação vai subir” ou “notícia ruim, agora a ação vai descer”. Muitas vezes não acontece, porque a pessoa vê apenas o título da notícia. Exemplo:



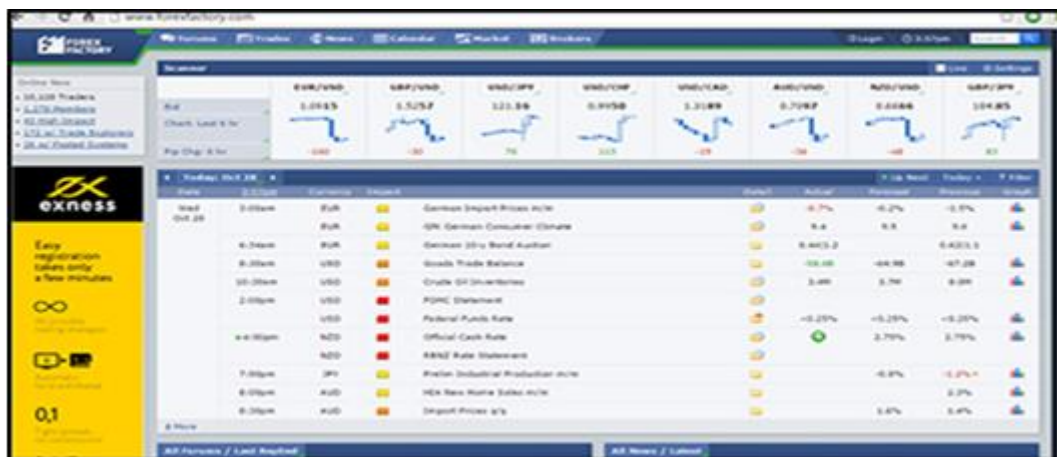
A notícia fala que o lucro da Btow3 despenca 75% no 3º trimestre. Logo, tem-se a impressão que vai cair. E naquele dia, como pode ser observado no gráfico à direita, o mercado abriu caindo 2% e fechou subindo 7%. Outro exemplo:



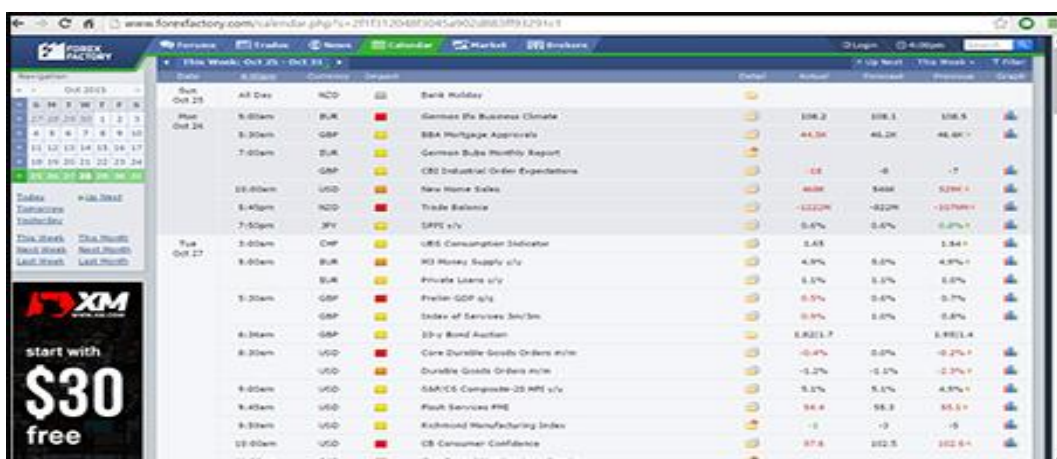
A notícia mostra que lucro líquido da Vale sobe 253% no 3º trimestre. Neste dia o preço da Vale caiu. Então, é necessário averiguar informação, não para “descobrir” para onde vai o mercado, e sim para saber onde estará a volatilidade. O *trader* não forma conceito com notícia. Ele olha o gráfico, e para onde o gráfico apontar ele opera. Não deve-se misturar as coisas! O movimento do

gráfico geralmente é contrário do que está na manchete. Geralmente. Portanto, é imprescindível a leitura da notícia para ter uma compreensão melhor, ou, saber que aquilo vai trazer volatilidade e deixar para o gráfico a direção. Sempre lembrar que notícias e gráficos são coisas diferentes. Entretanto, é importante saber que horas saem notícias relevantes para ficar mais atento ao gráfico naquele momento, prestando atenção na volatilidade. Os dados indicadores brasileiros são divulgados fora do pregão da Bovespa e os dados americanos e europeus são divulgados durante o pregão.

Local bom para obter as informações: www.forexfactory.com :



Ao clicar em calendário, aparece uma tela com todas as notícias que sairão no mundo todo:



As cores representam a importância da notícia. As amarelas são de pouca relevância, laranjas de média relevância e vermelhas são muito relevantes. E não se resume apenas a isso.

Não interessa para o nosso mercado dados sobre o Japão, Coreia. O importante é o USD (dos Estados Unidos) e o EUR (da Europa). Lembrando que isso é apenas para ficar atento à **volatilidade no horário**.

Preparação para o dia

Questionamento recorrente é qual a minha preparação para o dia antes de abrir o Índice Futuro Brasileiro. E sempre respondo que observo apenas o índice futuro americano. Então, olhe apenas este, é um mercado que abre e fecha em um horário próximo ao nosso e que todos seguem.

No site www.forexpros.pt é possível ver o índice americano:



Só abrir o site e clicar em Índices de futuros. Ao clicar aparece esta janela:

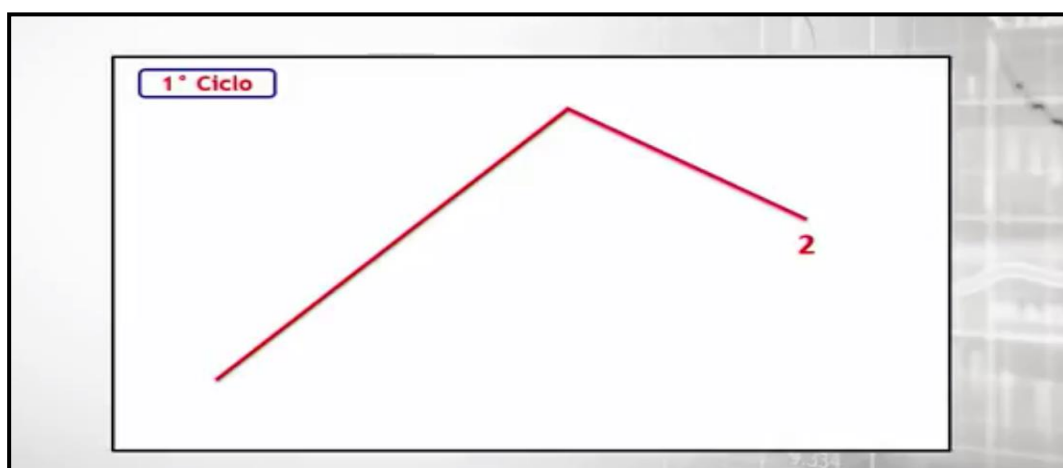


E esse S&P 500 é o Índice Futuro Americano, e tem-se uma boa noção de como vai abrir o mercado ao clicar, aparece o gráfico:

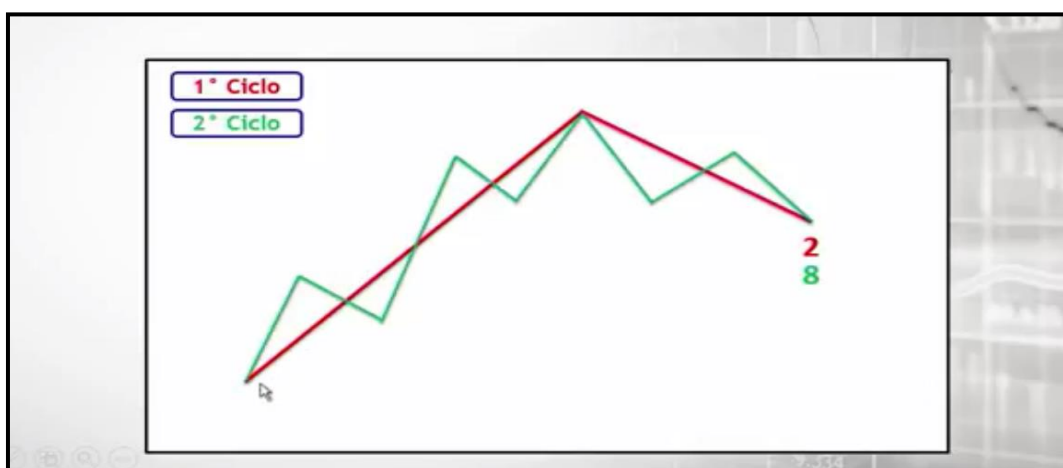


Tempo gráfico

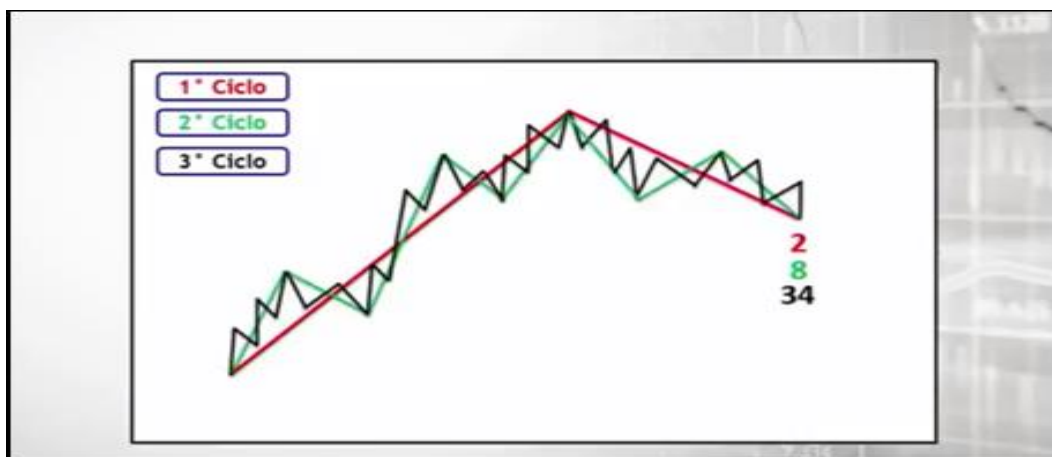
Primeiramente, é necessário entender o Φ^3 (phi ao cubo). Essa é uma teoria que conheci pelo Bo Williams, que é repetida todos dias nas salas de análise. Será aproveitada a parte mais básica para utilizar nessa separação de tempo gráfico sempre por Φ^3 . Será um pouco comentado sobre ondas e ciclos de Elliot:



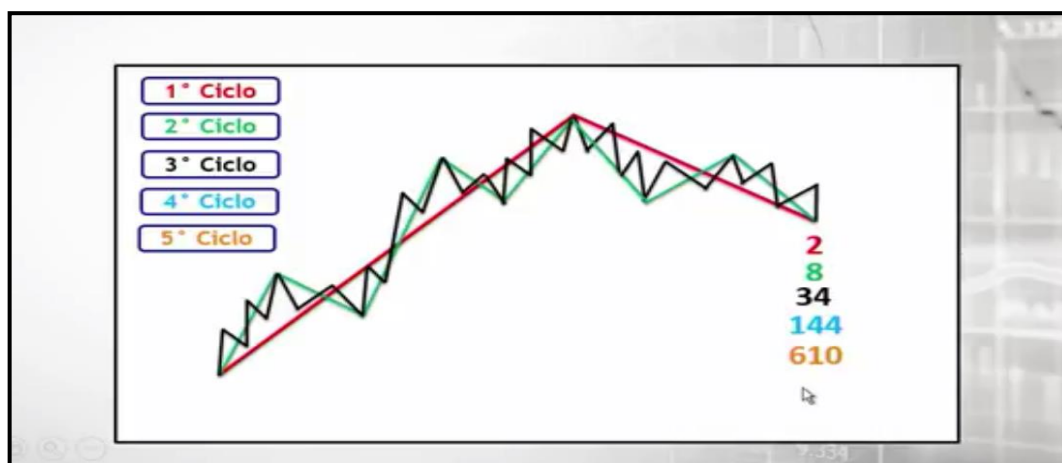
O primeiro ciclo tem duas ondas. Uma de tendência, a maior, e uma onda de correção. E dentro deste primeiro ciclo tem outros ciclos:



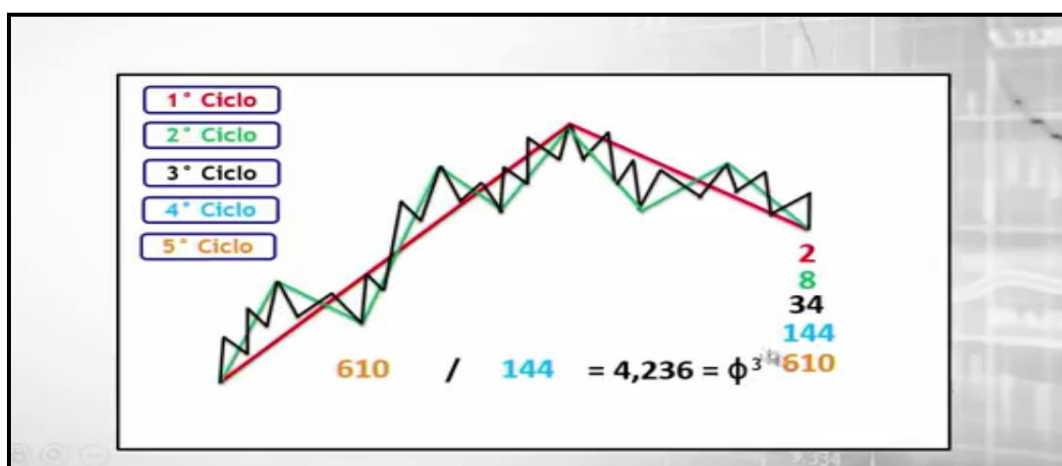
O segundo ciclo tem 8 ondas. 5 ondas a favor da tendência, que estão dentro da primeira onda do ciclo 1; e, 3 ondas contra a tendência, também chamadas de ondas a, b e c. Há um terceiro ciclo:



Nesse ciclo sempre há também 5 ondas a favor da tendência e 3 na contratendência do segundo ciclo. Até a contratendência do primeiro ciclo, tem 5 ondas na contratendência e 3 ondas no sentido da tendência. E isso é realizado por vários ciclos, sempre respeitada a seguinte proporção de ondas:



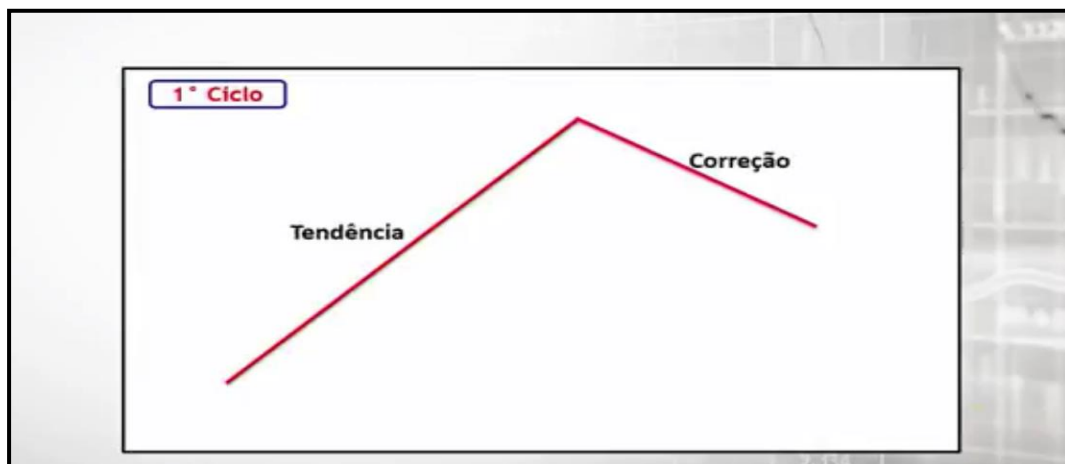
E o que o Bo Williams visualizou foi que em qualquer momento há uma relação que separa um ciclo do outro:



Essa relação é encontrada sempre que feita a divisão de ondas dentro dos ciclos. Exemplo:

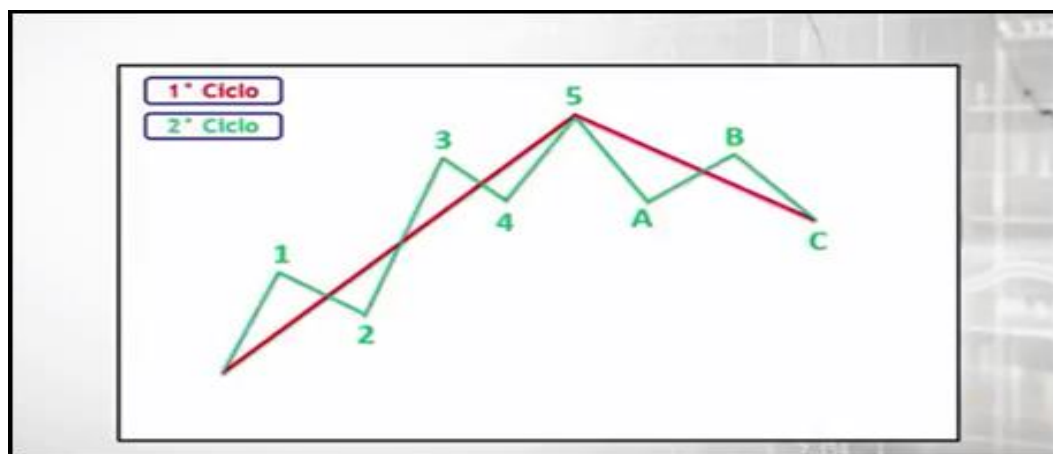
$$610/144 = 4,236 = \Phi^3$$

Então, é muito interessante separar esses ciclos por esse mesmo número. Resultam 3 referências. A primeira:



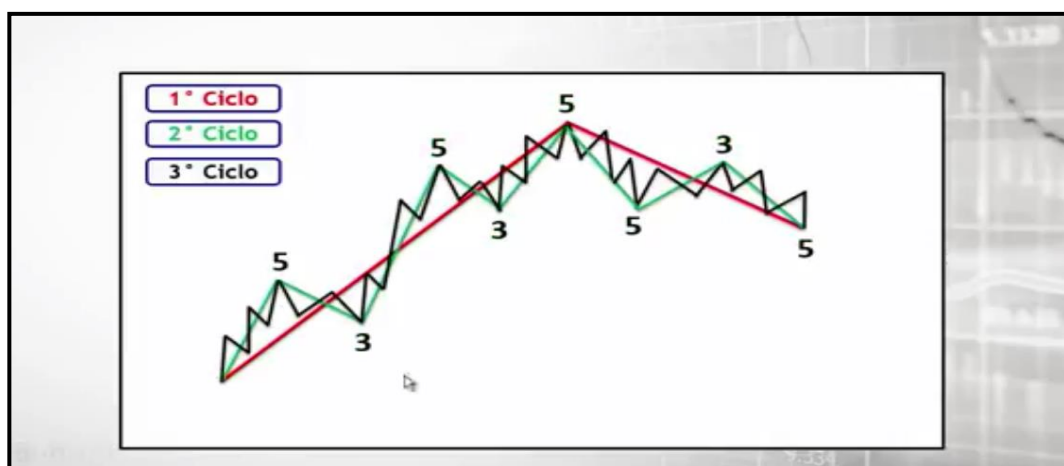
Nesta referência está a tendência e a correção.

Em seguida, a segunda referência:



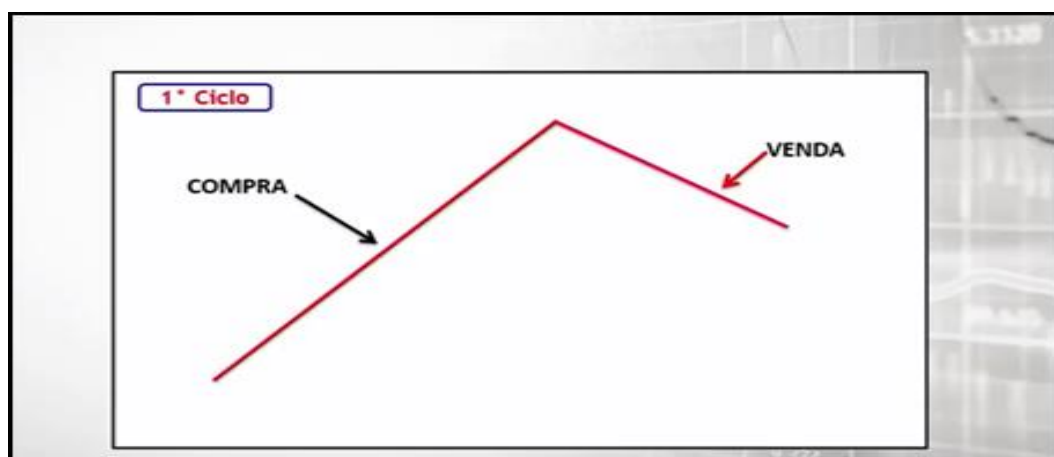
Na segunda há as ondas de um até cinco na tendência e as ondas a, b, c na correção.

E na terceira referência, a configuração fica assim:

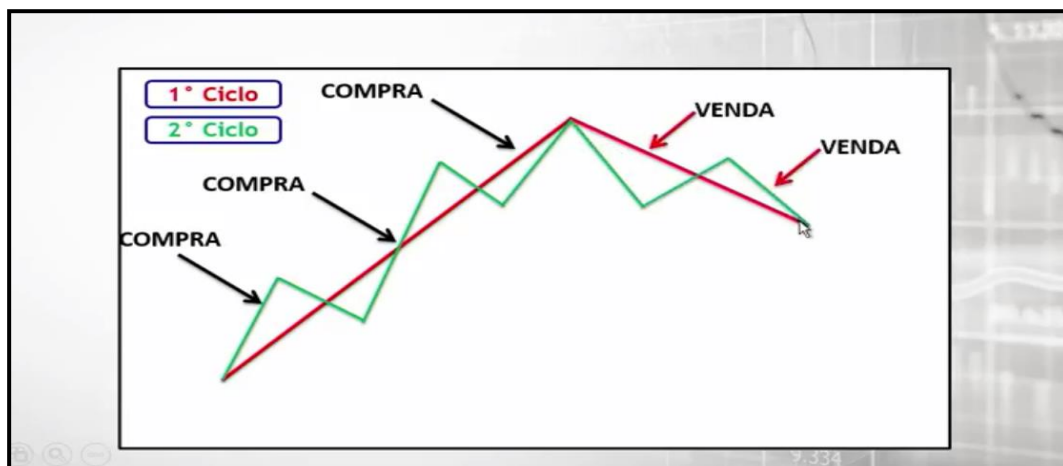


A configuração fica em números de onda. 5, 3, 5, 3, 5 ondas na tendência e 5, 3, 5 na correção.

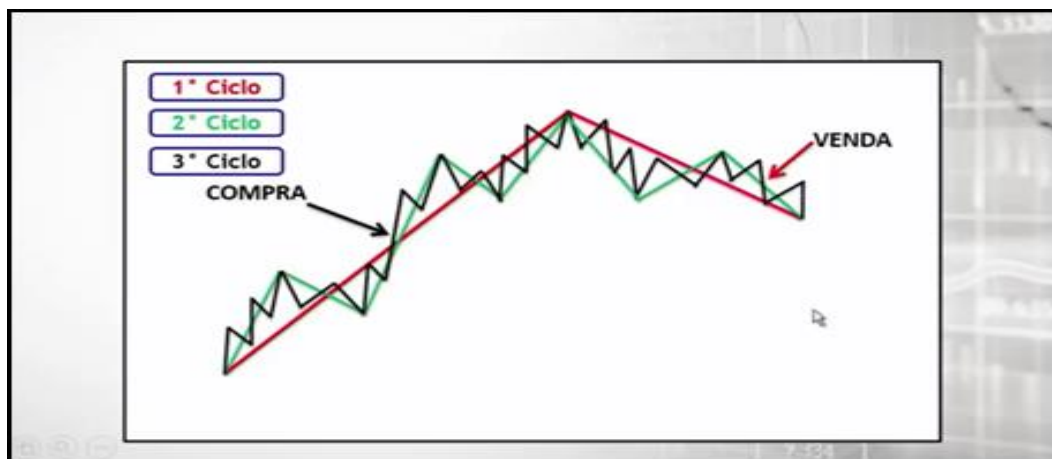
É interessante também utilizar essas referências e ondas da seguinte forma:



Quando o ciclo estiver subindo, comprar e quando estiver descendo, vender. E ao utilizar as 3 referências o filtro fica melhor. Como se o primeiro ciclo fosse um grande tempo gráfico. O segundo ciclo seria um ciclo menor, onde se olharia as operações:



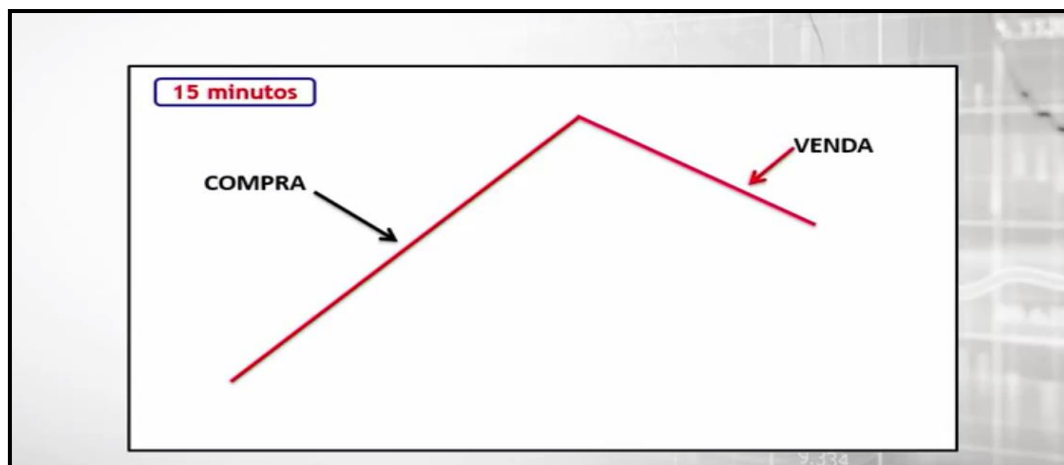
Quando o primeiro ciclo está em tendência de compra, no segundo ciclo ou tempo menor, enxerga-se onde efetuar as compras. E se o primeiro ciclo está em correção, no segundo ciclo ou tempo menor, vê-se onde efetuar a venda. Só realiza a operação quando os dois estão olhando para o mesmo lado (na mesma direção). No terceiro ciclo, é possível ser muito mais seletivo:



Observar: quando os três ciclos estão olhando para cima, efetua-se uma compra. Ou, quando os três estão olhando para baixo, efetua-se uma venda.

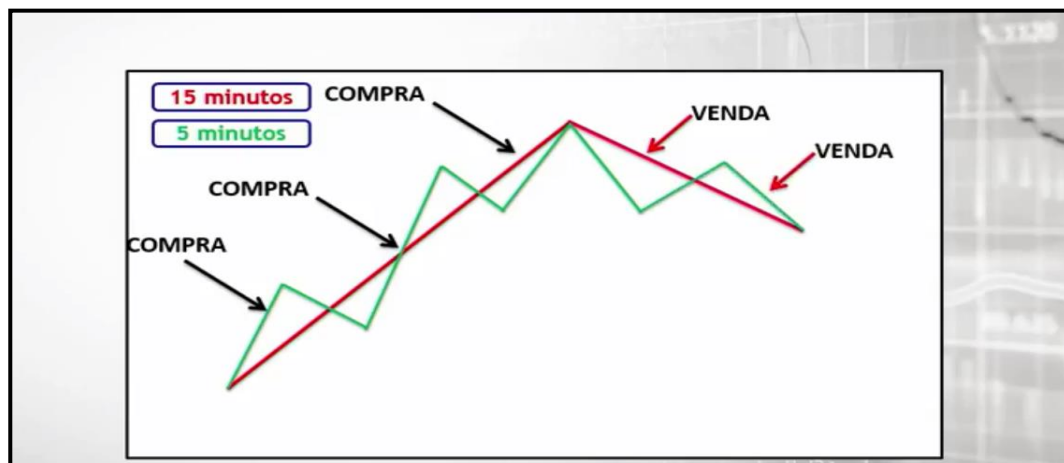
Tempo gráfico para o Day Trade

No Day Trade, o gráfico de 15 minutos é a referência. Como se fosse o primeiro ciclo:



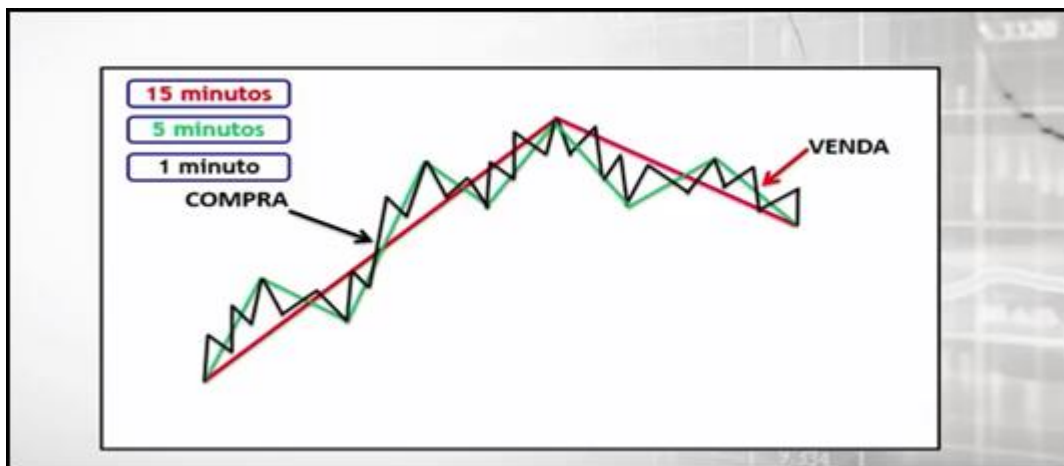
Ou seja, se os 15 minutos está em ascendência, apenas compra-se, e se estiver caindo, opta-se pela venda.

É no gráfico de 5 minutos, o mais utilizado, que cerca-se a operação, escolhe o ponto de entrada e gerenciamento de risco. Na minha rotina, passo 90% do tempo apenas no gráfico de 5 minutos. E, então, utilizo o gráfico de 15 minutos, que é o meu primeiro ciclo:



Quando tenho os dois tempos gráficos subindo, efetuo uma compra. E quando os dois gráficos estão caindo, vendo.

E o terceiro ciclo seria o gráfico de 1 minuto. Ele funciona como ajuste fino para entrada e mudança de *stop* nas ações que têm boa liquidez:



Dessa forma, quando os 3 tempos gráficos estão subindo pensa-se em compra. E quando os três estão caindo, em venda.

E mais uma vez, a teoria parece muito simples, porém, é muito difícil fazer essas operações no dia a dia. No começo, tem-se a impressão que é impossível olhar esses 3 tempos gráficos antes de fazer uma operação de *day trade* por perder muito tempo. Mas eu, quando comecei a construir casas, logo após terminar engenharia civil, me perdia na quantidade de areia e aço para comprar: “Será que vai aguentar? Será que não precisa de mais cimento? ”. E era um tormento. Depois de construir mais de 1000 casas populares, apenas olhava para o traço do concreto e sabia se aquilo estava bom ou não. Em síntese, ao começarmos a fazer alguma coisa é natural que haja alguma dificuldade. Com o passar do tempo, tudo isso será automático e não será necessário ficar mudando de tempo gráfico para saber como está o outro. Atualmente, não preciso olhar o gráfico de 15 minutos para saber como está. Geralmente, da análise do gráfico de 5 minutos é possível deduzir. Porém, para começar a operar, fazer as primeiras 100 vezes, é necessário fazer um modelo, que se assemelha a este:



Este é um gráfico do Índice Futuro de 5 minutos e está corrigindo na média móvel (será tema nos próximos capítulos). Verifica-se a possibilidade de efetuar uma compra:



A compra seria efetuada no rompimento do *candle*, na linha preta.

Observe o gráfico de 15 minutos:



Ao observar apenas a linha laranja, que é uma média móvel de 72 períodos (será abordada mais adiante), se o preço do gráfico de 15 minutos está acima da média móvel de 72, linha laranja, já é o suficiente para querer comprar no gráfico de 5 minutos. Ou seja: o gráfico de 5 minutos está dando compra, como está o gráfico de 15? Acima de 72? Confirmado! Pode-se comprar porque o gráfico de 5 está indicando compra e o 15 minutos também. Então, observe o gráfico de 1 minuto:



No gráfico de 1 minuto o preço ainda está em tendência de baixa, fazendo topos e fundos descendentes. Ou seja, ainda não autorizou efetuar a compra. Necessário esperar um pouco mais:



Após, acaba por romper o fundo e começar a lateralizar. Analise-se novamente se é possível uma compra ao romper a linha preta:



Se romper, a linha entre 55400 e 55500 seria onde eu efetuaria a compra. Passamos para nova análise do gráfico de 15:



O preço está acima da média móvel de 72? Ainda está. Então é permitido, com autorização do gráfico de 15 minutos. Confirmado! Vamos para o próximo, o de 1 minuto:



Nesse gráfico, no rompimento da linha preta, teremos topos e fundos ascendentes. Ou seja, teremos tendência de alta no gráfico de 1 minuto.

Surge a vontade de comprar no gráfico de 5, se romper na linha preta. Se acontecer, temos o que segue:



Ultrapassa a média de 72 e, além disso, vai fazer um fundo mais alto do que o fundo anterior e um topo mais alto do que o topo anterior. Isso é teoria de Dow, que será esclarecida adiante. Então, o de 1 minuto também autoriza a comprar no gráfico de 5 minutos:



E com os 3 tempos olhando para cima é muito mais fácil o gráfico subir.

Mais um exemplo, GGBR4 no gráfico de 5 minutos:



O preço estava próximo ao fundo, sendo uma possível venda se perder essa região entre R\$ 6,00 e R\$ 6,02. Para vender, observa-se o gráfico de 15 minutos:



O gráfico de 15 minutos mostra o preço abaixo da média móvel de 72, a linha laranja. Confirmado! Então é possível vender, uma vez que o gráfico de 5 e o de 15 minutos estão caindo. Observemos agora o gráfico de 1 minuto:



Se o preço no gráfico de 1 minuto cair abaixo de R\$ 6,01, também está abaixo da média e vai romper um fundo importante ajudando na venda. Assim, se romper este ponto efetua-se a venda:

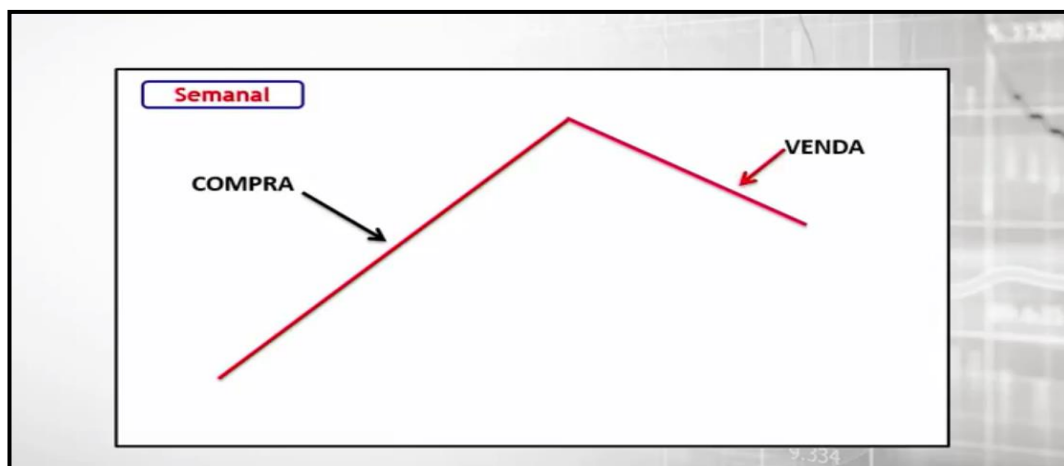


E com essa estratégia, o mercado movendo a favor, ganha-se bastante e se for contra, perde-se pouco. Mesmo se o resultado for positivo apenas em 50% das operações, deve-se insistir, uma vez que operando a favor da tendência ganha-se mais quando dá certo, do que perde-se quando toma *stop*.

Em síntese, não é necessário medir distâncias da média móvel de 15 minutos, calcular inclinação, cruzamento. É só estar acima ou abaixo da média.

Swing Trade

No *swing trade* também utiliza-se as 3 referências de tempo, os 3 ciclos. Porém, esses 3 gráficos são ao mesmo tempo, semanal, 60 minutos e diário:



O semanal é como se fosse o primeiro ciclo. Só é aconselhável comprar quando está acima da média móvel de 72 e vender quando está abaixo da média móvel de 72.

O gráfico diário é o lugar onde a operação é cercada, onde passa 90% do tempo, escolhe-se o ponto de entrada e gerencia-se o risco. Um exemplo:



BRPR3 no gráfico diário ao romper a linha preta, em R\$ 11,50 pode dar uma boa compra. Observe o gráfico semanal:



No gráfico semanal, o preço está acima da média de 72, confirmando uma possível compra na linha preta em R\$ 11,50. Segue o gráfico de 60 minutos:



Também na linha preta, em R\$ 11,50, está acima da média móvel de 72 em tendência de alta, dando a possibilidade de compra. Com essa condição fica muito mais fácil operar.

Compartilhando a minha experiência pessoal, de todas as regras que criei, essa é a que melhor coube na minha estratégia. A que me trouxe mais tranquilidade, e consigo fazer um filtro muito mais resiliente. Então, quando surge uma oportunidade e não tenho os 3 tempos se adequando à minha estratégia, não entro na operação. Esta é a regra mais importante que criei para a minha estratégia na parte de análise técnica.

Estratégia de correção na Média Móvel

Como mencionado anteriormente, toda estratégia precisa ser muito objetiva. É necessário saber exatamente a hora de comprar, vender e sair quando chegar no alvo. Tudo precisa estar muito bem calibrado para que não haja dúvida na hora de entrar na operação.

Antes de introduzir o tema de médias móveis, é necessário fazer algumas observações sobre Análise Técnica. Muita gente torna a Análise Técnica algo complexo, cheio de variáveis difíceis de serem calculadas. Não é raro encontrar *traders* que utilizam 5 ou mais indicadores para tomar decisões de compra e venda. Isso tira o foco de questões consideradas mais importantes, como o gerenciamento de risco.

Em suma: a Análise Técnica precisa ser simples. E nada mais simples do que uma média móvel. Todos já usaram o conceito de média, iniciando quando criança ao calcular as médias da nota para conseguir aprovação na escola, ou quando adulto, por exemplo, calculando a média de tempo para chegar no trabalho. Portanto, quando fala-se de uma média móvel, nada mais é do que uma média do preço de fechamento dos últimos X pregões ou períodos dos gráficos *intra day*.

E o certo é o preço ficar na região da média móvel. Às vezes tem alguma distorção, mas não aposta-se no aumento desta, e sim no retorno até a média, do mesmo modo que após um feriado a média de tempo para chegar ao trabalho aumenta, mas no dia seguinte tudo volta ao normal.

Portanto, esse estilo de operação de correção na média, existe justamente porque a tendência é que o preço volte até ela, e quando isso acontece é usual que apareçam boas operações de compra e de venda.

Entretanto, antes de explicar por completo esta estratégia, é necessário o estudo de uma das teorias mais aceitas na Análise Técnica, que é a teoria de Dow. Ela trará bases mais sólidas para a compreensão completa da estratégia das médias móveis.

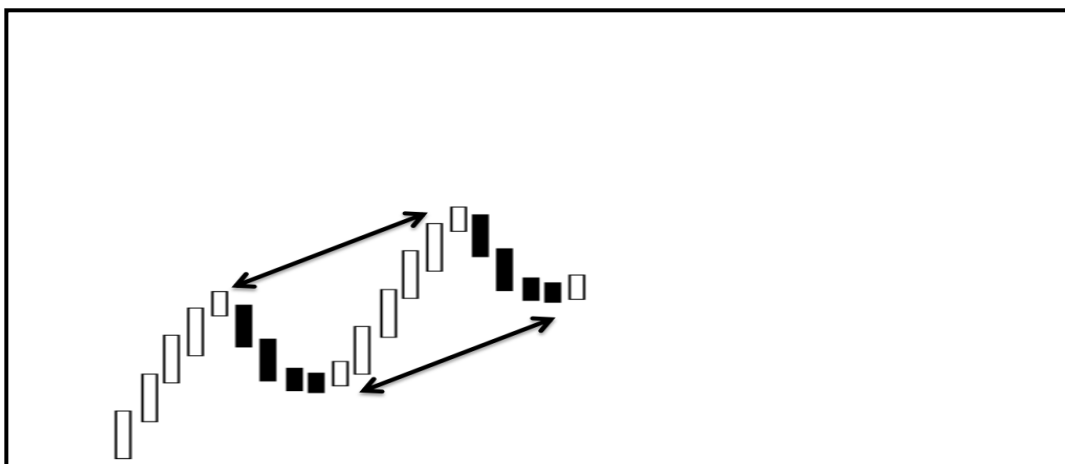
Teoria de Dow

Tendência de alta

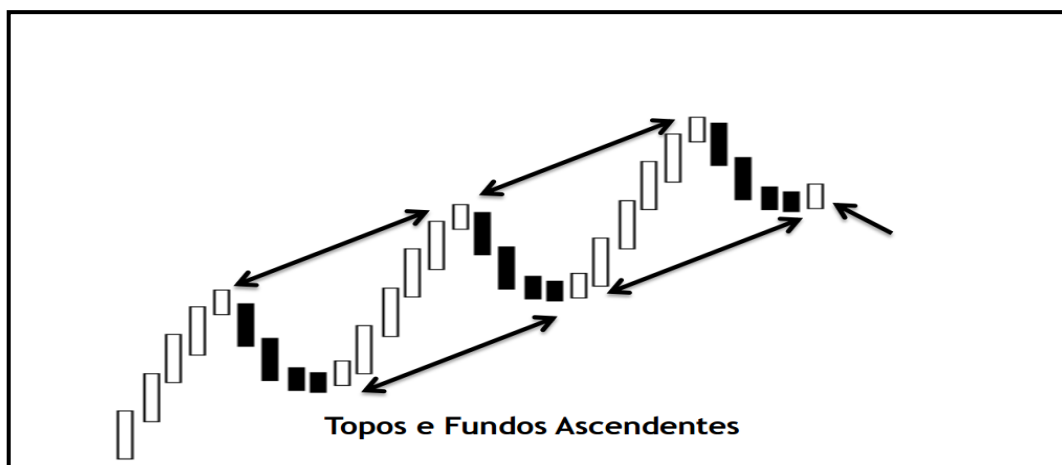
Já foi dito que a Análise Técnica tem que ser simples e a teoria de Dow não é diferente. Foi desenvolvida em 1884 por Charles Henry Dow e tornou-se a base da Análise Técnica. Junto com o sócio, Edward Jones, criou o primeiro índice americano, sendo até hoje um dos mais importantes, o Índice Dow Jones. E Charles Dow falava uma coisa muito interessante: “O mercado move-se em tendências”. O autor comparava esta tendência com as ondas do mar, em uma maré, que enchia na tendência de alta:



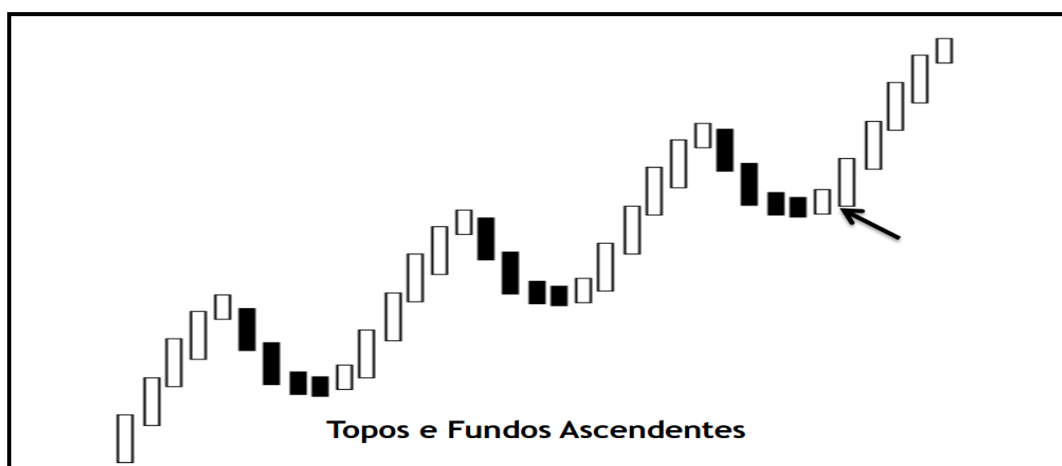
Então, explicava que cada onda que invade a praia, entra um pouco mais e recua um pouco menos do que a onda anterior. Assim, esta seria a segunda onda:



A onda invade um pouco mais a areia da praia e recua menos que a anterior. E isso nada mais é do que o mercado fazendo topos e fundos ascendentes:



E quando o preço volta um pouco e começa a vir outra onda é o ponto onde deseja-se comprar:



Esta seta anterior seria um ponto onde quer-se comprar, pensando na possível subida com mais uma perna de alta, buscando sempre a maré invadindo um pouco mais a praia.

Apresenta-se o padrão da tendência de alta:



No gráfico acima, essa subida longa seria a onda invadindo a praia e a descida do preço seria o recuo, geralmente em uma região de média móvel:



No ponto da seta deseja-se comprar, para pegar a próxima subida, onde é muito provável que tenha outra onda na tendência, invadindo um pouco mais a praia do que a onda anterior:



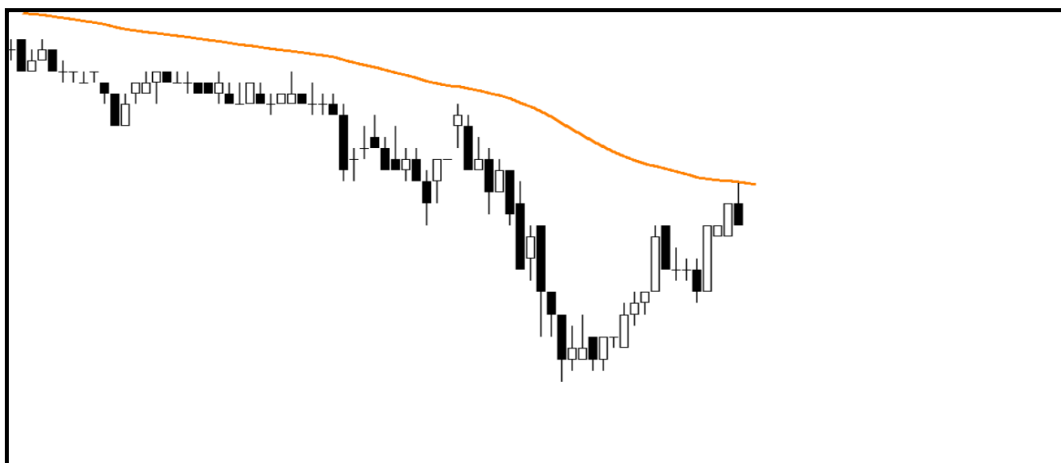
Tendência de baixa

Charles Dow comparava a tendência de baixa com a maré que estava baixando. Explicava que cada onda invadia um pouco menos a praia do que a onda anterior e também fazia um recuo um pouco maior:

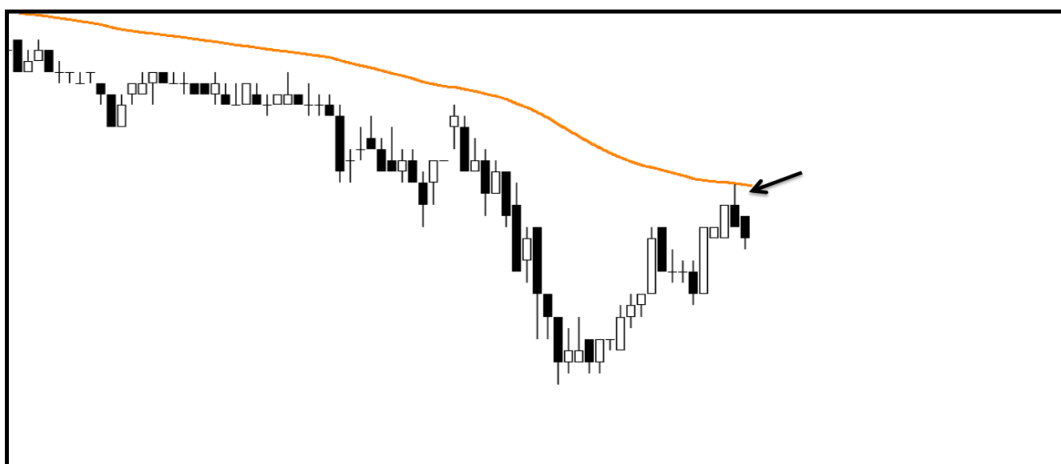
Quando o preço chega à região da última seta, é de se imaginar que o preço vai fazer mais uma onda de baixa. Portanto, este ponto seria de interesse em venda:



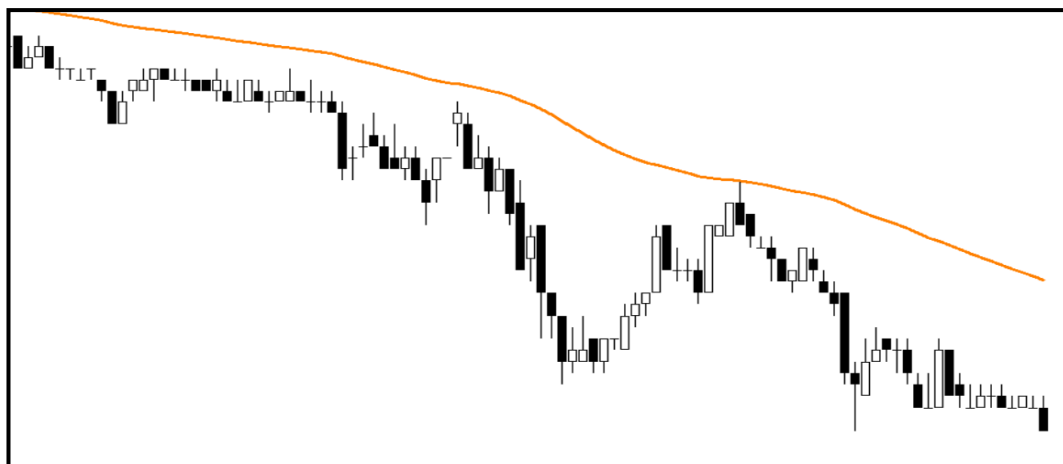
Como no exemplo seguinte de um ativo e tempo gráfico qualquer:



Houve a onda para baixo, recuou, invadindo a onda um pouco abaixo do topo anterior, geralmente batendo em uma região de médias móveis. E a partir do momento que começa a cair deseja-se a venda:

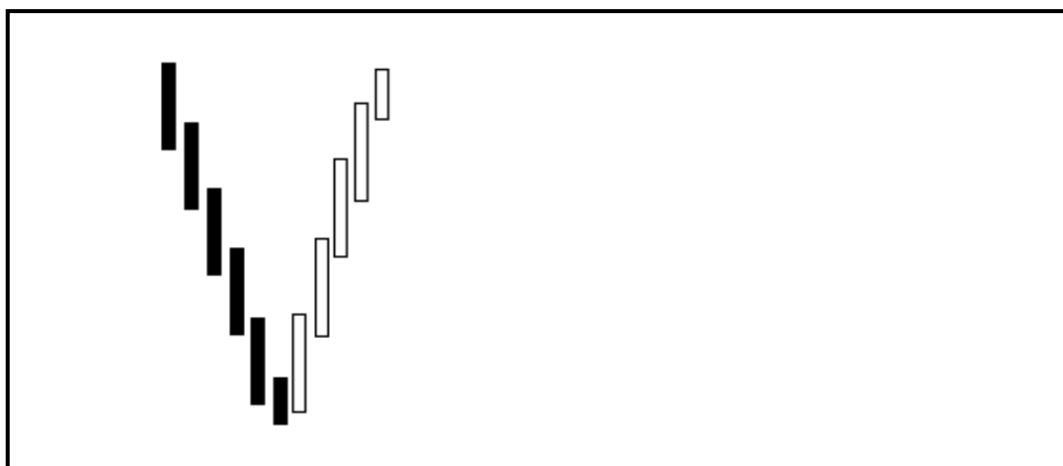


Na seta haveria uma possível entrada de venda, com o início da queda, porque sabe-se que há uma grande chance da próxima onda voltar um pouco mais do que a anterior dando continuidade na tendência de baixa:

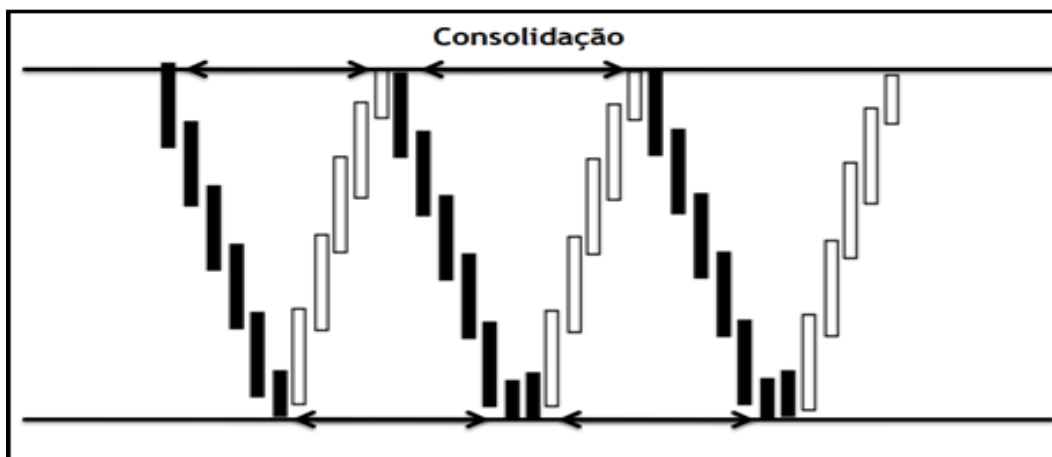


Consolidação

E por fim, Charles Dow falava de uma terceira tendência, que é definida quando os preços não conseguem fazer nem topos e fundos ascendentes, nem topos e fundos descendentes:



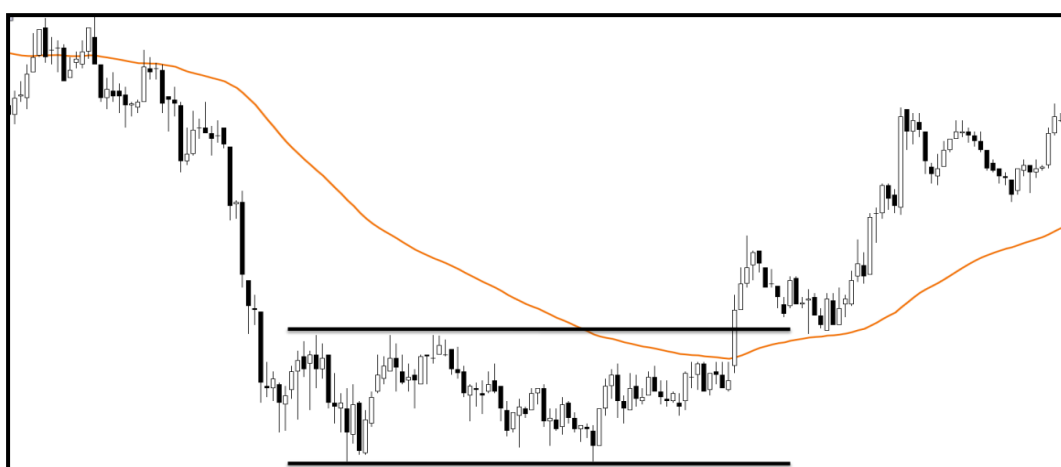
Ou seja, quando o mercado está em consolidação ou sem tendência:



Também é possível traçar linhas de suporte e resistência, assim como linhas de tendência de alta e de baixa, que será abordado em outro tópico. Um exemplo gráfico:



Na hipótese, o preço não está rompendo topos, nem fundos. Apenas a partir do rompimento dessas linhas que é possível fazer boas operações:

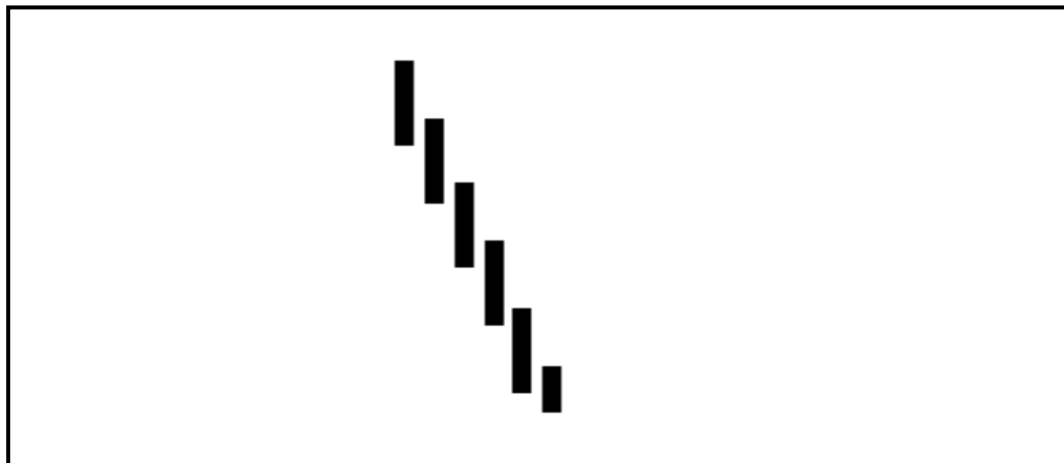


Outro ponto interessante que Dow falava é que: “a tendência vigente dura até ser substituída por outra oposta”. Muitos tentam desenvolver indicador, teoria, para tentar achar onde está o fundo

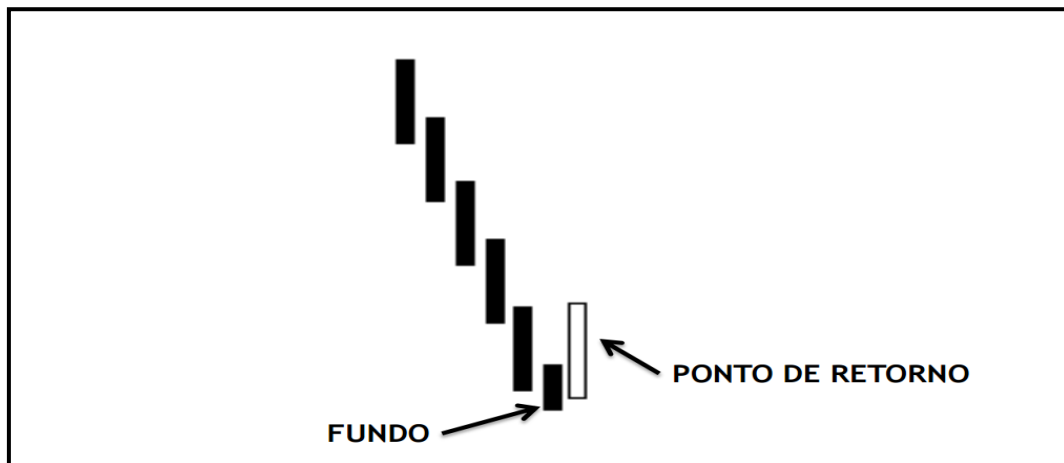
e o topo. E desde 1884 Charles Dow sabia que era uma missão quase impossível. É necessário acreditar na tendência até que ela mude. Se o gráfico entrou em tendência de alta, pensa-se em compra e caso entre em tendência de baixa, pensa-se em venda.

Porém, sempre observa-se uma subjetividade muito grande na teoria de Dow. Muitas vezes, porque ocorrem movimentos muito consistentes, é possível realmente enxergar essas ondas com muita clareza. E às vezes, os movimentos são muito rápidos, dificultando vê-los com objetividade. Com essa percepção, comecei a desenvolver alguns métodos para facilitar a identificação destes padrões: qual tamanho mínimo deve ser considerado para aquele movimento ser relevante? Para abordar o questionamento, abordaremos o ponto de retorno.

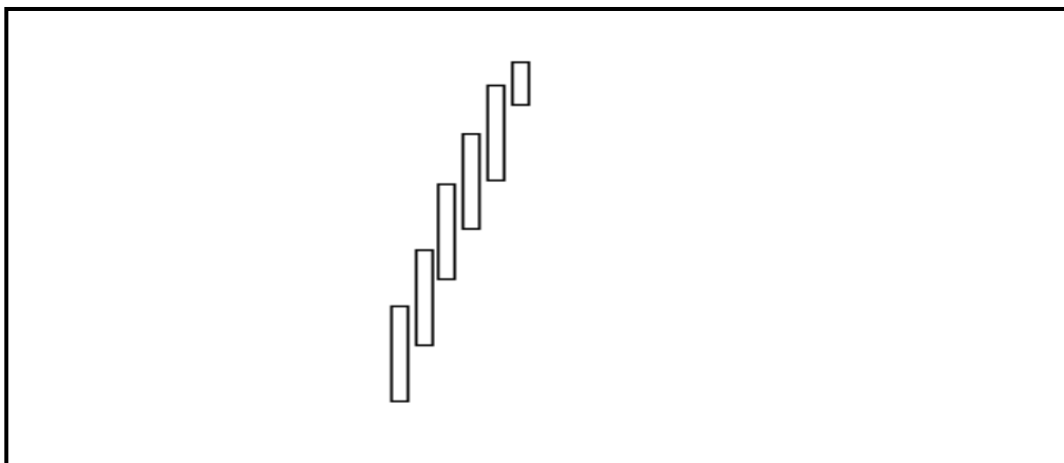
O método tornou-se conhecido para este autor com o Márcio Noronha, um dos primeiros analistas técnicos do Brasil. Em uma palestra que fizemos juntos na extinta Expo Money (feira de negócios voltada para o Mercado Financeiro), ele apresentou um gráfico diário do Banco do Brasil em papel milimetrado. Na época não existia os softwares atuais que traçam média móvel, volume, *candles*. Um dos conceitos apresentados foi sobre ponto de retorno, para explicar um pouco sobre topo e fundo. Afirmou que nunca sabe-se onde estarão os próximos fundos e topos, mas tem-se que identificar os que ocorreram no lado esquerdo do gráfico para verificar qual a tendência. Acrescentou que o ponto de retorno é a maneira mais rápida e fácil para identificar uma mudança temporária na direção do preço. Eis um exemplo:



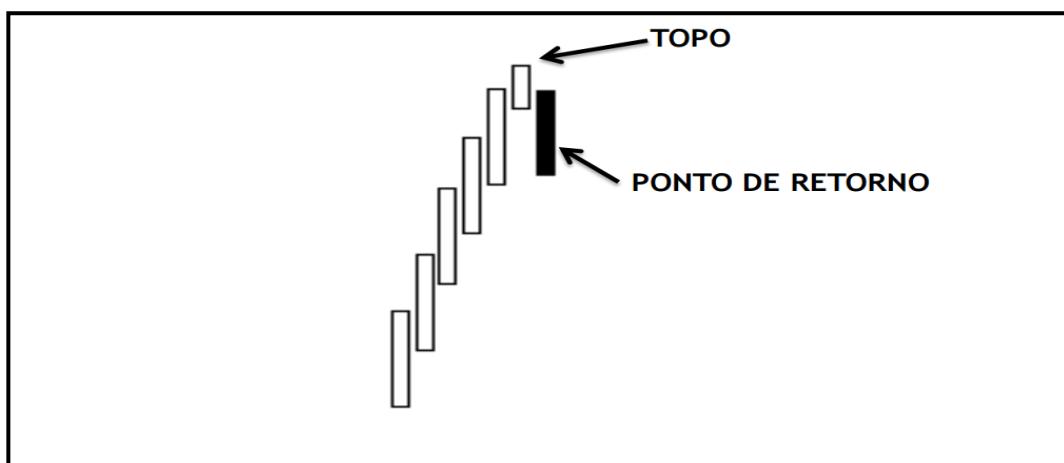
Esta é uma série de *candles*. O *candle* seguinte sempre deixa uma mínima menor do que o *candle* anterior. Observa-se que ao longo do tempo o preço cai, e de repente, há uma mudança desse padrão:



O *candle* branco tem de diferente dos outros anteriores uma mínima e uma máxima maior do que o do *candle* anterior, assim é definido o ponto de retorno. E Márcio o conceitua: “fundo é o ponto mínimo alcançado antes do ponto de retorno”. Algo parecido ocorre com o mercado em alta:



Verifica-se um padrão de *candles*, que deixam mínimas sempre maiores do que os *candles* anteriores. Até que ocorre uma mudança de padrão:



No *candle* preto, tem-se uma mínima menor do que o topo anterior, mostrando um ponto de retorno. Ou seja, no *candle* anterior, o ponto máximo do movimento, é caracterizado como topo. Nesta hipótese, Márcio define: “topo é o ponto de preço mais alto alcançado antes do ponto de retorno”.

Um problema observado na questão da teoria de Dow e de topos e fundos é exatamente o tamanho do movimento. Algumas vezes têm dois *candles*, um subindo, outro caindo e já concluiu-se a mudança da tendência. Entretanto, para afastar-se da manada é necessário conhecer de forma objetiva quantos *candles* têm que ter entre dois fundos e dois topos.

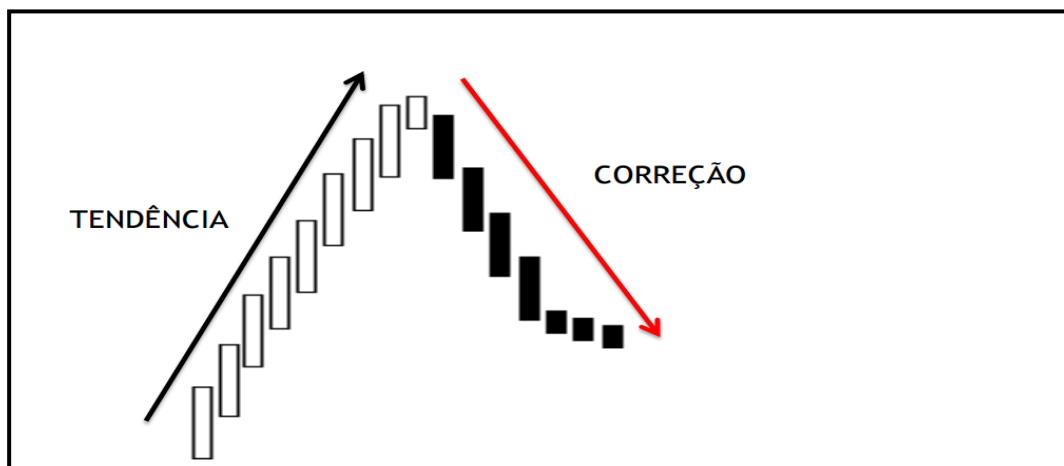
Observe o seguinte gráfico:



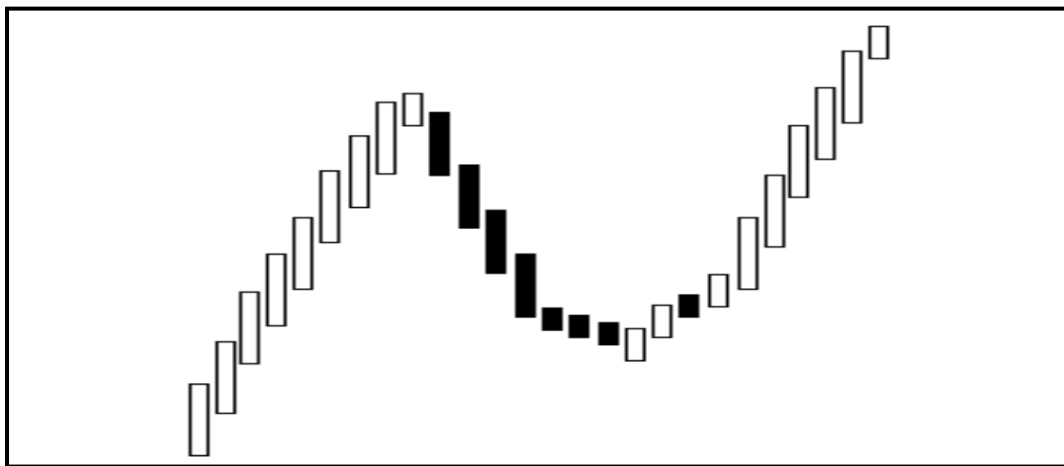
Ao fazer uma análise criteriosa, verifica-se que todos os pontos em que as setas estão apontando para cima poderiam ser um fundo, por ter um ponto de retorno. E, todos os pontos, onde a seta está apontando para baixo, poderiam ser um topo, por ter um ponto de retorno em seguida. Então, quantos topos e fundos têm neste gráfico?

Sem a definição de quantidade de *candles* a teoria de Dow fica muito subjetiva, e é imprescindível uma análise técnica objetiva.

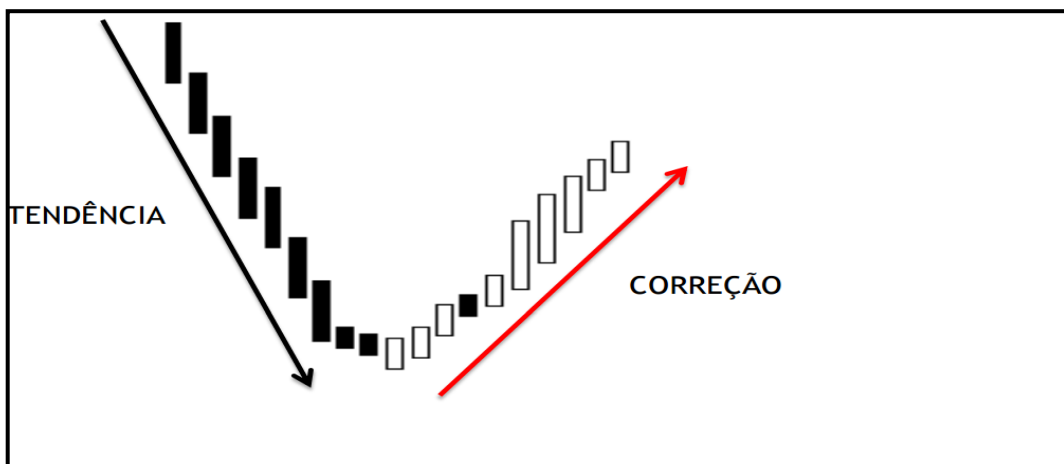
Bo Williams sempre frisa um número importante para essa separação de tempo do mercado, com a teoria *PhiCube*. Ele sempre destaca o tamanho do movimento, que é utilizado justamente para separar esses tempos gráficos, mostrando qual tamanho o movimento deve ter para que seja considerado completo. E este movimento apresenta duas ondas:



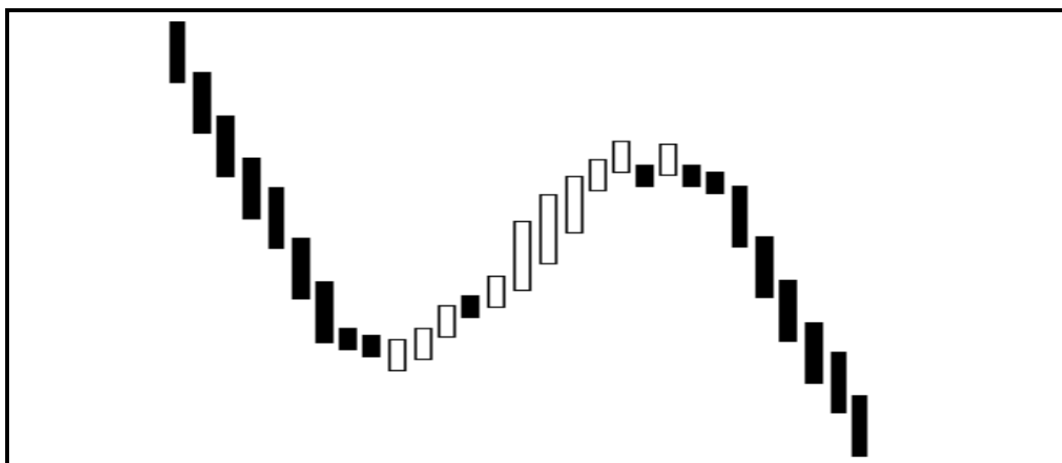
Uma de tendência e uma de correção. A partir disso surge uma terceira onda de tendência novamente, mostrando o movimento completo de alta:



O movimento de baixa começa com dois movimentos:

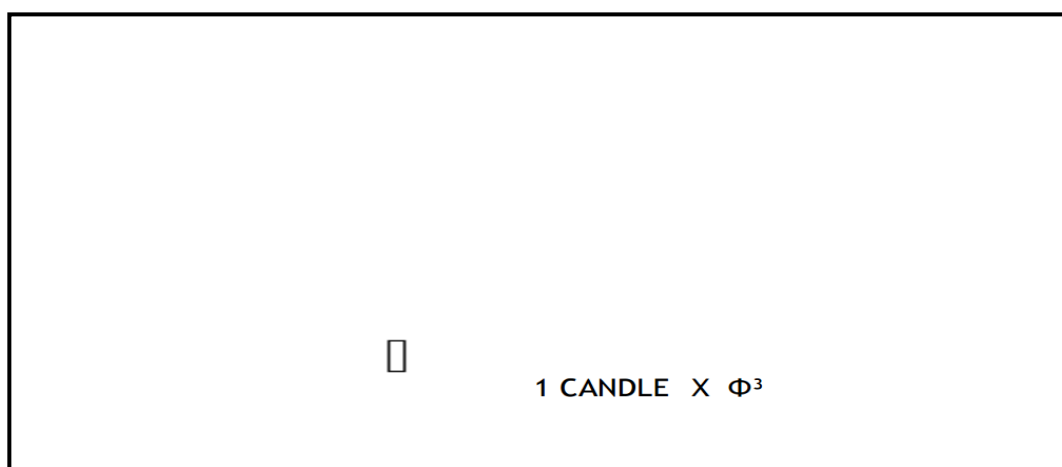


Uma onda de tendência de baixa com uma correção. Em seguida, uma outra onda de tendência:

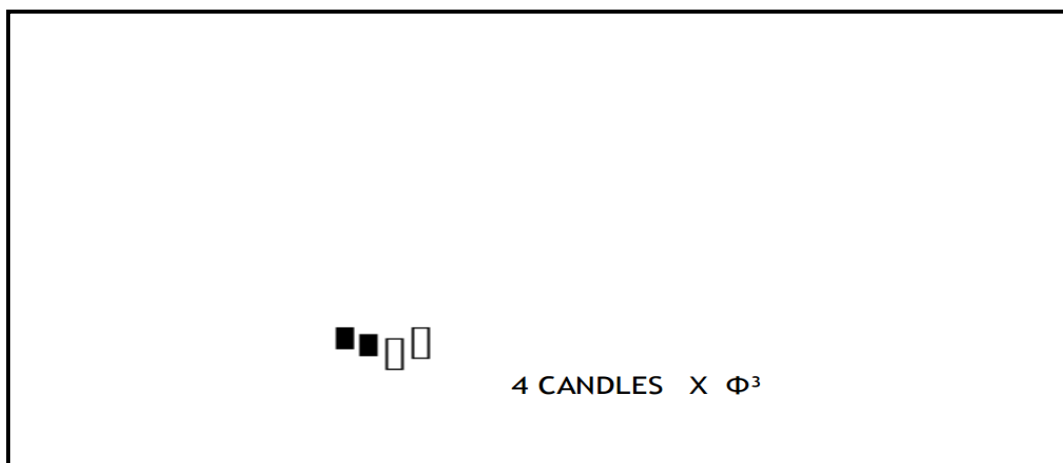


Questiona-se: quantos *candles* são necessários, independentemente do tempo gráfico, para que se identifique no movimento uma tendência de alta ou baixa? Usaremos os ensinamentos do Bo Willians para explicar.

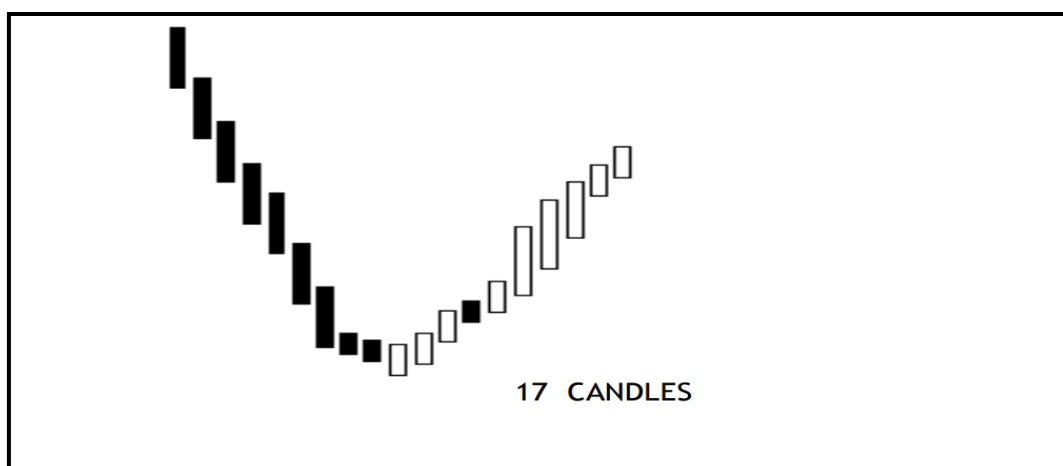
A menor referência que temos no gráfico é apenas um *candle*. Com apenas um *candle* é possível identificar uma tendência de alta ou de baixa? Não! Portanto, essa pequena referência não será útil. Assim, multiplica-se esse único *candle* por Φ^3 :



Φ^3 é igual a 4,236, chega-se a segunda referência. Por causa da impossibilidade de análise, arredonda-se 4,236 *candles* para 4. E essa segunda referência passa a ser um pouco mais interessante do que um *candle*. Mas ainda não é suficiente para definir o tamanho do movimento apenas com 4 *candles*. Então, multiplica-se os 4 *candles* novamente por Φ^3 , que resulta na terceira referência:

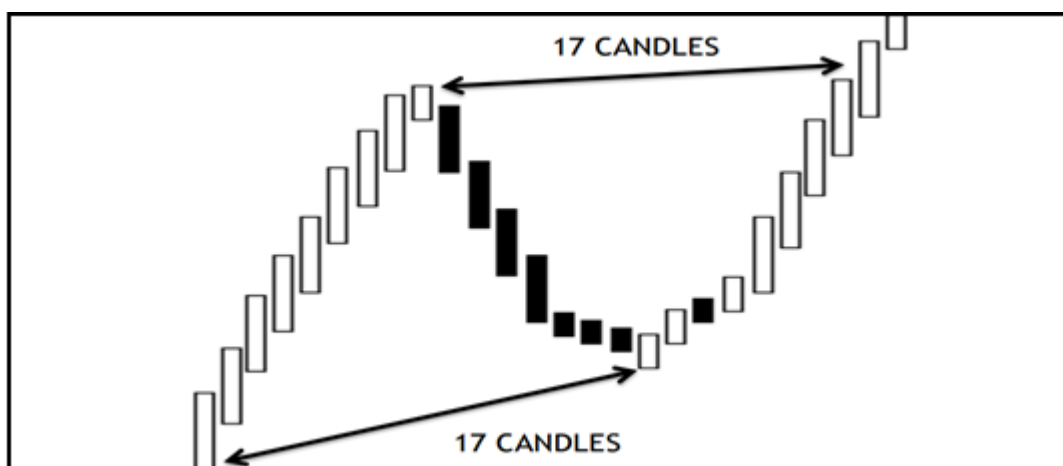


E 4 vezes Φ^3 é aproximadamente 17 *candles*:



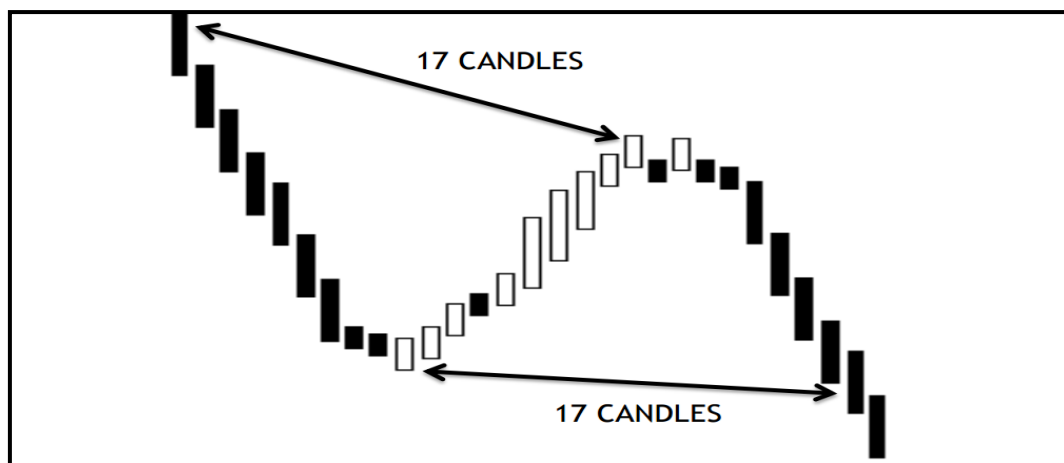
Com 17 *candles* fica muito mais fácil ver um movimento e enxergar um padrão de tendência de baixa ou alta. Conclui-se, portanto, que 17 *candles* é o número que faz a teoria de Dow ficar objetiva.

Assim, para que se considere um movimento completo, observa-se seguinte:



Necessário ter 17 *candles* de distância entre dois fundos, e 17 *candles* de distância entre o rompimento do topo. No movimento de alta, se o movimento é menor do que a imagem acima, desconsidera-se. O movimento tem que ser maior do que 17 *candles*.

A tendência de baixa:



Imprescindível ter uma distância de 17 *candles* entre topos, assim como fundo e rompimento. Se houver menos do que isso, desconsidera-se o movimento, que, pessoalmente denomino “marolinha”.

Observe novamente o gráfico:



Analisa-se os topos e fundos colocados e inicia a contagem da distância entre possíveis topos e fundos:



Ao final, transforma-se algo completamente subjetivo em objetivo, apenas contando os 17 *candles* de distância.

A partir dessa definição, tudo fica mais claro.

Antes de utilizar o método descrito acima, ao analisar, por exemplo, o gráfico da BRML3, conclui-se o que segue:



Toda linha preta traçada é um movimento, e uma reversão de tendência. Mas geralmente isso não acontece e surge a frustração, porém, depois de contar o movimento, tudo fica mais claro e simples:



As reversões de tendência acontecem menos vezes e, usualmente, fica-se mais tempo do lado da tendência.

Há um conflito muito grande para determinar se é o momento, se está em tendência de alta ou baixa. Resulta em muitos comentários, como: IBOV vai subir 20 mil pontos no mesmo dia, e outros, que vai cair 50 mil pontos. Exemplo:



Este é o gráfico diário do IBOV. A análise fica confusa antes de saber a contagem dos *candles*, uma vez que tende-se a concluir que todas as linhas pretas são reversões de tendência.

Aplicando o conhecimento da contagem do *candle*, tudo fica mais explícito:



Exemplificando: a imagem acima mostra um conjunto de topos e fundos ascendentes ou descendentes? Ascendentes! E agora fica claro, deixa-se de observar as “marolinhas” e passa para os movimentos mais consistentes, longos e representativos, que são aqueles que farão preço no longo prazo.

Voltando ao conceito de médias móveis.

Caso questione-se a diversos *traders* qual média móvel eles utilizam, as estratégias descritas serão as mais variadas. Por exemplo, Oliver Velez, utiliza média móvel de 200 períodos, empregada como suporte e resistência. Muitos preferem usar o cruzamento de médias, que costuma ter muito sucesso quando o mercado está em tendência e nem tanto em momentos de consolidação. Outros gostam de comprar ou vender quando o preço cruza uma determinada média. Eu, particularmente, gosto de usar média móvel apenas para momentos em que o preço recua até as médias, sendo que estas servem como ponto de referência de compra ou venda, seguindo a teoria de Charles Dow.

Explicando o funcionamento da média móvel

A média móvel mais conhecida é a aritmética, que tem a seguinte fórmula:

$$MMA = \frac{P_1 + P_2 + P_3 + \dots + P_n}{n}$$

É uma média simples. Suponha-se que a MMA (Média Móvel Aritmética) fosse uma média anual da disciplina geografia, P1 seria a nota do primeiro bimestre, P2 do segundo, P3 a nota do terceiro e P4 a nota do quarto bimestre. Após a soma, divide-se pelo número de bimestres, que é igual a 4, e torce para dar maior do que 6!

E como aqui é mercado de ações, uma MMA dos 4 últimos preços encontra-se com a utilização do valor de fechamento dos 4 últimos dias de pregão, somando e dividindo tudo por 4.

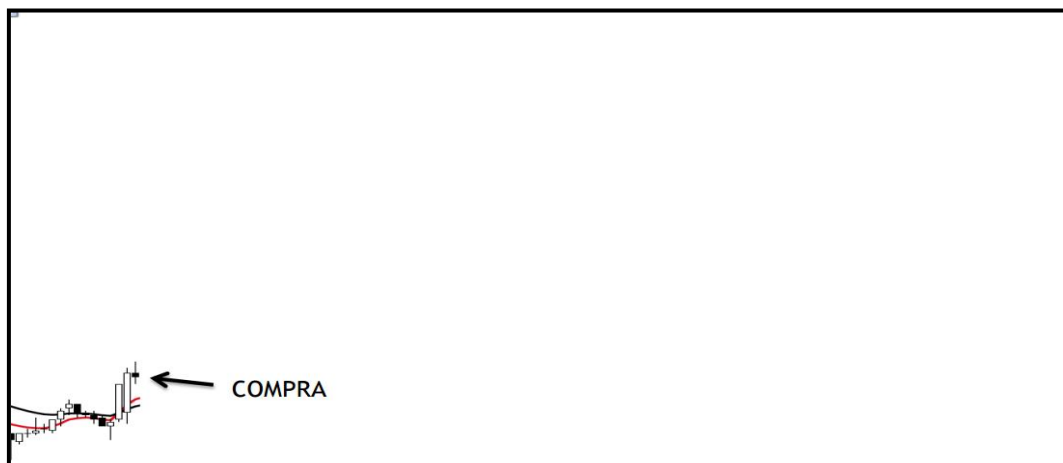
Existe também a MME (média móvel exponencial):

$$MME = ((\text{Preço}_{\text{(atual)}} - MME_{\text{(anterior)}}) * K) + MME_{\text{(anterior)}} \\ K = \frac{2}{n + 1}$$

Nesta média há na fórmula um fator **k** que valoriza mais os últimos períodos do gráfico, aproximando-se do preço. Este autor prefere usar a média móvel exponencial nos seus estudos.

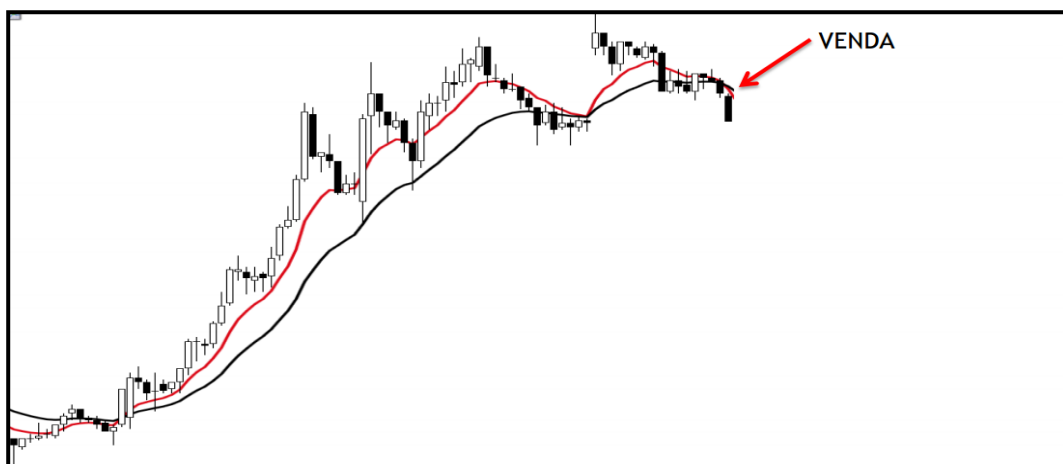
Exemplo de Operação com Cruzamento de Médias Móveis

O cruzamento das médias móveis é muito utilizado como condição de compra ou venda:

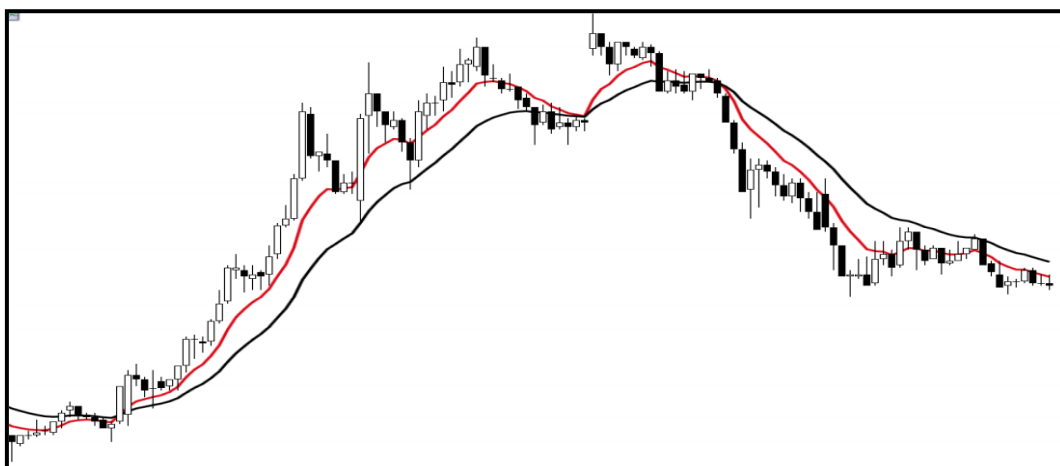


No exemplo acima, se a média vermelha (de 9 períodos), mais rápida, cruzar a preta (de 21 períodos), efetua-se a compra.

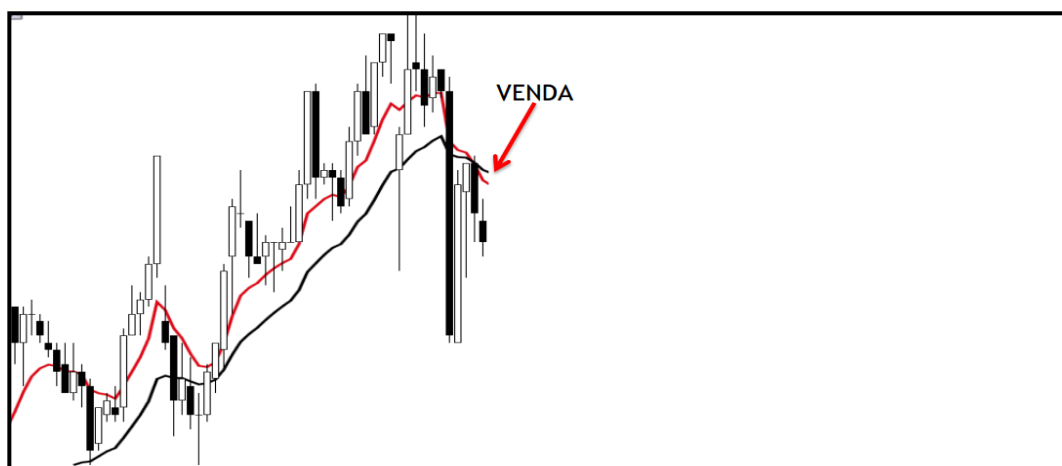
Isso em tendência é muito bonito:



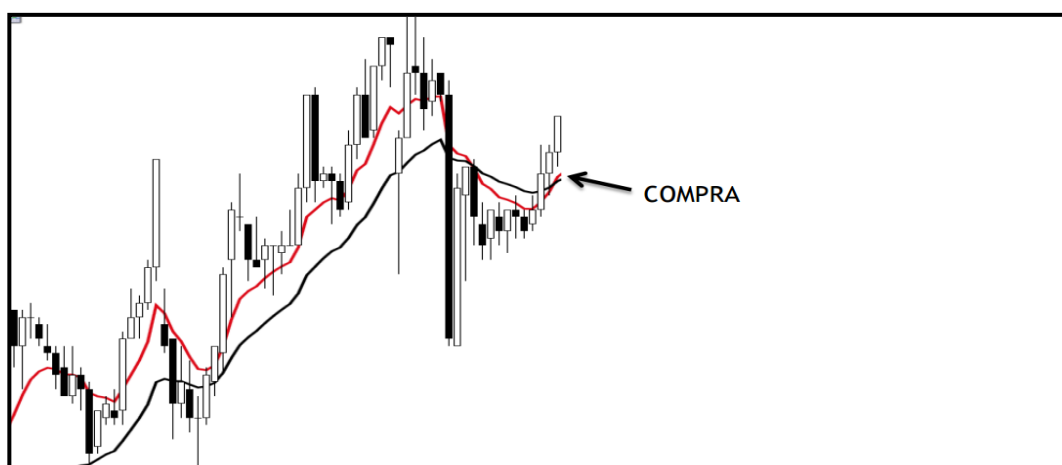
O preço sobe e a média fica indicando compra, até o momento em que a cruza para baixo, indicando mudança na direção do preço. E quando cruza para baixo, é possível efetuar uma venda:



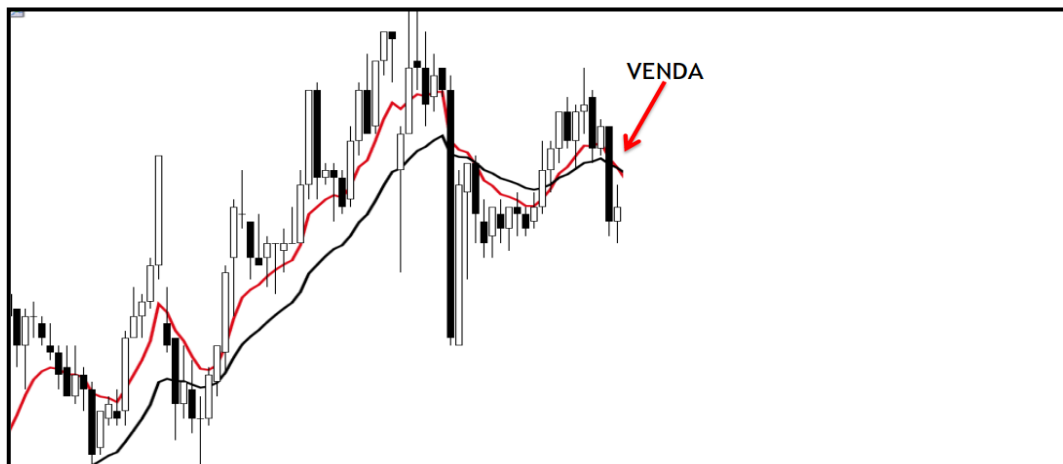
É muito interessante o uso da média móvel nesta hipótese. Entretanto, às vezes, entre uma tendência e outra existe um momento de consolidação. Um exemplo é um gráfico de 15 minutos antigo da Petrobrás:



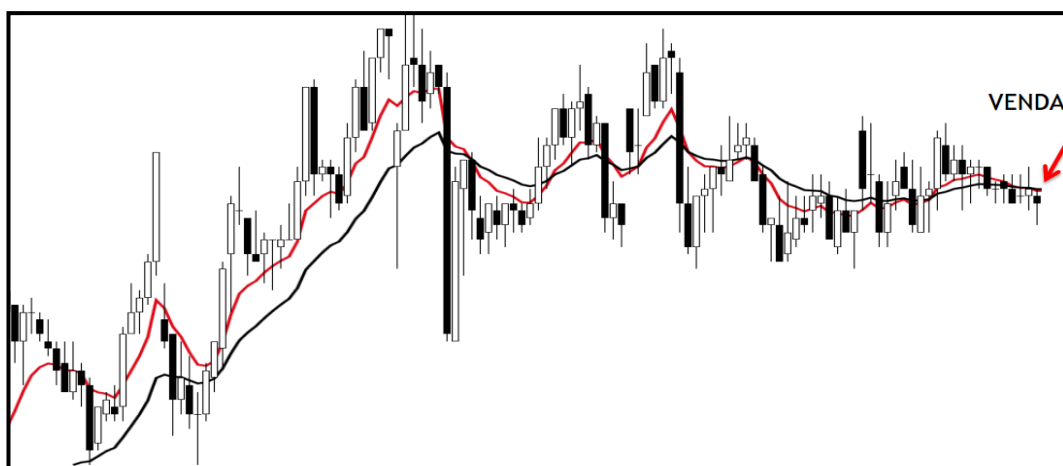
Há o cruzamento da média para baixo. Neste momento, efetua-se uma venda, porém, logo em seguida ocorre isso:



O preço sobe, o *stop* é acionado. Após, como a média cruza para cima, efetua-se uma compra:



A média volta a cruzar para baixo, tomando outro *stop*. E isso ocorre consecutivamente:



Conclui-se que caso fizesse entrada em cada cruzamento na consolidação, tomaria muito *stop* e o dinheiro acabaria. Por essa razão é necessário muito estudo sobre o cruzamento de médias móveis, estas dão a entender que dá muito certo, principalmente nos gráficos semanais, mas em nenhum portfólio *back test* ganha-se dinheiro usando essa estratégia nas ações brasileiras mais negociadas. Por essas razões, na minha prática diária não utilizo, no momento, a estratégia de cruzamento de médias.

Como operar usando a Estratégia de Médias Móveis

Agora, une-se a primeira parte do que foi explicado sobre tempo de gráfico e sobre as médias móveis. Utiliza-se duas médias móveis: de 72 períodos (laranja) e de 17 períodos (roxa).

Observe um gráfico da BBAS3:



Uma forma muito usual de operar: o preço corrige na média laranja, e quando faz um *candle* com máxima maior, logo pensa-se em compra para o preço subir e romper o topo. E o que muitas vezes acontece é o seguinte:



O preço fica nessa região por um tempo maior e a operação que foi iniciada acaba resultando em *stop*.

Para melhorar o desempenho desse tipo de operação utiliza-se mais de um tempo gráfico na tomada de decisão. Quando o gráfico diário está em um ponto interessante para a compra, observa-se o gráfico semanal. Neste gráfico o preço precisa estar acima da média de 72 períodos (média laranja). Caso contrário, abandona-se a operação. Se a afirmativa for verdadeira, prossegue-se a análise. Neste ponto o gráfico diário já está em uma região de médias móveis e o gráfico semanal acima da média de 72 períodos. Agora, passe para o tempo gráfico menor, que é o de 60 minutos. Nesse tempo gráfico espera-se o rompimento de um movimento completo de alta para entrar na operação.

Observe o exemplo abaixo:



No gráfico de 60 minutos acima ainda não existe um ponto de compra bem definido, porém é possível identificar uma região, que se alcançada, pode mostrar um movimento de alta nesse gráfico. É a região onde há uma reta preta na horizontal, que fica entre R\$ 23,80 e R\$ 24,00.

E logo em seguida o movimento acaba acontecendo:



A partir do rompimento da linha, ou topo anterior, aparece o ponto de compra da BBAS3.

No gráfico diário ocorre isso:



O preço rompe aquela região entre as duas médias, mostrando o ponto de compra.

O esperado a partir desse ponto é o que acontece no gráfico abaixo:



O preço sobe com força, inclusive rompendo o topo anterior do gráfico diário.

Mais adiante será abordado o gerenciamento de risco, mas adianta-se: quando efetua-se essa compra, o *stop* é colocado no fundo do gráfico de 60 minutos, e o alvo é 3 vezes maior do que o risco. Na minha rotina, a análise técnica só é utilizada para entrar na operação, para sair é o gerenciamento de risco.

Mais um exemplo:



No gráfico acima temos BRML3 em um movimento de tendência de baixa (topos e fundos descendentes) e em uma região de média móvel no gráfico diário. Olha-se o gráfico semanal e percebe-se que ele está abaixo da média de 72 períodos. Em seguida, verifica-se o gráfico de 60 minutos onde procura-se o ponto de venda para o ativo em questão:



Nota-se que olhando esse tempo gráfico é possível identificar o ponto, que se alcançado, poderá trazer um movimento da tendência de baixa. Ele está marcado na reta preta na horizontal, entre as regiões de R\$ 24,00 e R\$ 23,80.

Com a evolução dos preços esse nível é alcançado:



A partir deste rompimento, os 3 tempos gráficos importantes para essa operação indicarão queda nos preços. A partir desse ponto, o movimento esperado para BRML3 é o que aparece no gráfico diário abaixo:



Ganhou dinheiro quem apostou no movimento de baixa dos preços.

Outro exemplo, BRFS3 no gráfico diário:



Nesse gráfico observa-se o preço na região das médias móveis. Mudando o tempo gráfico para semanal, tem-se também o preço acima da média móvel de 72 períodos. Nesse caso, prossegue-se com a análise mudando o estudo para o gráfico de 60 minutos. Verifica-se a seguinte condição:



Observa-se que apesar de ainda não haver um movimento completo da tendência de alta, o preço não rompeu o fundo anterior. Caso ele volte a subir rompendo a linha preta na horizontal, na região entre R\$ 42,40 e R\$ 42,60, haveria o rompimento do topo anterior e consequentemente, o início da tendência de alta nesse gráfico. Eis o que acontece em seguida:



E a partir do momento que o topo é rompido pensa-se na compra. Veja a evolução dos preços no gráfico diário:



Ganhou quem apostou no movimento de alta dos preços.

Agora, passa-se a exemplos *intra day*.

GGBR4, no gráfico de 5 minutos:



Observa-se no gráfico acima que GGBR4 está em uma região de médias móveis. Analisa-se o gráfico de 15 minutos do ativo, e este também oferece uma boa condição de compra, pois está acima da média de 72 períodos. Nesse caso, continua-se a análise, observando agora o gráfico de 1 minuto:



Concluiu-se que se GGBR4 no gráfico acima ainda não apresenta movimento completo da tendência de alta. Condição que será mudada no rompimento da linha horizontal preta na região de R\$ 5,60. A partir desse ponto pode-se pensar em uma compra, pois os 3 gráficos importantes para o *day trade* estariam em tendência de alta. Essa condição se mostra presente analisando os próximos *candles*:



No gráfico acima pode-se observar o rompimento da região de R\$ 5,60 no gráfico de 1 minuto. Após, retorna-se para o gráfico de 5 minutos e espera uma evolução dos preços, como aconteceu abaixo:



Ganhou quem apostou no movimento de alta em GGBR4.

Abaixo segue outro exemplo. Dessa vez no gráfico de BBAS3. O gráfico de 15 minutos estava acima da média de 72 períodos e o mercado abriu com um gap de alta e voltou perto da média de 17:



Neste cenário seria possível fazer uma compra na linha preta acima.

Observe o gráfico de 1 minuto:



O gráfico de 1 minuto indica que se romper essa linha vai formar um movimento ascendente, com padrão de tendência de alta. E prossegue-se o movimento:



E quando os gráficos de 1, 5 e 15 estão olhando para o mesmo lado:

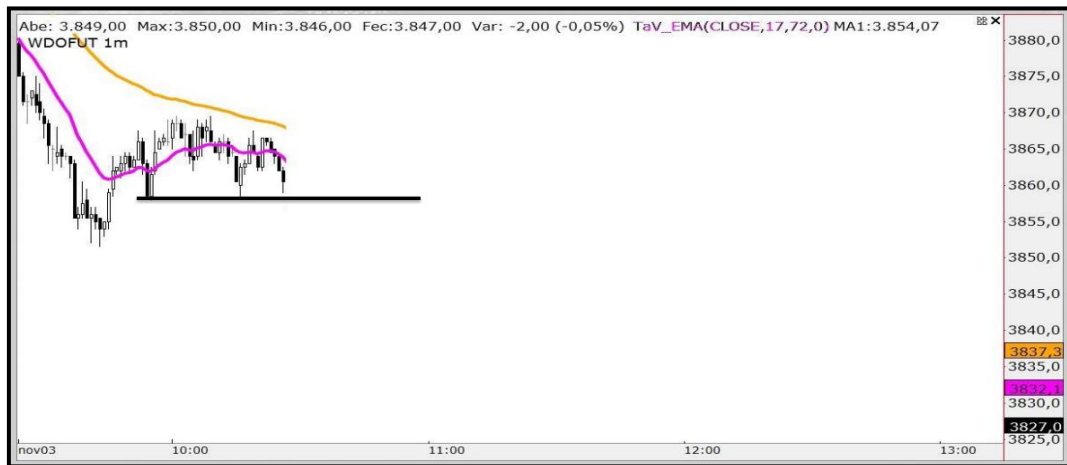


O preço sobe, entrando em tendência de alta.

Segue outro exemplo, com o dólar:



O dólar estava em tendência de baixa no gráfico de 5 minutos, na região das médias móveis. O gráfico de 15 minutos estava abaixo da média de 72 períodos. Dessa forma prossegue-se a análise com o estudo do gráfico de 1 minuto:



Se no gráfico de 1 minuto acontecer o rompimento da linha preta, na região entre 3.860 e 3.855 pontos haverá um movimento completo da tendência de baixa.

E foi esse o movimento que aconteceu:



Aliás, com esse mesmo *setup*, seria possível entrar em várias operações:



Em todas as linhas pretas seria possível efetuar uma venda com esse *setup*.

Retornando ao começo desse exemplo, ilustra-se como ficaria esse ponto no gráfico de 5 minutos:



A partir do rompimento da linha preta, é possível uma entrada de venda, resultando nessa operação:



Ganhou dinheiro quem apostou na queda dos preços.

Estratégia de Rompimento

Números de Força

Ao longo do tempo, alguns momentos do mercado são marcantes, por exemplo, todos se lembram do dia que teve o melhor ganho da carreira como *trader*, bem como daqueles dias em que aconteceu o maior prejuízo. Pessoalmente, lembro-me quando a Petrobrás descobriu o Pré-Sal e quando recebemos o Grau de Investimento; ou quando aluguei uma ação da Sadia e por sorte noticiou-se que a Sadia fez uma operação de *hedge* com dólar que deu errado e teve grande prejuízo, com isso, as ações amanheceram caindo 25%.

Enfim, os exemplos servem para mostrar que os investidores guardam na lembrança os lugares em que ganharam ou perderam muito dinheiro e com isso são formados os números de força, que é exatamente a região que forma o suporte e a resistência.

Exemplos:



Este é um gráfico da RAPT4, período semanal e a região marcada com uma reta preta no horizontal é o que eu chamo de região do “Deus me livre”, onde o preço encontra o suporte muitas vezes, e quando rompe tem uma queda muito forte.

Por diversas vezes esse ativo encontrou suporte na região dos R\$ 6,00, e quando rompeu tal região observou-se uma queda muito forte até os R\$ 3,00. Percebe-se que o preço guardou na memória por muito tempo os pontos de suporte e assim que foi rompido, o ativo perdeu mais de 50% do valor.

Veja outro exemplo, ABEV3, no gráfico diário:



Neste gráfico da Ambev, brincava-se que existia um “burro enterrado” na região dos R\$ 17,00, pois ela bateu várias vezes nessa região e não teve forças para romper. Questiona-se: o que está acontecendo? Toda vez que o preço está nesse ponto, quem está comprado acaba querendo vender, porque da última vez que o preço chegou nessa região ele caiu. E realmente caiu, muito, até que de repente ocorreu o rompimento, e o preço subiu:



É muito comum quando acontece o rompimento ter algo denominado reteste, que é o preço voltando para essa região, que era resistência, e virando suporte logo após o rompimento. Assim, o preço volta para a linha, agora de suporte, e acaba voltando a subir. Esse é mais um exemplo de um número de força, que quando rompido traz para o mercado um grande impulso.

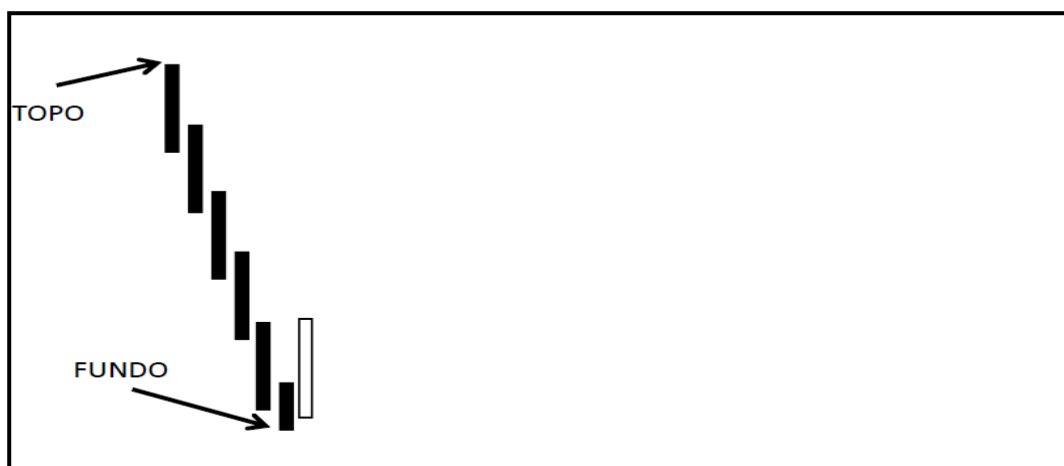
Portanto, os números de força são onde os investidores guardam na lembrança os lugares onde ganharam ou perderam no passado, e criam importantes barreiras emocionais, onde ocorre uma grande briga entre compradores e vendedores. Por isso, muitos compram apenas no rompimento se houver um volume maior do que a média.

Todos os tipos de estratégia lucrativas devem ser respeitadas. Então, caso opte por esta estratégia e ganhe dinheiro, perfeito! Não deixe de usar. Entretanto, recomenda-se comprar no rompimento, independentemente de ter volume ou não. Explica-se: se vir o volume do rompimento, espera fechar o *candle*, impossível saber o volume antes de fechar o *candle*. Muitas vezes quando acontecem esses rompimentos e quando são muito importantes, fica um *candle* enorme, e se este rompimento é daqueles com muito volume, provavelmente pagará muito mais caro. Às vezes, no dia do rompimento, sobe 4, 5, 6%, como aconteceu em meados de 2015 com Natura, Elet6, Rent3. Caso esperasse os *candles* desses ativos fecharem, provavelmente não entraria na operação. Justamente porque quando tem esse rompimento com força, o preço anda bastante e não consegue-se utilizar o gerenciamento de risco. Então, na minha experiência pessoal, prefiro entrar antes do fechamento, no entanto, sou *stopado* mais vezes. Como não espero fechar o *candle*, é possível que durante o dia aquela força que fez o mercado se mexer acabe se esvaindo e o preço volte para uma consolidação.

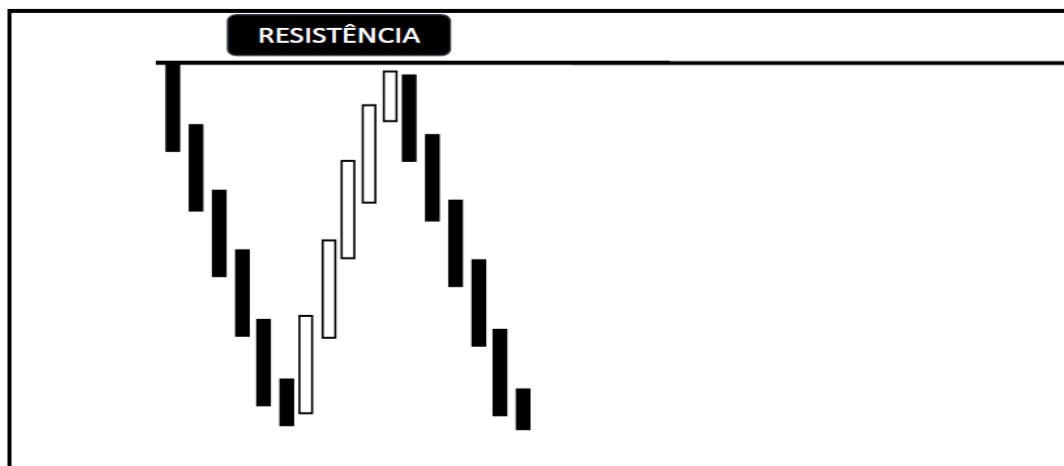
Toma-se mais *stops*, porém, após fazer as contas, essa forma acaba valendo a pena, porque nas operações que vão para frente é possível pegar uma variação muito maior, fazer o gerenciamento de risco. Entretanto, esta é a estratégia deste autor. Quem adota o volume e uma estratégia diferente também está certo. Se estiver dando dinheiro é o que importa.

Suporte e Resistência

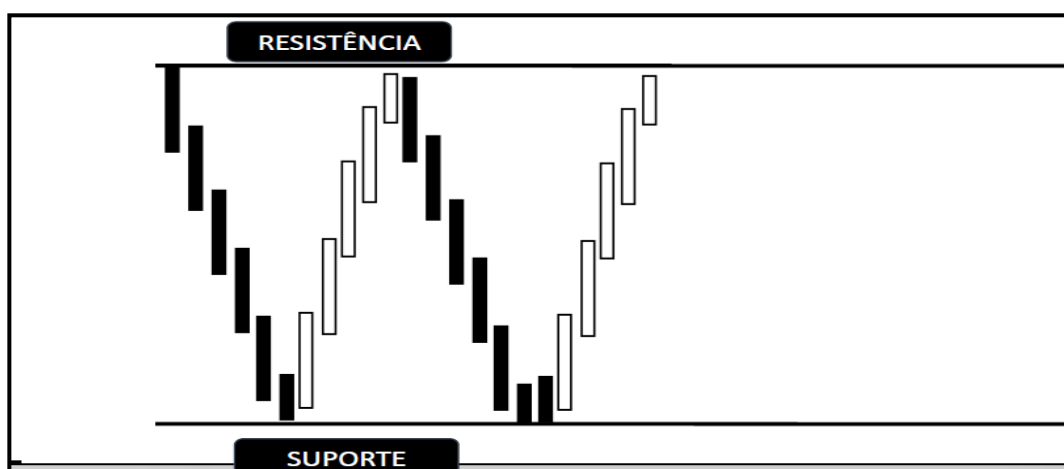
A partir de agora iniciarão os estudos sobre esses conceitos, sobre o que forma a consolidação, o que é suporte, o que é resistência, o que é linha de tendência de alta e linha de tendência de baixa. E quando fala-se de suporte e resistência, nada mais é do que número de força. Suporte e resistência são regiões gráficas formadas por números de força. A linha de resistência é formada pegando os topos consecutivos com retas na horizontal, a linha é traçada para cima do preço. Exemplifica-se com o gráfico a seguir:



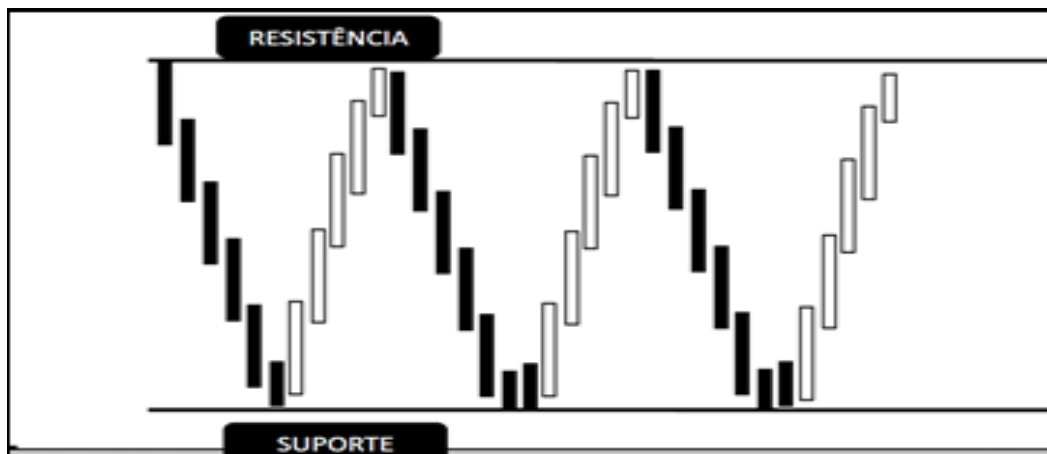
Supõe-se que trata de um ativo qualquer, em um tempo qualquer. Esse ativo fez uma perna de baixa e de repente retornou, deixando um topo e um fundo. E o preço sobe de novo, bate na mesma região e não consegue romper, e cai de novo. A partir do momento que existe um topo, que foi testado e não foi rompido, é possível traçar uma linha de resistência:



A linha de resistência, portanto, é formada ligando os topos consecutivos com retas na horizontal. E a linha de suporte é formada ligando os fundos consecutivos com retas na horizontal:



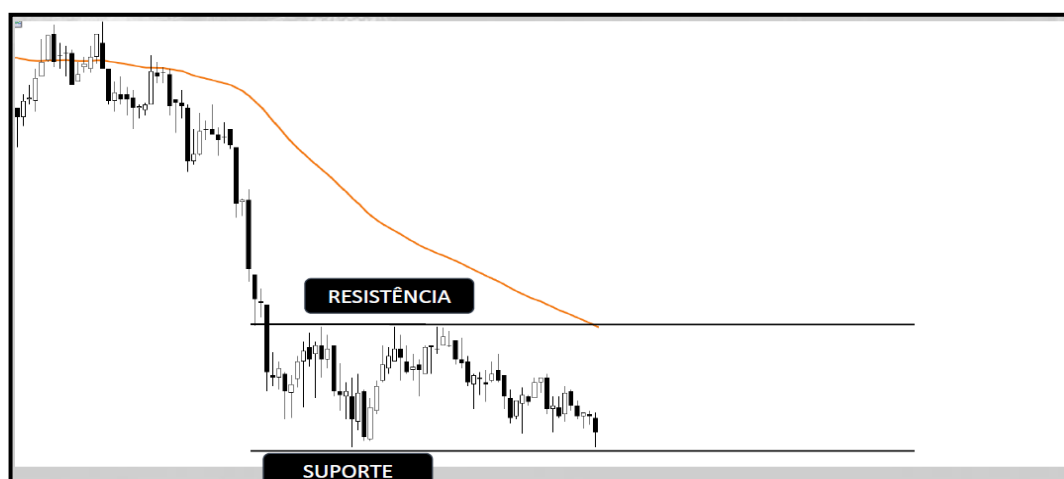
Neste gráfico, o preço desceu, deixando um fundo em um ponto. Subiu, não conseguiu romper ficando em uma resistência e desceu de novo sem romper o fundo anterior. Assim, é possível traçar uma linha de suporte ligando os fundos. E toda vez que o preço chega nessa região, acaba ganhando força, e vai batendo nos topos e fundos, sem conseguir romper, fazendo exatamente o que é chamado de movimento lateral ou de consolidação:



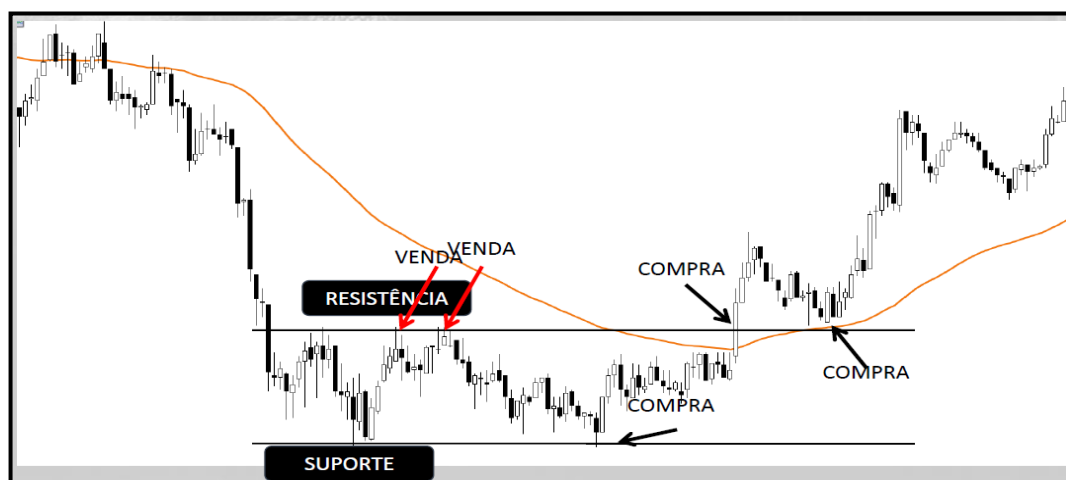
O teste destas linhas ou o rompimento oferece boas possibilidades de operação. Particularmente, não gosto de comprar no teste da linha, e sim comprar no rompimento. Mas a última é muito utilizada, por exemplo, para fazer isso:



Neste gráfico, temos uma linha de resistência, em um gráfico e tempo gráfico qualquer. O gráfico trabalha nesse momento em um período de resistência e suporte:



O preço bate na resistência e não consegue subir, assim como bate no suporte e não consegue descer. Com isso começa a formar uma região lateral. Até um determinado momento em que consegue romper:



É possível pensar em venda toda vez que o preço bate na região de resistência, se ele não consegue romper. Ou em compra, toda vez que o preço bate na região de suporte e não consegue romper. Este autor prefere entrar nas operações apenas quando acontecem os rompimentos ou no reteste.

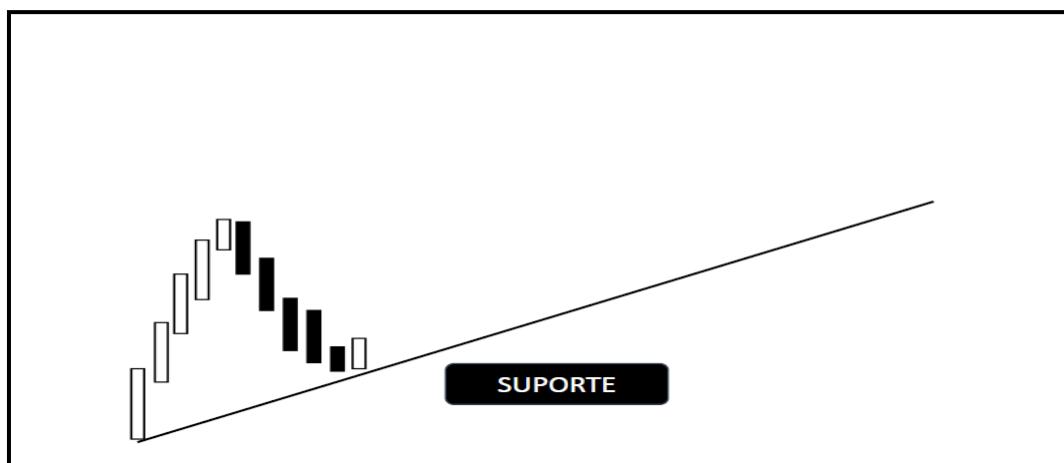
O traçar das linhas de suporte e resistência no gráfico é muito simples. A rotina torna essa atividade natural, apenas olhando o gráfico será possível entender como será o resultado dessas linhas. Porém, é necessário tempo e muita dedicação para conseguir traçar no gráfico e aproveitar o toque das linhas, ou o rompimento, para fazer operação.

A forma de traçar as linhas de suporte, resistência, linhas de tendências de alta e linhas de tendências de baixa, é uma forma muito particular. Alguns preferem traçar essas linhas levando em conta a sombra que fica no *candle*. Outros desprezam a sombra e traçam as linhas no corpo real. E ainda têm os que gostam de pegar o maior número de toques possíveis, ou seja, às vezes despreza uma sombra, ou até um pedaço do corpo real, justamente para deixar a linha o mais perto de muitos fundos ou topos. Este autor prefere essa última modalidade.

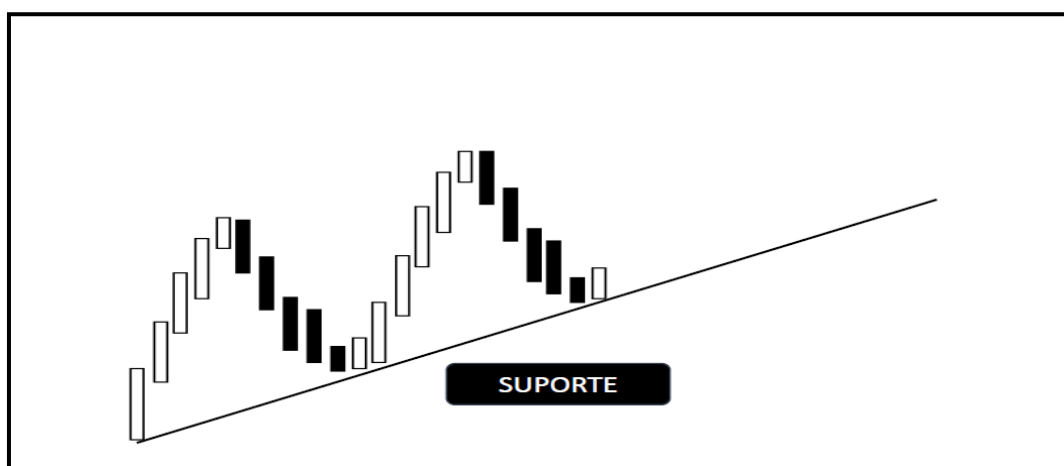
Linhas de tendência de baixa e alta

As linhas de tendência também são utilizadas para identificar a tendência de um ativo. Quando um ativo tem tendência de alta traça-se os fundos consecutivos e ascendentes e faz uma linha que tem uma inclinação para cima.

Segue gráfico para melhor elucidação:



Logo que temos a primeira correção do ativo começa-se a traçar as linhas de tendência. Quando há apenas dois toques, às vezes precisa fazer alguns ajustes na linha. Mas de qualquer forma, já presume-se que esse é o ponto de suporte. E então o preço volta e toca uma terceira vez nessa linha:



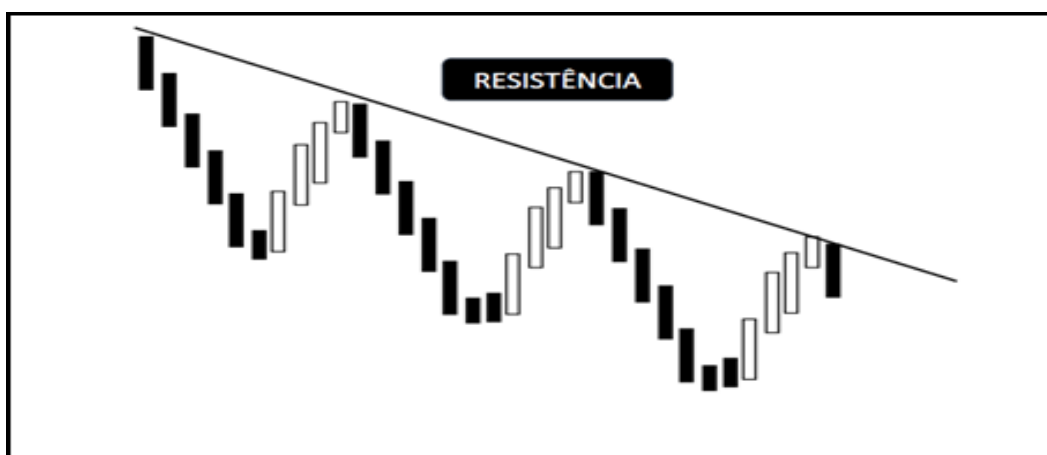
Quanto mais vezes a linha for tocada, mais representativo é esse suporte. Quanto mais esquecido no tempo, mais representativo é o sinal.

Portanto, foi apresentada a linha de tendência de alta. E o toque nessa linha, ou o rompimento, geram boas entradas nas operações.

Segue a linha de tendência de baixa:

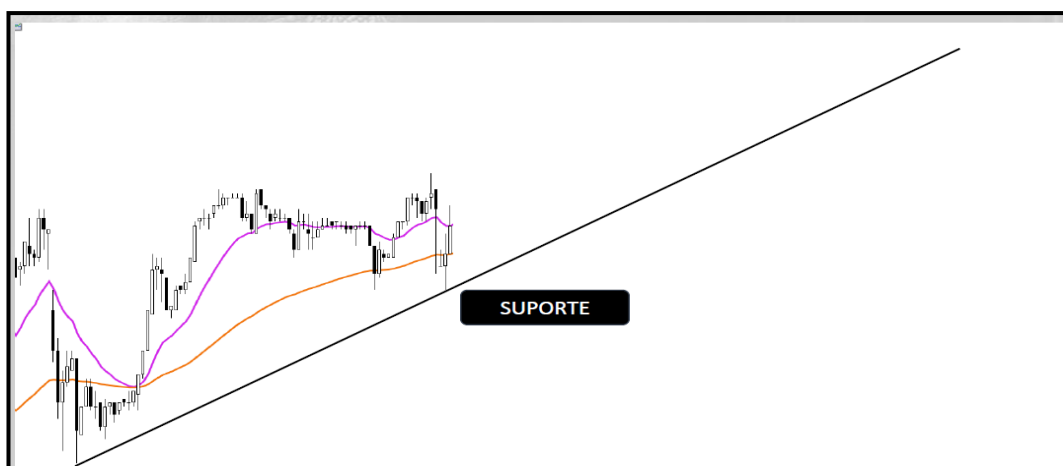


Quando há um topo descendente em relação ao anterior, a partir do momento que tem o segundo toque, existe a possibilidade de já imaginar uma linha de tendência e entender que esse é um ponto de resistência. Assim o preço cai, volta a subir, bate pela terceira, quarta vez nessa linha, tornando-a cada vez mais forte e representativa:



Como já dito anteriormente, é possível operar tanto o toque na linha, quanto o rompimento. Esse autor prefere focar apenas nos rompimentos para fazer as operações.

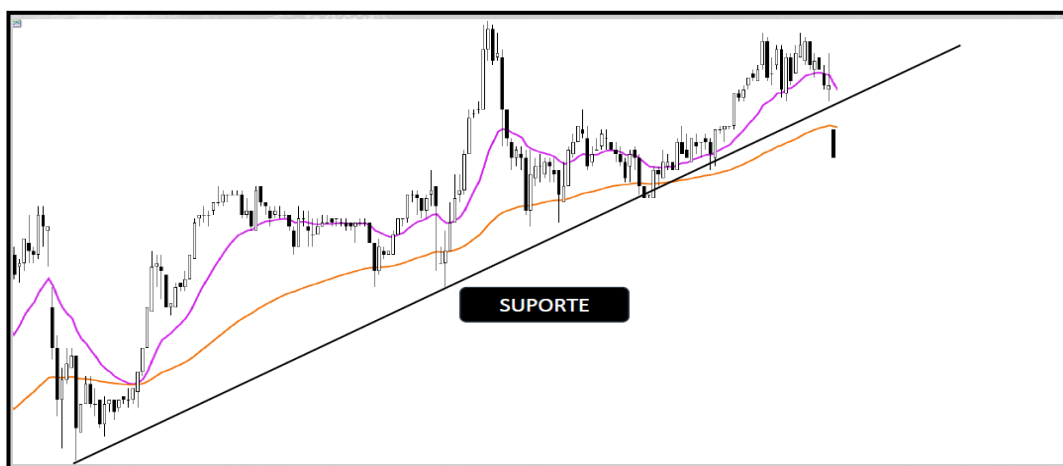
Exemplificando com um ativo qualquer, em um período qualquer:



Neste exemplo há um fundo no começo. O preço sobe, desce, e toca novamente na linha. Começa-se a entender que esse é um ponto de suporte:



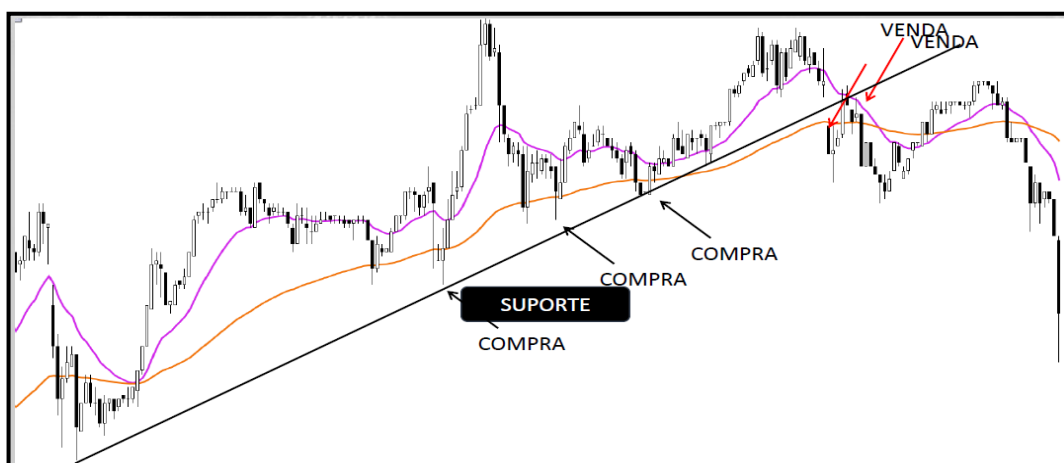
O preço sobe novamente, e recua batendo uma terceira vez na linha. E sobe, desce, e bate uma quarta vez na linha. Até o momento em que temos uma abertura em *gap*:



O preço depois volta para a linha fazendo o reteste e, em seguida, cai com muita força:



É possível pensar em compra toda vez que o preço chega perto da linha ou em venda no rompimento ou no reteste:



Através de exemplos gráficos, será mais fácil visualizar a estratégia: onde comprar, onde colocar *stop*, o que fazer com as operações.

Estratégia de Rompimento

BRML3 no gráfico diário:



Esta ação subiu muito o preço em 2014, chegando a R\$ 22,00, começou a perder força, a fazer pernas descendentes, depois consolidou, subiu de novo, e a partir de abril e maio começou a perder força junto com o mercado no ano de 2015. Bateu repetidas vezes na região de R\$ 14,00. Muitos ficaram atentos, uma vez que toda vez que o preço se aproximava de R\$ 14,00, subia depois com muita força, tendo um acúmulo de compra nessa região.

Porém, antes de decidir pela venda nesse gráfico diário, é imprescindível consultar o gráfico semanal. Ele estará acima ou abaixo da média de 72?

Segue o gráfico semanal da BRML3:



No gráfico semanal, observa-se que perto da região de R\$ 14,00, a BRML3 está abaixo da média de 72, o que habilita a venda no gráfico diário.

Retorna para o gráfico diário e atente-se para este tipo de rompimento:



Região apelidada pelo autor de “Deus me livre”: a existência de um alvo tão grande, para baixo, a partir do rompimento e neste ponto, gera ansiedade, receio de que após uma noite o gráfico abra o *gap* e impossibilite a venda:



No *candle* seguinte há o rompimento e é quando começa-se a pensar na venda. Pensa-se na venda no ponto marcado com a seta vermelha, com o *stop* no topo anterior (*stop* e gerenciamento de risco serão abordados adiante). Tipo de operação imperdível.

Ponto importante: Não há sucesso todas as vezes, por isso a importância do *stop*.

Outro exemplo seria o gráfico da LREN3, no diário:



Operação do dia 10/11/2015, que foi considerada um risco muito grande, aconselhou-se a entrar com menos capital do que o de costume, porque tem uma chance de voltar e tomar um *stop* maior.

Neste exemplo, em 2015 começou a criar uma linha de resistência na região entre R\$ 15,00 e R\$ 15,50, toda vez que o preço chegava nesta região, ele voltava, o que resultou em uma força muito grande, porque todas as vezes que o preço chegava nessa posição, o preço voltava.

A situação gera bastante angústia, porque não se para de pensar se na hora que romper a linha dos R\$ 15,00, será possível fazer essa operação. Porém, antes de tentar pegar o rompimento, é necessário verificar algo muito importante: o gráfico semanal. No que se refere ao gráfico de 60 minutos, não há necessidade, uma vez que depois de seis meses nessa região, o gráfico estará em tendência de alta, porém ele é importante para visualizar melhor o *stop*.

Segue o gráfico semanal:



O gráfico semanal está acima da média de 72, portanto, é possível comprar LREN3, caso o gráfico rompesse a linha de resistência:



A partir do rompimento, compra-se e coloca *stop* embaixo do fundo, e espera-se por isso:



O próximo exemplo é uma operação de *Day Trade*. Operação do dia 06/11/2015, no mini-índice, nos 5 minutos:



O preço estava na região de suporte, batia perto da região de 48000 pontos, subiu, bateu de novo na região, repicou, bateu novamente na linha de suporte, assim preparou-se para fazer uma

venda na hora que tivesse um rompimento. Mas, antes, consultou-se o tempo gráfico maior, de 15 minutos:



Observou-se que estava abaixo da média de 72, portanto foi possível pensar na venda, caso rompesse o suporte:



Caso rompesse e voltasse, bastava a utilização do *stop*, que faz parte do *trade*:



O *stop* estava neste ponto, onde foi considerado no topo do gráfico de 1 minuto. E ocorreu o seguinte:



Observa-se que desta vez a operação deu certo. O preço desceu, fez um reteste, voltando para a região dos 48000 pontos, o que era suporte acabou virando resistência e simplesmente abriu para baixo e caíram 1000 pontos. Resultou em uma boa operação.

Para aqueles que acham que esse tipo de operação funciona apenas para uma modalidade de operação (*Day Trade* ou *Swing Trade*), enganam-se, pois, se não tiver *gap* e se esconder qual é o ativo e o tempo gráfico, são todos iguais. É claro que o índice de acerto acaba melhorando, conforme vai aumentando o tempo gráfico. O volume operado no gráfico diário é infinitamente superior ao volume operado no de 1 minuto. Na Análise Técnica, quanto mais volume, melhor acaba sendo o rompimento ou determinado movimento. O índice de acerto aumenta conforme aumenta o volume de cada *candle*, o volume de cada movimento. E por isso, é de se imaginar que esse estilo de estratégia dá muito mais certo quando se utiliza gráficos diários e semanais do que quando usa os de 5 e de 15 minutos.

Seguem exemplos usando linha de tendência de alta e linha de tendência de baixa:



Esse é o ativo BRKM5, no gráfico diário, no qual será realizado o acompanhamento e mencionado todos os pontos. Nesta hipótese é preciso olhar o gráfico semanal? A resposta é não. Conforme dito anteriormente, há duas exceções em se tratando de sempre olhar o tempo gráfico maior. A primeira mencionada foi na reversão de tendência, ou seja, quando tem reversão de tendência não precisa olhar o gráfico semanal. A segunda é no rompimento de linha de tendência de alta e de baixa. Geralmente, quando existe essa condição, a distância do tempo gráfico maior até a média de 72 é tão grande que vale a pena apostar pelo menos uma volta desse tempo gráfico na média de 72. Portanto, não é necessário consultar o gráfico semanal quando está fazendo operações de rompimento de linhas de tendência de alta e de baixa.

Caso seja no *Day Trade*, não verifica-se o gráfico de 15 minutos quando enxerga uma linha de tendência de alta ou de baixa sendo rompida.

Observação importante: a média móvel é importante na operação de correção na média móvel. Quando trabalha-se com o rompimento, a localização da média móvel é irrelevante, opera-se o preço. Portanto, é aconselhável neste tipo de operação tirar a média móvel nos gráficos diário e de 5 minutos, mantém-se no entanto, no de 15 minutos e semanal para visualizar a de 72 períodos. Em síntese, utiliza-se a média móvel no gráfico diário e de 5 minutos para operações de média móvel; em operações de rompimento, analisa-se o preço.

No gráfico da BRKMS era possível efetuar uma compra no rompimento da linha de tendência de baixa e colocar o *stop* abaixo do fundo do gráfico de 60 minutos:



Esperou-se que o movimento fizesse exatamente isso:



Nesse caso, ganhou quem apostou no rompimento da linha de tendência de baixa.

Outro exemplo é o da GFSA3, no gráfico diário:



Traça-se a linha de resistência e percebe que toda vez que o preço chega na linha, ele cai.

Até o momento em que o rompimento acontece:



O stop está no fundo do gráfico de 60 minutos, e o gráfico faz isso:



Ganhou quem apostou no rompimento da linha de tendência de baixa.

Outro exemplo é o gráfico SMT03 diário, com essa operação:



Foi possível traçar uma linha de resistência nos topos. O mercado bateu várias vezes, sem conseguir romper, até que em um determinado momento superou a resistência, portanto, é admissível efetuar uma compra neste ponto e colocar o stop:



A operação deu certo, e desde então vive uma longa tendência de alta:



Segue um rompimento de uma linha de tendência de baixa, no ativo WEGE3, tempo diário:



É possível observar que o preço respeitava uma linha de suporte, que em fevereiro de 2014 bateu uma vez, subiu, bateu mais uma vez na linha em outubro de 2014, subiu, bateu mais uma vez na linha em março de 2015, e outra vez em maio.

O mercado percebe que toda vez que vem nessa linha, o preço acaba ganhando força e faz um estirão para cima, o que resulta que a força compradora aumenta muito nessa região. Até que ocorre o rompimento:



Com o rompimento, geralmente o preço cai e o volume aumenta, uma vez que todos que estão comprados acabam *stopando* a operação e as vendas aumentam, ou querem aproveitar daquele rompimento e fazer uma venda.

Nesse rompimento, deve-se colocar o *stop* no topo do gráfico de 60 minutos e esperar que o gráfico caia:



Mais uma vez, ganhou quem apostou no rompimento da linha de tendência.

Outro exemplo é ESTC3, no gráfico diário. É possível traçar uma linha de tendência de alta:



Percebeu-se que toda vez que chegava na região da linha, o preço batia e subia, até o momento em que é rompido:



Houve esse rompimento e a primeira chance de venda, com *stop* no topo do gráfico de 60 minutos. E aconteceu isso:



Os preços evoluíram para baixo rapidamente.

Os exemplos apresentados até o momento são de gráficos em que houve rompimentos, porém, é relevante a análise daqueles em que isso não aconteceu. Assim, serão apresentados exemplos de gráficos que ainda aguarda-se os rompimentos. Esse livro foi feito em meados de novembro de 2015, onde tínhamos condições interessantes do que foi explicado nesse capítulo, nos ativos que mostraremos abaixo.

Acredito ser relevante que o leitor observe no gráfico atual os acontecimentos que vieram para esses ativos após o rompimento das linhas que serão mostradas abaixo.

* BBAS3, gráfico diário *



* CIEL3, gráfico semanal *



* ECOR3, gráfico diário *



* GOLL4, gráfico diário *



* Ibovespa, gráfico diário *



* KLBN11, gráfico diário *



* MILS3, gráfico diário *



* RADL3, gráfico diário *



* SULA11, gráfico diário *



* SUZB5, gráfico diário *



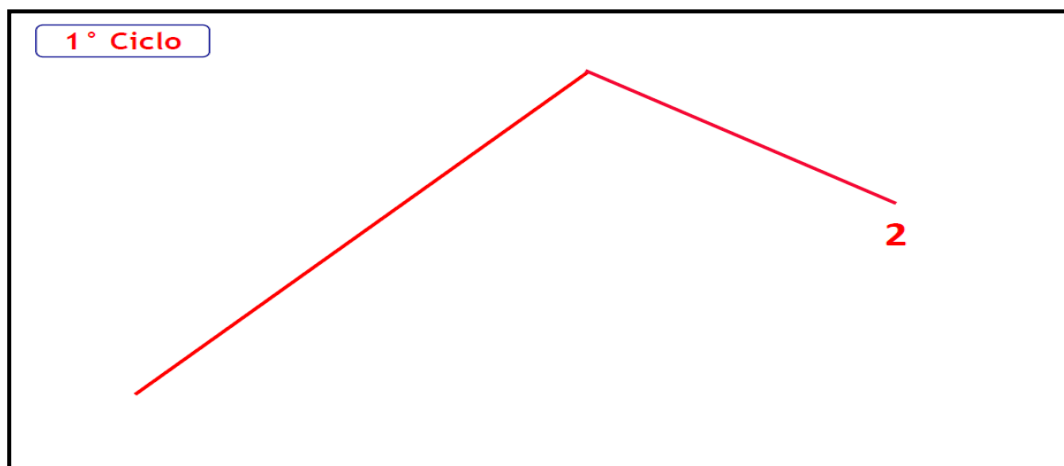
Os exemplos objetivam demonstrar que é importante a observação das linhas, que são guias para determinados movimentos e rompimentos.

Estratégia de reversão de tendência

A estratégia de reversão de tendência não é a que mais ocorre nas operações do dia-a-dia. Às vezes há a sensação de frustração porque uma ou outra reversão de tendência não acontece. E para quem trabalha com o gráfico diário acaba sendo mais decepcionante, porque essas reversões de tendência às vezes demoram meses para acontecer. Exemplificando, às vezes surge um pivô armado de alta no gráfico diário e cria-se a expectativa de reversão da tendência, porém a oportunidade passa e ao fim não se transforma em uma reversão e, conseqüentemente, não inicia-se essa estratégia. Esse tipo de operação é mais comum em mercado quando temos tendência no *intra day*, gráficos de 5 minutos. Quando adota-se essa estratégia de reversão de tendência, os tempos gráficos semanal, para o *swing trade*, e o de 15 minutos para o *day trade* deixam de ser importantes, sendo desnecessário verificá-los.

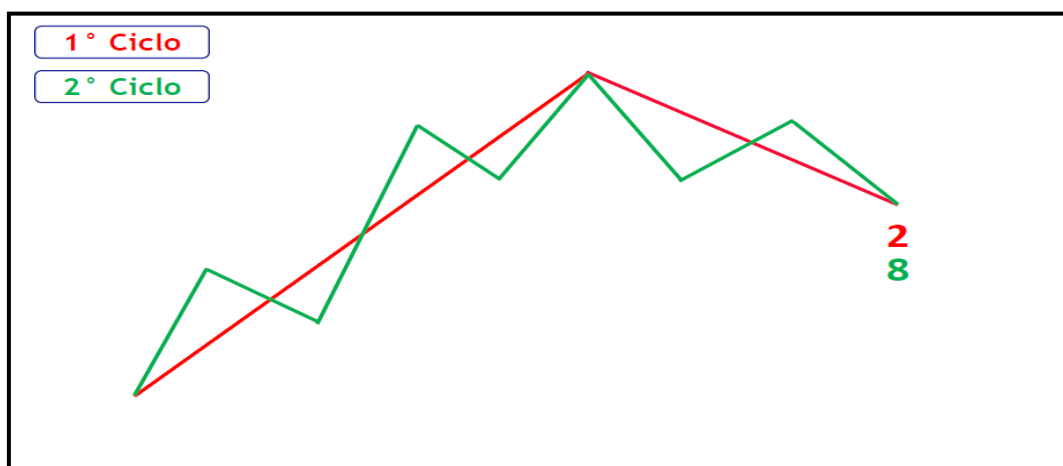
Para a abordagem da reversão de tendência serão utilizados dois conceitos: Ondas de Elliot e Teoria de Dow, esta última já abordada.

Teoria de Elliot:



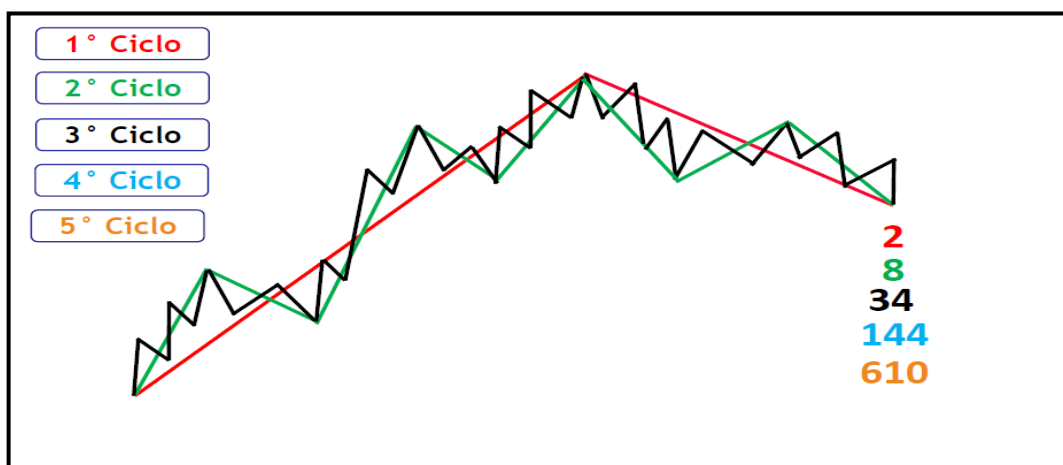
A teoria de ondas de Elliot é muito complexa. Elliot contava mais de 2000 ondas. Ele falava que no primeiro ciclo, que chamamos para o *swing trade* de gráfico semanal e no *intra day* de 15 minutos, tem 2 ondas. Uma de tendência e uma de correção. Sendo que a imagem acima ilustra uma tendência de alta.

Também falava de um segundo ciclo:



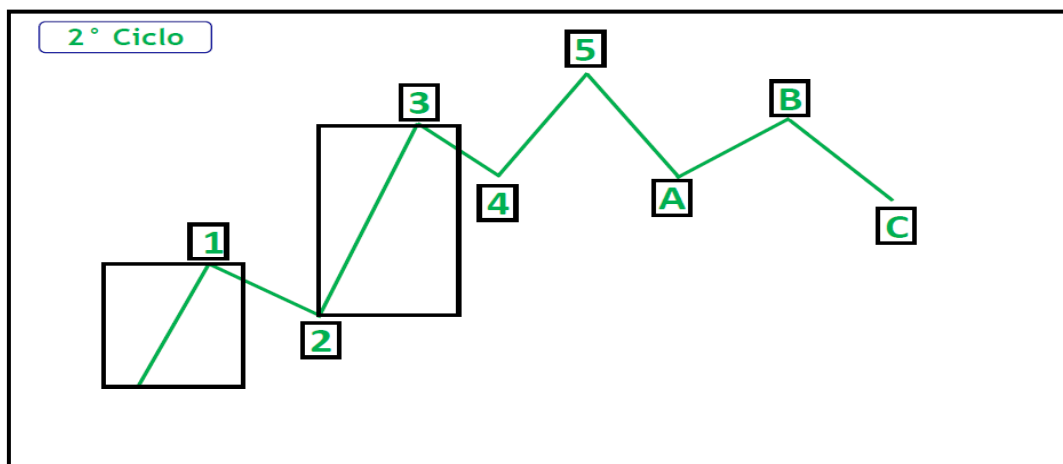
Neste ciclo há 8 ondas. Sendo que na tendência do ciclo 1 tem 5 ondas e na correção do ciclo 1 tem ondas a, b e c. Denomino-as de ondas 1, 2, 3, 4, 5 na tendência e ondas 1, 2, 3, na correção.

Dentro desse ciclo também encontra-se um terceiro ciclo:



Neste há 34 ondas, na linha preta da imagem acima. E assim por diante: 4º ciclo com 144 ondas, 5º ciclo com 610 ondas.

O primeiro ciclo não é importante na estratégia de reversão de tendência, dando-se preferência para o segundo ciclo, que é o gráfico diário (*swing trade*) e o gráfico de 5 minutos (*day trade*):



Elliott falava que a tendência de alta tinha cinco ondas. E que a maior delas era a onda 3, que quando pequena, tinha pelo menos 100% do tamanho da onda 1, daí a projeção de Fibonacci:



Neste gráfico, quando observa-se uma tendência de alta, denomina-se o movimento da linha preta de onda 1. E a partir disso, é possível traçar a onda 2:



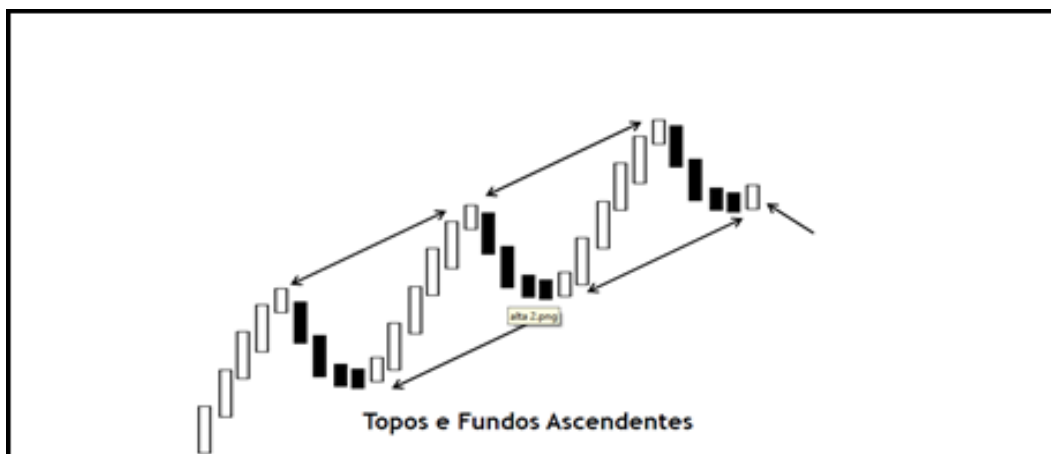
A onda 2 seria a segunda linha preta com inclinação para baixo, que é o preço corrigindo. Assim, quando há uma possibilidade de reversão de tendência em onda 3, desconsidera-se o topo anterior para observar o alvo e pensa em projeção de Fibonacci, uma ferramenta presente em todos os *softwares* de análise técnica. Em seguida, mede-se a onda 1, e projeta-se a partir do fundo da onda 2:



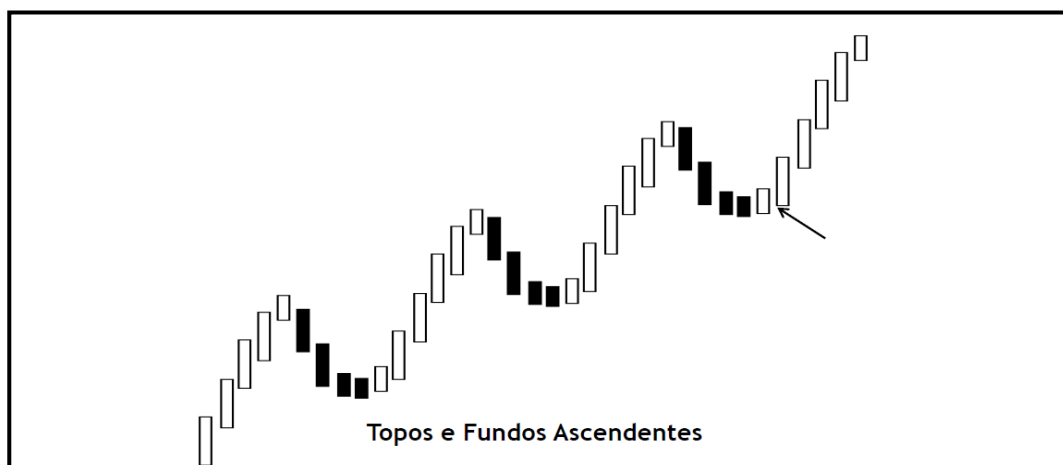
Após, aparecerão linhas com 100%, 127%, 161,80%, 200% e 261,80%, que significa que quando a onda 3 chegar a 4.74, esta terá 100% do tamanho da onda 1.

É comum que haja uma resistência nesses níveis de 100, 127, 161, 200 e 261,8%, então, Elliot falava que quando a onda 3 é pequena ela tem pelo menos 100% do tamanho da onda 1. Assim, sempre vou à reversão de tendência e me preocupo sempre em pegar a onda 3. Porque sei que ela é a maior onda da tendência.

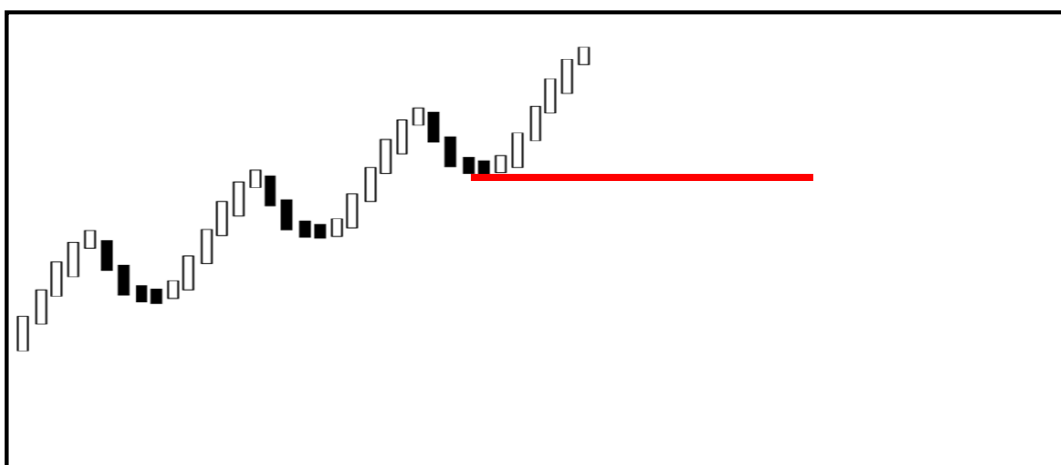
A teoria de Dow aplicada:



Quando o mercado tem essa tendência de alta, fazendo topos e fundos ascendentes, pensa-se na compra, pois o comum é sempre ter os preços subindo, alcançando novos topos:

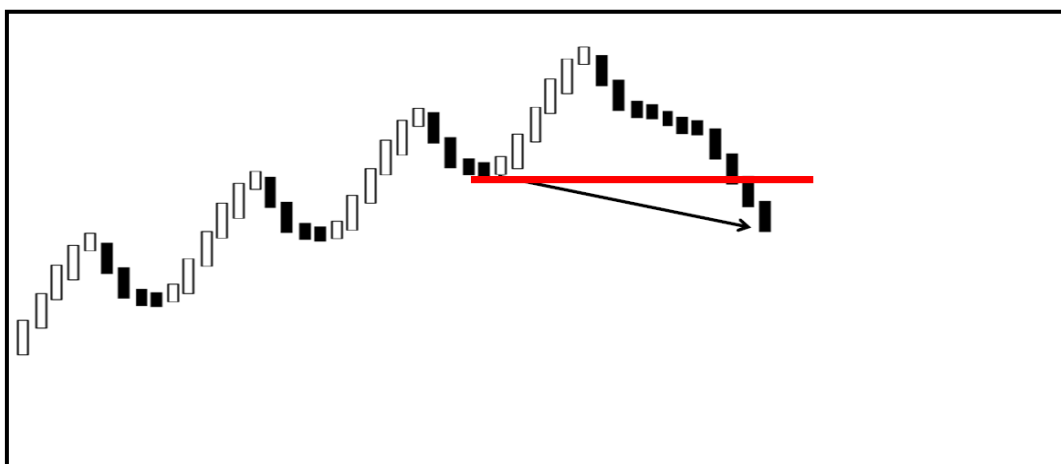


Nesses casos, quando se está comprado, um *stop* é sempre colocado no fundo anterior, como no exemplo abaixo:



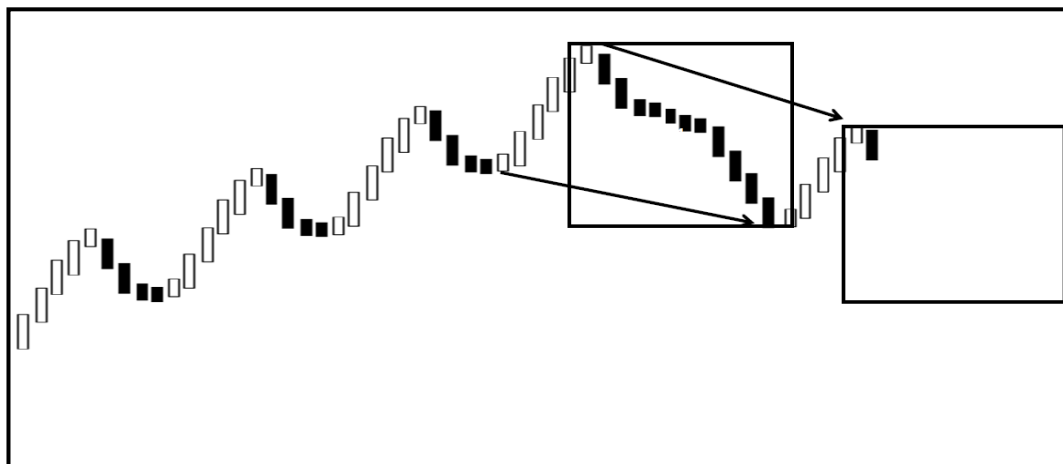
A linha vermelha seria um *stop*, que é no fundo anterior.

Até que acontece isso:



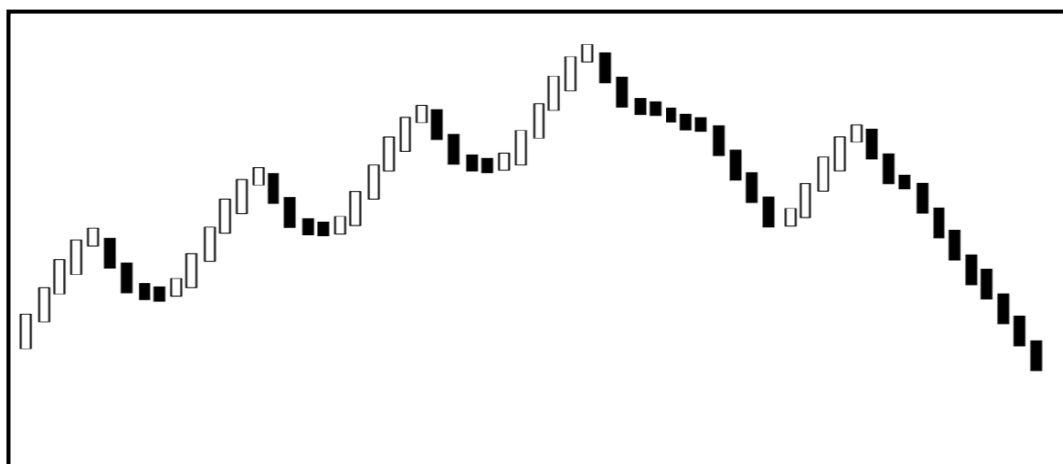
O preço rompe o fundo anterior e o passa a ter características de tendência de baixa.

Na tela abaixo, observa-se que o preço volta a subir e em um determinado momento volta a perder força, deixando um topo mais baixo que o topo anterior, dando mais um sinal de tendência de baixa (topos descendentes):



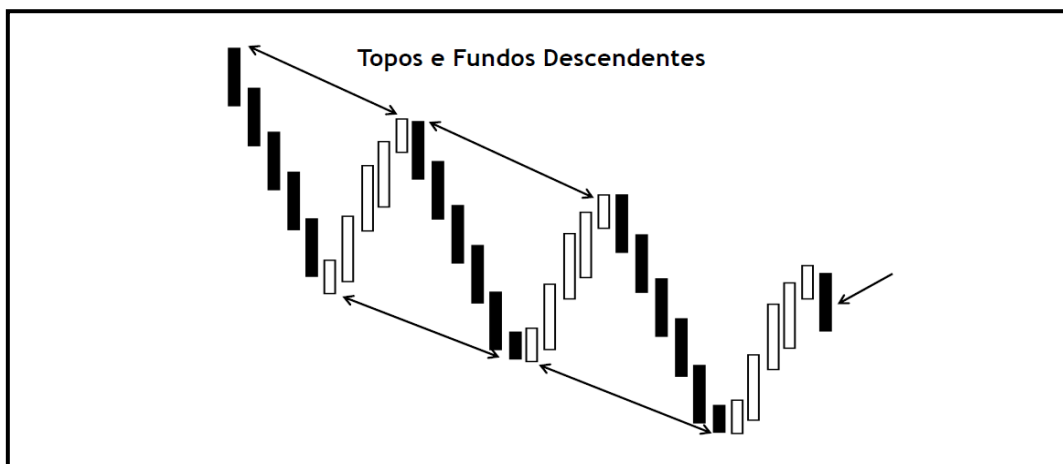
Por conseguinte, se o ativo está fazendo topos e fundos descendentes, ele está em uma tendência de baixa. Abre-se espaço para uma aposta na venda, esperando que a onda de baixa em formação tenha pelo menos 100% do tamanho da primeira onda.

Ou seja, o movimento esperado é o indicado abaixo:

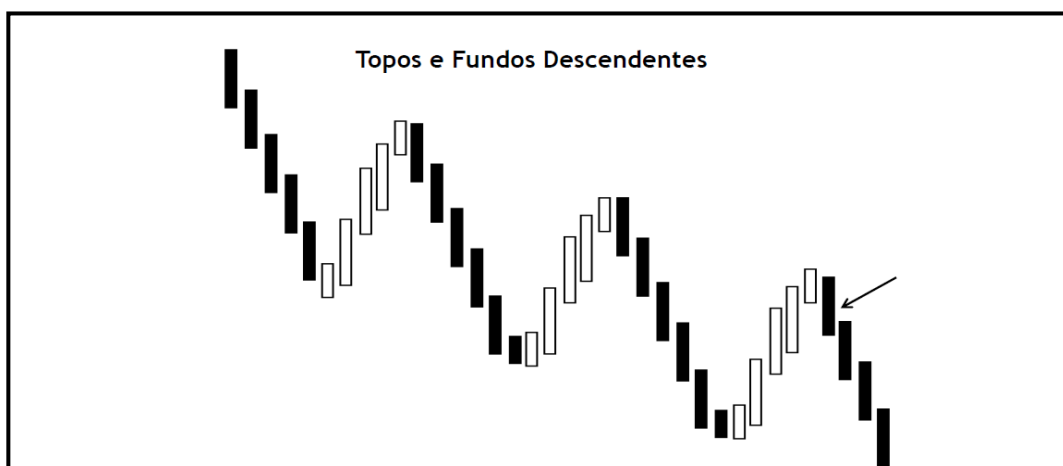


E é nessa onda para baixo que deseja-se operar, nessa hipótese de venda.

Observe quando há uma tendência de baixa:

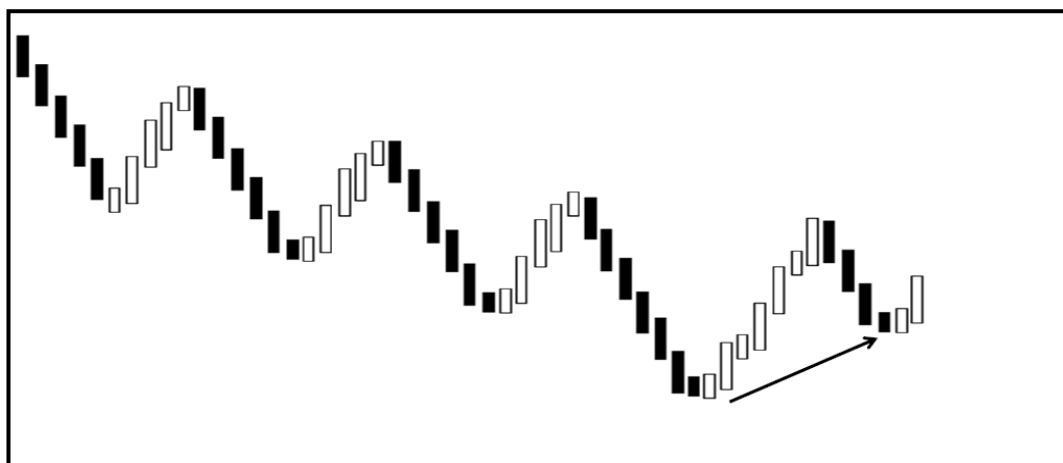


Segundo a teoria de Dow, na tendência de baixa o preço faz topos e fundos descendentes. Então, com o decurso do tempo, o mercado vai caindo e cada topo é mais baixo que o topo anterior e cada fundo é mais baixo do que o fundo anterior, que denomina um padrão de baixa. Assim, quando o preço chega na seta da imagem acima espera-se que o gráfico faça isso:



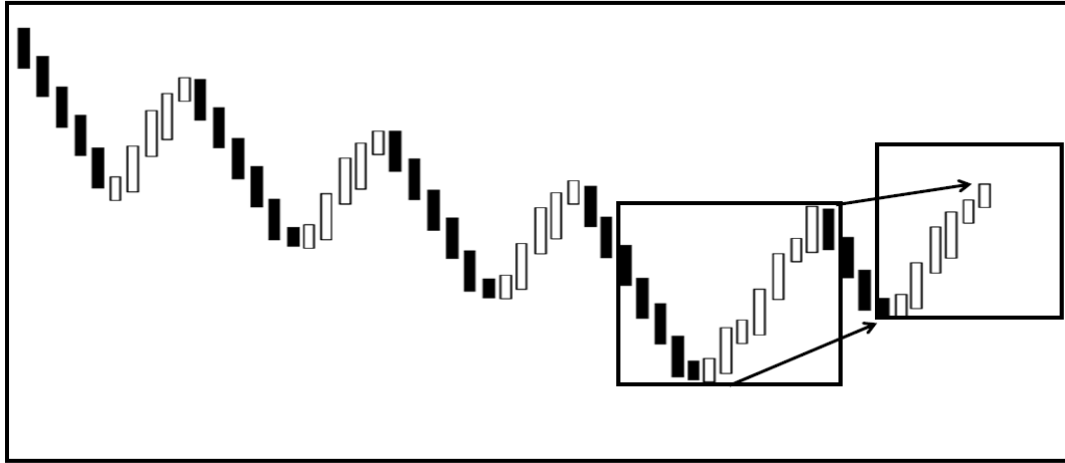
Dê continuidade a uma tendência de baixa.

Porém, após um tempo percebe-se que o gráfico começa a se comportar de maneira diferente:



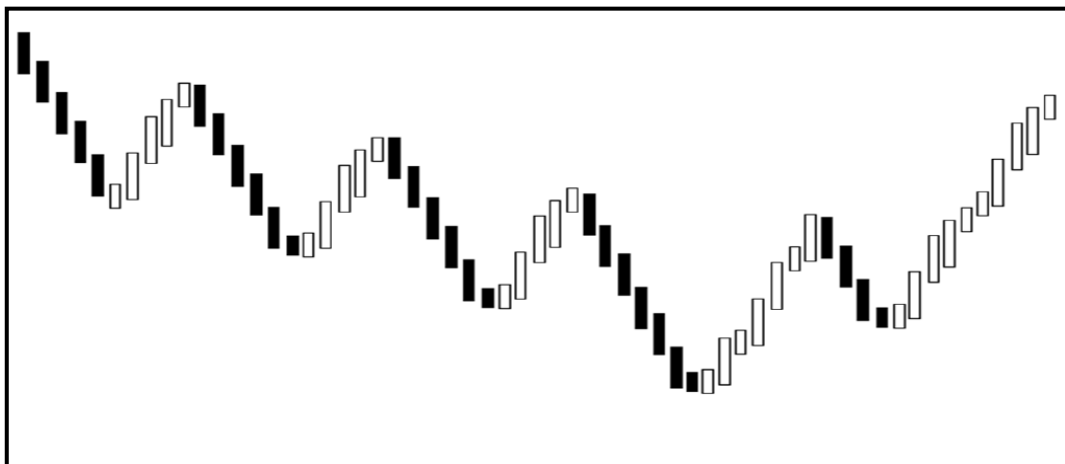
Começa a deixar um fundo mais alto do que o fundo anterior, quando questiona-se a razão de estar subindo, e deixa um fundo mais alto do que o anterior.

E acontece isso:



Começa a ter topos e fundos ascendentes e inicia a tendência de alta, em vez de tendência de baixa.

Para definir o alvo pega-se o tamanho da perna 1 (quadrado à esquerda e inferior) e projeta-se no final da onda 2. Após, espera-se que a onda 3 (quadrado à direita superior) seja pelo menos 100% da onda 1 e que apresente o seguinte resultado:



O preço sobe, fazendo uma onda 3.

Um exemplo seria o gráfico diário do ativo ELET6:



É possível notar que o gráfico vinha em uma tendência de baixa fazendo topos e fundos descendentes, até o momento em que o preço faz um movimento para cima, que se denomina onda 1. Após, o preço corrige, fazendo uma onda 2, e a partir do momento em que começa a formar um pivô, imediatamente pensa-se em compra, buscando uma onda 3 do mesmo tamanho da onda 1:



O movimento esperado quando existe essa formação é este:



Assim, tem-se a onda 3, que quando é identificada possibilita a compra no rompimento do topo anterior, na linha preta:



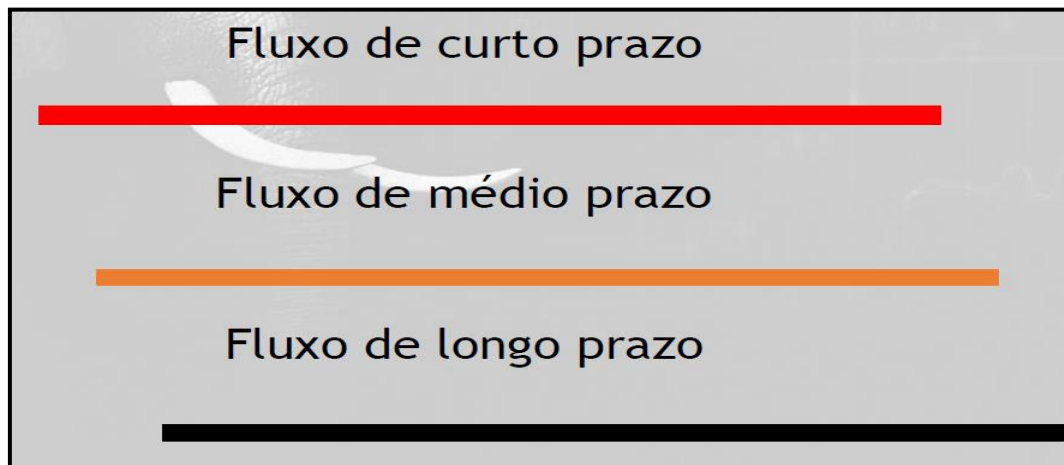
Um problema visualizado neste tipo de operação é que quando tem o rompimento do topo anterior ou rompimento do fundo anterior, boa parte do movimento já passou e o *stop* acaba ficando muito grande (retângulo vermelho da imagem acima), quando o alvo não é tão grande (retângulo preto da imagem acima). Surgiu-se, então a necessidade de desenvolver algo para que nas operações tivessem um *stop* mais curto e um alvo maior, para atender a necessidade de ter uma relação risco/ganho de 1/3. Para tentar diminuir essa distância da compra e venda, alvo maior e risco menor, aconselha-se o uso de um indicador na tomada de decisão, sendo que após vários testes, concluiu-se que MACD, com algumas modificações, é o mais recomendado.

É este indicador que permite dar a entrada antes, em vez de esperar o rompimento do topo, para que atinja o seguinte resultado:



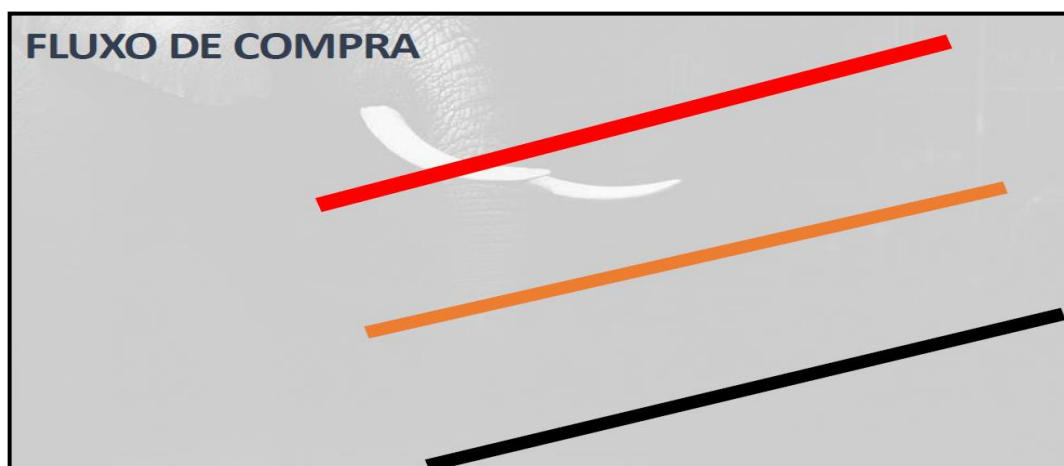
Stop loss pequeno (retângulo vermelho) e o alvo grande (retângulo preto).

Esse indicador é chamado de difusor de fluxo, não tem complexidade, trata-se de um MACD com uma linha adicional, que mostra o curto, o médio e o longo prazo:



O indicador consiste em 3 linhas. Linha vermelha (rápida) de curto prazo. Linha laranja (lenta do MACD tradicional) de médio prazo. E a linha preta é aquela que mede um fluxo de longo prazo.

O indicador mostra o fluxo de compradores e vendedores, portanto, quando tem-se:



Linha vermelha acima da laranja e da preta: fluxo de compra.

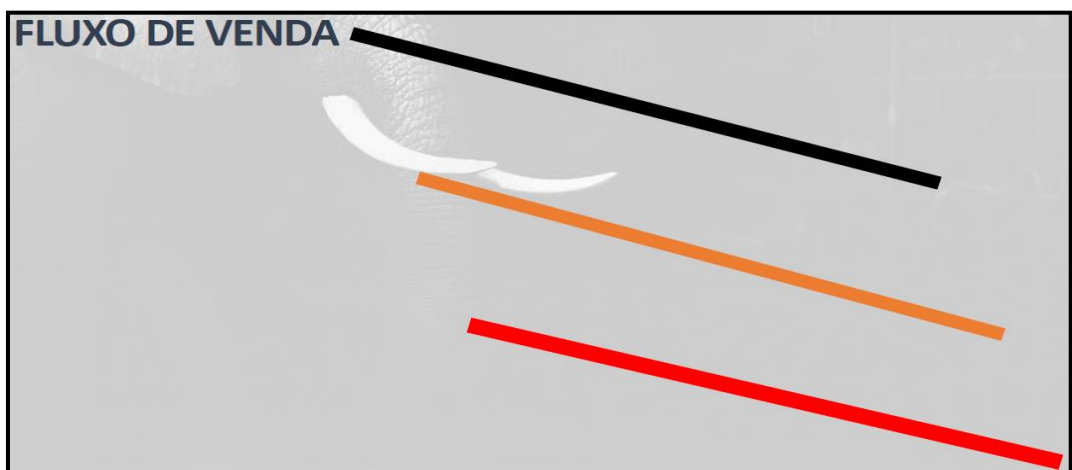
Quando tem-se uma possibilidade de reversão de tendência, as 3 linhas ficam alinhadas da maneira ilustrada acima e já há o *start* para a operação.

Segue um exemplo com GGBR4 no gráfico diário:



No ponto da barra na vertical, a linha laranja do difusor cruzou para cima, sendo este o “check” para pensar em compra, porém, sempre pensar no pivô para o início da operação.

Também há o fluxo de venda:



Quando a linha vermelha de curto prazo está abaixo da laranja de médio prazo e abaixo da preta de longo prazo, surge uma operação de venda.

Exemplifica-se com a KROT3, no gráfico diário:



No retângulo na vertical há o cruzamento do difusor para baixo, mostrando o fluxo de venda.

Ressalte-se que esse indicador não deve ser usado em qualquer momento, é indicado apenas para reversão de tendência. Observa-se apenas o preço revertendo tendência e, além disso, o difusor de fluxo, desprezando-se as médias móveis.

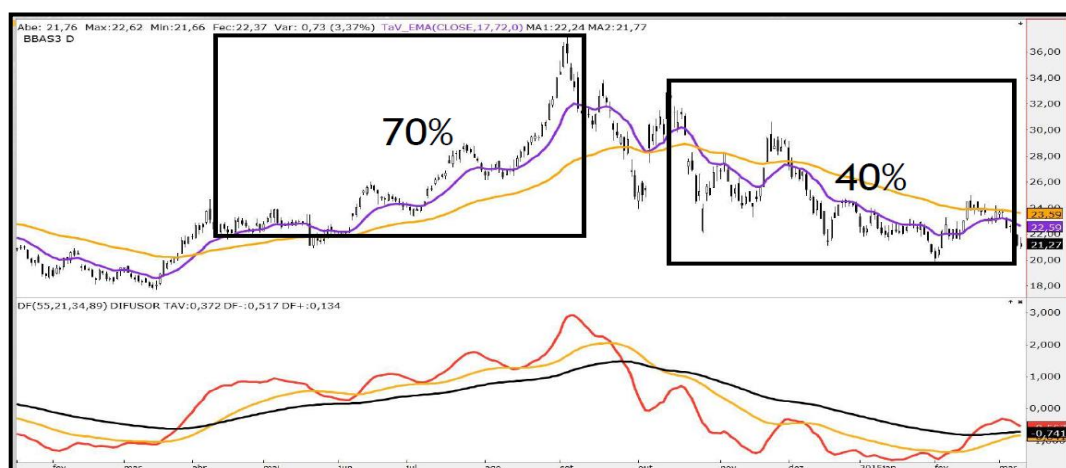
Mais um exemplo com BBAS3, no diário:



Na primeira barra na horizontal, observa-se o cruzamento da linha laranja no difusor, indicando uma reversão de tendência para alta, já na segunda barra vertical, verifica-se o cruzamento da linha laranja para baixo, indicando uma reversão de tendência para baixa.

Esse indicador também é eficiente em tendências duradouras. A reversão de tendência dá início a uma nova tendência, e é possível que a nova tendência dure alguns meses, anos, e em alguns ativos, algumas décadas.

Segue a reversão de tendência em BBAS3:



Na imagem acima é possível verificar uma alta de 70% no segundo semestre de 2014, que veio após uma reversão. Logo em seguida, após outra reversão, observa-se uma queda de cerca de 40% no ativo.

O difusor também oferece operações com excelentes relações de Risco/Ganho, e estas relações constituem um dos modos mais importantes para ser *trader* vencedor no longo prazo. Será aprofundado no decorrer da obra, mas basicamente é tentar ganhar o máximo quando acerta e perder o mínimo quando der errado. Ao fazer qualquer indicação deve-se saber onde comprar, onde sair quando der certo, e onde sair quando acontecer o oposto, sendo que a relação de Risco/Ganho sempre será no mínimo de 1/3.

Passos para a construção do indicador – Difusor de Fluxo

Linha de Curto prazo (vermelha):

- Calcula-se uma Média Móvel Exponencial “curta” (default = 21 períodos);
- Calcula-se uma Média Móvel Exponencial “longa” (default = 55 períodos);
- A subtração das duas curvas é a medida do difusor de curto prazo.

Linha de Médio prazo (laranja):

- Calcula-se uma Média móvel de 24 períodos da linha DIFUSOR.

Linha de Longo prazo (preta):

- Adiciona-se uma média móvel de 89 períodos.

Segue exemplo de uma compra no dólar usando o Difusor, gráfico de 5 minutos:



Depois do cruzamento das linhas laranja e vermelha para cima da preta, começa-se a pensar em compra, o difusor cruza para cima, então, aguarda-se o primeiro pivô, o rompimento do primeiro topo, para entrar na operação.

Porém, eis o que ocorre com o preço:



Com o desenrolar do preço, é crível desenhar uma linha de tendência preta, o que possibilita a compra no rompimento dessa linha com o difusor cruzado para cima:



Com o rompimento da linha de tendência de baixo, linha preta, efetua-se a compra e presume-se que o gráfico fará exatamente isso:



O mercado entra em tendência de alta e continua a subir.

Na tendência de baixa, segue um exemplo, também com dólar, no gráfico de 5 minutos:



Observa-se que o dólar desce bastante e corrige abaixo da média, volta a subir e o difusor já está indicando uma reversão de tendência para baixo:



Tenta-se fazer essa venda, colocando o *stop* no topo do gráfico de 1 minuto e espera-se este:



Outro exemplo, ALPA4, no diário:



A partir desse ponto do gráfico o difusor está cruzado para baixo, e logo após, ocorre uma consolidação:



O preço faz novo topo, com uma diferença de pelo menos 17 *candles* entre o topo anterior e é possível cogitar uma operação. Em seguida, coloca-se o *stop* acima da linha vermelha, que é o topo anterior e uma possibilidade de realizar a venda a partir da linha preta, no rompimento do fundo, para pegar uma reversão de tendência em ALPA4:



Após, o preço cai, fazendo muito mais que 100% da onda 1. E no final da imagem acima, o difusor cruza para cima novamente:



O gráfico começa a fazer fundo acima do fundo anterior e caso rompa o topo da linha preta, tem-se o difusor cruzado para cima, e no rompimento da linha preta, pode-se pensar em compra com *stop* na linha vermelha:



Há o rompimento, gerando nova reversão de tendência, entrando em uma tendência de alta e o preço fecha em R\$ 9,74. Exemplo extraído do dia 16/11/2015.

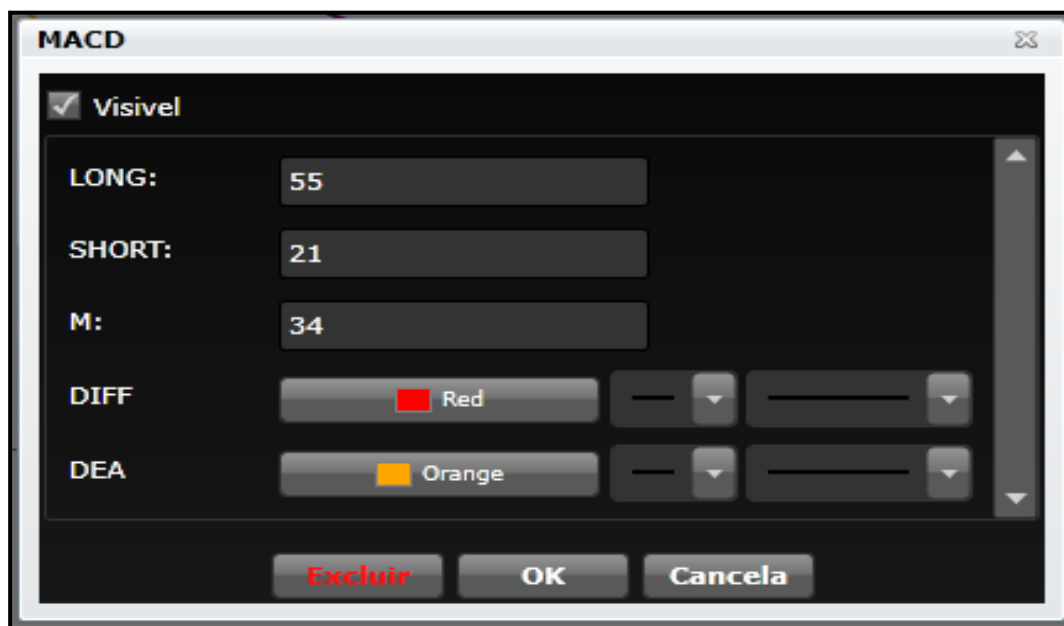
Apenas para frisar, não é o tipo de operação que mais aparece nos gráficos, mas é o tipo de operação aconselhável de fazer, por ser considerada mais rentável, e que sempre é buscada nos gráficos. Às vezes pode surgir receio, entretanto, como a entrada é feita não só no cruzamento do difusor, e é adicionada a condição do pivô, acaba por ser muito interessante operar com essas situações.

Durante todas as grandes reviravoltas do mercado, na minha experiência pessoal, isso ajudou bastante a surfar as tendências desde o início, portanto é um tipo de operação que eu não dispenso. Ao olhar um gráfico, sempre busco primeiramente a possibilidade de uma reversão de tendência. Depois, outras estratégias.

Como montar o difusor na sua plataforma gráfica:

- Coloca para inserir novo indicador;
- Insere um MACD;
- Após, inclui-se uma média móvel exponencial no MACD de 89 períodos;
- Altera-se as linhas do MACD, na linha média coloca-se 55 períodos e na linha curta, 21 períodos;
- Atribui-se ao M. o valor de 34

Resulta na seguinte janela do MACD:



The image shows a software window titled "MACD" with a close button in the top right corner. Inside the window, there is a checked checkbox labeled "Visivel". Below this, there are three input fields: "LONG:" with the value "55", "SHORT:" with the value "21", and "M:" with the value "34". Underneath these are two rows of color selection controls. The "DIFF" row has a red color swatch and the label "Red", followed by two dropdown menus. The "DEA" row has an orange color swatch and the label "Orange", followed by two dropdown menus. At the bottom of the window are three buttons: "Excluir" (highlighted in red), "OK", and "Cancela".

MACD

☒ Visivel

LONG: 55

SHORT: 21

M: 34

DIFF ■ Red

DEA ■ Orange

Excluir **OK** **Cancela**

Estratégia para o mercado em queda

Segue experiência pessoal para melhor compreensão do objeto deste capítulo.

Ao começar a operar, sequer imaginava que havia possibilidade de pensar em ganhos com o mercado em queda. Naquela época o mercado só subia e não havia necessidade de pensar no que fazer se o mercado caísse.

Recordo-me quando conheci o Igor Rodrigues, que tornou-se grande parceiro como *trader*, professor e analista, que falava algo interessante: “O mercado, atualmente, trabalha fazendo topos e fundos ascendentes e muitos se acostumaram apenas a comprar, mas vai chegar um momento em que o mercado vai virar, testar o topo e não vai romper, vai descer e cair com muita força, então, precisamos estar preparados para esse momento e assumir que se o mercado reverter a tendência, será necessário zerar todas as operações de compra e entrar na venda”. Naquele momento, ainda não tinha noção do que significava “entrar na venda”, porque naquela época as corretoras do Brasil nem aceitavam o aluguel de ações ou venda a descoberto, ou seja, na maioria das corretoras só era possível operar comprado.

E aconteceu a crise de 2008, a partir deste evento as corretoras começaram a abrir um pouco mais para o investidor pessoa física, e já havia 2, 3 corretoras que aceitavam venda. Felizmente, eu estava em uma dessas corretoras e consegui aproveitar muito bem a queda, bem como da retomada da tendência de alta do mercado em 2009. Porém, muitos que estavam na mesma situação, não se atentaram para a importância de aprender como funcionava aquela ferramenta (a venda de ações) e com a popularização desta, por não ter havido estudo prévio por parte dos investidores, houve muito prejuízo e muita evasão do mercado. O resultado é que atualmente há menos investidores pessoas físicas do que havia em 2010, 2011, tudo em razão desse momento de queda.

Do cenário apresentado, conclui-se que muitos não conseguiam e não conseguem entender o funcionamento do mercado em queda e a ênfase no tópico é para que mais uma vez seja possível afastar-se da manada.

O objetivo deste capítulo é mostrar como funciona a venda de ações no curto prazo.

Atualmente vive-se o auge de uma crise econômica, e, conseqüentemente teme-se o desemprego, aumenta a instabilidade financeira, entre outros receios. Trata-se de uma crise com inflação alta, portanto, as empresas não possuem capacidade para subir o salário, por outro lado, o preço no varejo sobe, então, as pessoas deixam de comprar imóvel, trocar de carro, divertir-se,

justamente se preparando para um momento que pode ser ruim, como perda do emprego e padrão de vida.

Durante a crise também é frequente a queda nas bolsas, quando a crise é interna, acontece apenas no Brasil, ou, no caso de 2008, a queda ocorreu nas bolsas do mundo inteiro. E o sentimento prevalente durante a crise é o de medo, as pessoas receiam ousar, empreender. Hoje você senta em uma mesa e o primeiro assunto que alguém vai puxar é “E a crise? Está difícil! ”. Eu sempre fui uma pessoa otimista. Meu pai sempre me falava que nunca conheceu um pessimista rico. Por isso, é importante concentrar no lado positivo, e procurar transformar a crise em oportunidade. Cite-se como exemplo a facilidade de comprar um carro atualmente, pode-se dar entrada de 30% e financiar o restante em 24 vezes sem juros, e isso era inimaginável há 3 anos. Quando você imaginou que compraria de novo no Brasil imóvel com desconto de até 50%? Antes você chegava a um stand de venda dessas grandes consultoras brasileiras e percebia, que mesmo pagando à vista, não existia desconto no imóvel. Agora vemos esses feirões que acontecem nas grandes capitais onde existem descontos de 30, 40, até 50% do valor do imóvel. E imóveis prontos, não apenas na planta.

É no momento de crise que empresários capitalizados adquirem outras empresas, fusões acontecem em várias partes do mundo onde há crise. Em 2008, por exemplo, houve 3 grandes fusões que mudaram a história dessas companhias. Uma delas foi a do Itaú com o Unibanco. Fusão entre aspas. O Unibanco estava vivendo uma situação difícil e provavelmente teria um problema mais sério se não houvesse essa fusão. O Itaú incorporou o Unibanco. Outra fusão digna de citação foi da VCPA (Votorantim Papel e Celulose) com Aracruz, que à época estavam em uma situação ruim. As duas empresas tinham papéis em bolsa e formaram umas das grandes companhias brasileiras de hoje. E, por fim, Perdigão e Sadia, antes rivais, hoje chamada Brasfoods, atualmente uma das maiores empresas do setor alimentício do mundo. Portanto, um momento de crise também é propício para adquirir o concorrente. Vislumbra-se, portanto, que toda situação tem um lado positivo, passível de aproveitamento.

Um momento de crise é também um bom momento para operar na bolsa.

Para tirar proveito é necessário apenas um detalhe: estar capitalizado. Atualmente, quem tem capital consegue comprar um carro com um bom desconto ou até mesmo dar entrada de 30% e financiar o restante sem juros, bem como o empresário consegue comprar o concorrente que está passando dificuldade. E na bolsa, foi assim também em 2008:



Observa-se que a bolsa saiu de 70 mil pontos para 30 mil pontos em algumas semanas, e durante essa queda aqueles que tiveram disciplina para sair das operações no tempo certo e se mantiveram capitalizados puderam aproveitar o momento que veio a seguir: o momento da recuperação do mercado.

Como exemplo, segue o gráfico da ABEV:



No auge da crise o gráfico chegou a bater quase R\$ 2,00 e depois da crise houve a recuperação, subindo com o valor acima de R\$ 17,00. E isso aconteceu com todos os ativos. Como exemplo: Vale, Petrobrás, Usiminas.

É difícil imaginar que depois de 4 anos de mercado lateral que a alta chegue, mas ela é certa.

Oportunidade melhor durante a queda é aproveitar para aumentar o seu capital. A maior dificuldade do *trader* para desenvolver essa sensibilidade, de que o mercado mudou, é um conceito que chamamos de: “tá barato”, por estar muito presente na vida como consumidor. Você vai ao shopping e tem lá uma televisão, um modelo novo, 60 polegadas, *smartv*. Você gosta da televisão e vê que ela custa R\$ 5.000,00. Após alguns meses, lançam uma outra tecnologia e aquela TV que você viu saiu da linha de produção. E a mesma televisão que valia R\$ 5.000,00 está sendo vendida

agora por R\$ 2.000,00. Conscientemente você passa a achar que agora a televisão “tá barata”. Isso acontece com a televisão, o carro, o celular. E fica muito presente esse conceito do “tá barato”.

O que ocorre é que muitos se equivocam e utilizam este conceito consumerista no mercado de ações. Então, em vez de pensar em venda porque o mercado está em baixa, utiliza-se o conceito de: “tá barato”. Um exemplo é o gráfico USIM5 no diário:



Em 2011 o preço bateu em R\$ 18,00, em queda dos R\$ 30,00. Muitos pensando ainda no conceito “tá barato”, efetuaram a compra, e aconteceu isso:



A tendência era de baixa, continuou a cair e para aproveitar a queda, muitos continuaram comprando, porém, ocorreu o que segue:



O preço chegou a R\$ 6,00. Esse gráfico mostra a evolução do mercado até julho de 2012. Para quem acha que a R\$ 6,00 já “tá barato”, saiba que no final de 2015 ela valia menos de R\$ 1,00.

Verifica-se, portanto, que o “tá barato”, ou seja, transportar o hábito consumerista para o mercado de ações, não é válido. O que está barato hoje no mercado, se está em tendência de baixa, tende a ficar ainda mais barato. E o que está caro, tem a tendência de subir cada vez mais. Há dificuldade de habituar-se a isso porque é contra-intuitivo, mas é necessário, e pensar diferente é obstáculo de muitos investidores.

Em síntese, para aproveitar dos momentos de crise e queda do mercado, é imprescindível mudar o conceito e criar oportunidades.

Quando fala-se em aproveitar o momento de crise, o primeiro passo é definir o perfil do investidor: investidor de longo prazo ou operador de curto prazo.

Para aqueles que têm perfil de longo prazo, é desnecessário preocupar-se com o preço. Investidor de longo prazo não compra preço, compra valor. Ou seja, caso seja perceptível o valor de uma determinada empresa e acredita-se na sua evolução, é irrelevante se custa R\$ 5,00, R\$ 10,00 ou R\$ 20,00, ou seja, não se dá importância ao preço que está cotada na bolsa. E isso ocorre porque uma empresa que entrega valor para o acionista no longo prazo, estará sempre em contínua valorização, distribuindo dividendos. Então, o foco do longo prazo não é no preço, e sim, no valor.

Por conseguinte, quando surge a crise, o investidor de longo prazo precisa preocupar em se manter capitalizado, uma vez que em determinado momento, aquela ação que entrega valor vai apresentar um preço tão baixo que surge uma boa oportunidade para aumentar o número de ações que tem em carteira, caso a empresa continue entregando valor.

Assim, a única preocupação com preço do investidor de longo prazo deve ser: surge a crise, caso esteja capitalizado e for constatado que a ação da empresa sempre entregou valor, tem uma bela perspectiva, boa gestão, atua em um setor promissor, será possível comprar mais ações e aumentar a participação como sócio.

Mas a chance de aumentar o capital durante a crise vem para um segundo tipo de investidor: o operador de curto prazo, que faz operações de *swing trade* e *day trade*.

O foco deste capítulo é nesse tipo de operador.

Começando com o operador de *swing trade*. Essa operação é utilizada durante a crise não só para manter o capital, bem como para aumentá-lo. Segue exemplo, com o gráfico RAPT4, no semanal:



Observa-se um suporte entre R\$ 5,50 e R\$ 6,00, carinhosamente chamada por este autor de: “região do Deus me livre” (é de se imaginar uma forte queda de mercado caso ocorra o rompimento desse nível).

Aproveita-se a oportunidade para vender esse ativo caso perca esse fundo, o que provavelmente acontecerá com o mercado em queda. E no seguinte:



No começo de 2015 estava cotada por volta de R\$ 3,50, então caso perceba essa possibilidade no gráfico, questiona-se: como lucrar com essa queda? Com os denominados aluguéis de ações, como principal estratégia.

Aluguel de ações

Vender algo que não tem contrapõe-se a todos os conceitos. Por exemplo, vender as ações da RAPT4 sem possuí-las, é complexo, porque no cotidiano não é possível, por exemplo, vender um carro que não seja proprietário. “ah, porque eu vou recomprar lá embaixo”. Não é possível fazer isso. Não é possível vender um imóvel que não possui. Têm aqueles que fazem isso, mas se pegos, respondem processo criminal. Entretanto, no mercado de ações, no *swing trade*, é possível vender uma ação que não tenha, desde que utilize um instrumento denominado: aluguel de ações.

Funciona da seguinte maneira: tem-se a impressão que a ação da RAPT4 vai cair, pretende-se vender essa ação para alguém que acha que vai subir, para tanto, aluga-se de quem tem essas ações para longo prazo e as disponibiliza para aluguel; pega-se essas ações disponíveis para aluguel e entrega-as para o comprador; ao final, fica o compromisso de devolver, um dia, essas ações para a pessoa de quem aluga-se.

Nesta transação, é possível identificar dois tipos de investidores: o investidor doador das ações (investidor de longo prazo) e o investidor tomador das ações, aquele que especula com o mercado, vende e tenta lucrar com a queda.

Investidor doador

O investidor procura uma corretora e firma contrato para disponibilizar as ações para empréstimo, ressalte-se, ele não tem interesse em vender as ações. O que ocorre na prática é que ele vai até uma corretora e informa: “Sou acionista de RAPT4, tenho 10 mil ações dessa empresa e acho que essa empresa tem valor. Não quero vender em hipótese nenhuma. Quero pegar essas ações que possuo e doar para aluguel”. A corretora faz o intermédio entre o investidor que deseja emprestar suas ações (doador) e o investidor que deseja tomar as ações emprestadas (tomador).

O investidor transfere temporariamente suas ações para o investidor tomador por meio do BTC – Banco de Títulos da CBLC, estabelecendo um prazo de carência para a devolução e um prazo máximo para o empréstimo. Após a transação, o investidor doador não participa de assembleias da companhia durante o prazo de empréstimo; por outro lado, o investidor doador recebe proventos, taxas de aluguel e recebe da BM&FBOVESPA a taxa líquida 0,05% ao ano sobre o volume emprestado.

Investidor tomador

O investidor procura uma corretora e firma contrato para tomar ações para empréstimo. A corretora faz o intermédio entre o investidor que deseja emprestar as ações (doador) e o investidor que deseja tomar as ações emprestadas (tomador).

O investidor recebe as ações do investidor doador e pode vendê-las no mercado, onde fica estabelecido um prazo de carência para devolução e um prazo máximo para empréstimo. Geralmente aluga-se por 3 meses e paga-se uma taxa de 1% ao ano, por exemplo. Caso alugue por um período menor, paga-se uma taxa *pro rata*.

O investidor tomador deve depositar uma margem garantida na CBLC. O valor dessa margem é igual ao valor atualizado dos títulos, acrescido de um percentual definido pelo BTC, que geralmente é inferior ao valor das ações.

O valor das margens é acompanhado e recomposto diariamente, na forma e nos prazos estabelecidos pela CBLC.

O banco de títulos CBLC-BTC é um serviço por meio do qual os investidores disponibilizam títulos para empréstimos e os interessados os tomam mediante aportes de garantia. A CBLC atua como contraparte no processo e garante as operações.

O acesso aos serviços se dá por meio de um sistema eletrônico, e o tomador paga uma taxa ao doador. Essa taxa é livremente pactuada entre as partes.

É possível verificar estas ofertas na maioria dos *Home Broker* que existe no mercado hoje em dia.

Segue exemplo para ilustrar uma venda na RAPT4:



Suponha-se que as ações da RAPT4 cairão e pretende-se lucrar. Então, propõe-se a venda de 5.000 papéis de RAPT4 a R\$ 6,00.

- Aluga-se 5000 ações de RAPT4 e vende o papel no mercado a R\$ 6,00;
- Recebe-se em conta o valor de R\$ 30.000,00 (5.000 papéis X R\$ 6,00).

Em seguida:



O preço cai para R\$ 4 e decide-se que é o momento de finalizar a operação.

- Compra 5.000 ações, cotadas a R\$ 4,00;
- Paga-se na compra R\$ 20.000,00 e obtém-se um lucro bruto de R\$ 10.000,00;
- Em seguida, devolve as 5.000 ações ao doador e quita-se a taxa de aluguel proporcional ao período.

Quando realiza-se uma venda, é imperativo ter uma margem. Então, imagine-se que para fazer uma venda de RAPT4 seja necessário 50% do valor do ativo. Nesta hipótese é preciso deixar como garantia o dinheiro recebido pela venda e ter em conta R\$ 15.000,00, ou seja, de certa forma é necessário ter menos em conta do que o valor total da venda. De fato, é forçoso possuir R\$ 45.000,00 de margem, mas R\$ 30.000,00 advieram das ações vendidas. Então, de capital fica retido apenas R\$ 15.000,00 e isso é imprescindível porque a RAPT4 pode começar a subir e surgir a necessidade de comprá-la por R\$ 7,00 ou R\$ 7,50.

A margem que a Bovespa pede é menor do que 100%, uma vez que é raro amanhecer com um *gap* deste, em especial com as ações disponíveis para aluguel, que são ações de primeira linha. É claro que não é aconselhado dormir vendido com OGX, que custa R\$ 0,03. Esse tipo de operação deve ser feito apenas com ações de primeira linha, que existe ao menos 70, 80 no Brasil.

Entretanto, se opta por não usar o *stop*, seja na venda ou na compra, o prejuízo é certo.

Outro exemplo:



O ativo da USIM5, no gráfico semanal, teve uma linha de tendência muito interessante perto dos R\$ 8,00. Suponha-se uma venda de 3000 papéis de USIM5 a R\$ 8,00.

- Aluga-se 3.000 ações de USIM5 e com venda no mercado a R\$ 8,00.
- Recebe-se em conta o valor de 24.000,00:



Em seguida a Usiminas despenca e compra-se 3.000 papéis a R\$ 5,00.

- Paga-se na compra R\$ 15.000,00, resultando um lucro bruto de R\$ 9.000,00.
- As 3.000 ações são devolvidas ao doador e paga-se a taxa de aluguel proporcional ao período de aluguel.

Portanto, demonstrada a possibilidade de aproveitar das operações com aluguel de ações no *swing trade*.

Existe, ainda, o *day trade*, com operações de curtíssimo prazo, onde a modalidade de venda é essencial.

O *day trade* apresenta três facilitadores:

1. Não existe *gap* no *day trade*. Isso torna as operações mais seguras, portanto é possível investir com um capital mais representativo;
2. No *day trade* não é necessário alugar ação. Na hipótese de deduzir que a ação vai cair, basta preencher uma boleta de venda;
3. É possível trabalhar com alavancagem.

A maioria das corretoras oferece alavancagem para fazer operações *day trade* em relação ao capital que possui. Exemplo: é possível conseguir uma alavancagem de até 25x com as ações da Vale, ou seja, caso possua R\$ 10.000,00 em conta, é admissível vender ou comprar até R\$ 250.000,00 em ações da Vale. Ou seja, consegue-se operar pelo menos 25 vezes mais do que operaria no *swing trade*. A isso dá-se o nome de alavancagem e deve ser usada com cautela.

É usual que se utilize a alavancagem para complementar capital, o que fatalmente resultará em quebra, simplesmente porque não é sempre que existe condição excelente e a alavancagem deve ser usada apenas quando estão presentes: a) uma estratégia; b) um excelente índice de acerto; c) quando percebe-se uma grande volatilidade do mercado; d) e, um risco calculado. De qualquer forma, a alavancagem é uma ferramenta disponível, inclusive na venda. E, além disso, para esse tipo de operação, não é cobrada nenhuma taxa adicional, além das usuais, que são corretagem e emolumento.

Exemplo em VALE5, no gráfico de 5 minutos:



Suponha-se uma venda neste rompimento da VALE5.

No exemplo acima realiza-se uma venda a descoberto de 2.000 VALE5 a R\$ 17,70.

- Recebe-se em conta R\$ 35.400,00.

E a vale despenca:



No mesmo dia efetua-se a compra das 2.000 ações, que têm seus preços cotados a R\$ 17,30.

- Paga-se na compra 34.600,00 reais e resulta um lucro bruto de R\$ 800,00 reais. Nesta operação não há cobrança de taxas além das usuais (corretagem e emolumento).

Outro exemplo seria o gráfico GGBR4, no gráfico de 5 minutos:



Há uma possibilidade de reversão de tendência em GGBR4, surgindo a possibilidade de vender 3.000 papéis a R\$ 10,00.

- Venda a descoberto de 3.000 papéis GGBR4 a R\$ 10,00;
- Recebe-se em conta R\$ 30.000,00.

No mesmo dia, compra-se as 3.000 ações que têm seus preços cotados a R\$ 9,80.

- Paga-se R\$ 29.400,00 reais e há o lucro bruto de R\$ 600,00 reais. Recorde-se que para essa operação não são cobradas taxas além das usuais.

E um questionamento muito frequente consiste em: “Como enxergar uma venda em um determinado papel?”. Exatamente da mesma maneira que enxerga-se uma compra em um papel. Então, qual estratégia operacional utilizar? Caso compre no rompimento de uma resistência, vende-se no rompimento de um suporte, ou seja, uma das estratégias muito usadas é o rompimento de suporte e linhas de tendência de alta. A segunda estratégia é de correção de médias móveis, e a terceira estratégia é a de reversão de tendência. Então, da mesma forma que compra-se quando faz uma onda 3 para cima, existe a possibilidade de fazer onda 3 para baixo.

Em suma, as estratégias utilizadas na compra são exatamente iguais às estratégias de venda, que foram abordadas nos capítulos anteriores.

Quando desvincula-se da noção de compra e passa para o pensamento de que se o gráfico mostrar uma operação, ela pode ser de compra, ou de venda, e em qualquer caso agirá com disciplina, espera-se apenas que o mercado se mexa. Foi exatamente o que Alexander Elder, um dos maiores Analistas do mundo, disse em um congresso no Brasil em 2012, ao ser questionado: “Alex, você prefere comprar ou vender?”, e a resposta foi: “Para mim tanto faz, eu só quero que o mercado se mexa”.

Gerenciamento de risco

Ao começar muitos se preocupam em descobrir o *setup* perfeito, que engloba apenas análise técnica ou análise fundamentalista. Porém, isso não é suficiente para vencer no longo prazo e conseguir realmente ter sucesso no mercado.

Para ter sucesso no longo prazo é necessário, além de conhecer algum tipo de análise, um *setup* com alguns indicadores para quem utiliza análise técnica, saber quais tempos gráficos utilizar, entender exatamente os pontos de entrada nas operações, ter uma mente equilibrada e, além disso, entender bastante sobre gerenciamento de risco, sendo o último considerado a maior razão do sucesso no mercado.

Ao iniciar no mercado tem-se a ideia que um profissional da área acerta quase todas as operações que faz. Por essa razão, o uso do *stop* não é bem compreendido. Após, descobre-se que o uso do *stop* é necessário porque no máximo 60% das operações feitas darão ganho, ou seja, pelo menos 40% de tudo que é feito acaba em *stop*.

Como sempre diz um grande amigo, Fernando Góes, Analista de Investimentos: “só existem quatro possibilidades quando inicia-se uma operação: perder pouco, perder muito, ganhar pouco e ganhar muito. Só é necessário se proteger de uma delas, que é perder muito. As demais, caso não rendam muito dinheiro, ao menos não darão dor de cabeça. Imprescindível, portanto, utilizar o *stop*”.

Como mencionado anteriormente, pelo menos 40% de tudo que é feito, acaba não resultando em lucro, então precisa perder pouco nesses casos. Óbvio que pode haver uma estratégia que dê índice de acerto de 70% e ser muito acima da média, mas mesmo assim, o gerenciamento de risco é indispensável, para que na margem de erro de 30%, o prejuízo seja mínimo. Não deve-se acreditar em acerto 90% do tempo, e isso não é tão importante, porque, qual a vantagem de acertar 90% e ganhar 1 em cada 9 operações e na única operação que errar perder 10? Assim, o que vale não é a porcentagem de acerto nas operações e sim a quantidade de lucro quando acerta e o prejuízo quando erra.

Pelas razões expostas, abordaremos o tema de gerenciamento de risco, englobando a relação de risco/ganho.

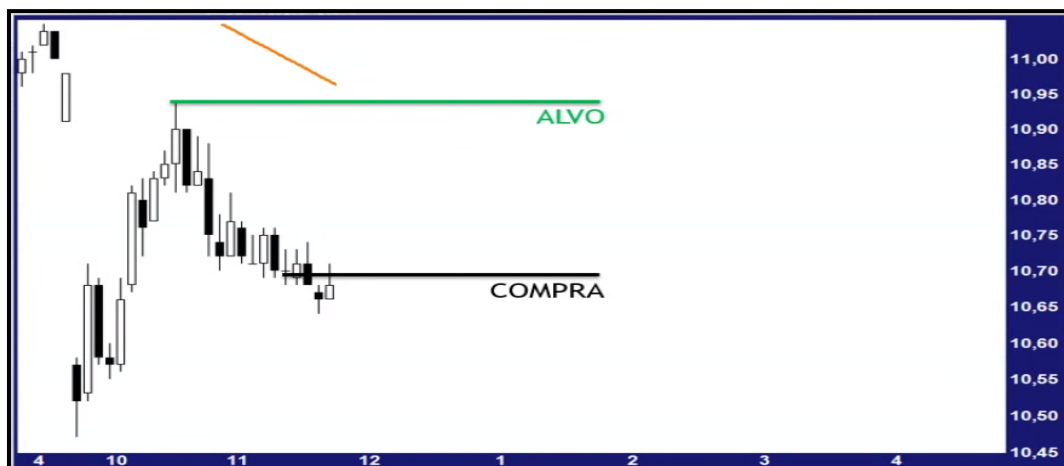
Na minha experiência pessoal, para as estratégias funcionarem, incrementei a relação risco/ganho com outros aspectos importantes das operações de *swing trade*, que serão explicados mais adiante.

Nas operações *day trade*, no entanto, apenas com a relação risco/ganho tem-se um bom resultado. Obviamente, é necessário conhecer um pouco de aspecto operacional, qual liquidez tem determinado ativo que está operando.

A relação risco/ganho funciona da seguinte maneira: imagine-se lançar uma moeda para cima para tirar cara ou coroa, se der cara ganha-se, se der coroa, perde-se. Caso esta brincadeira seja feita durante a vida, e cada vez que cair cara ganha-se 1 unidade e se der coroa, perde-se a mesma quantidade, provavelmente em 100 anos o resultado será igual a zero.

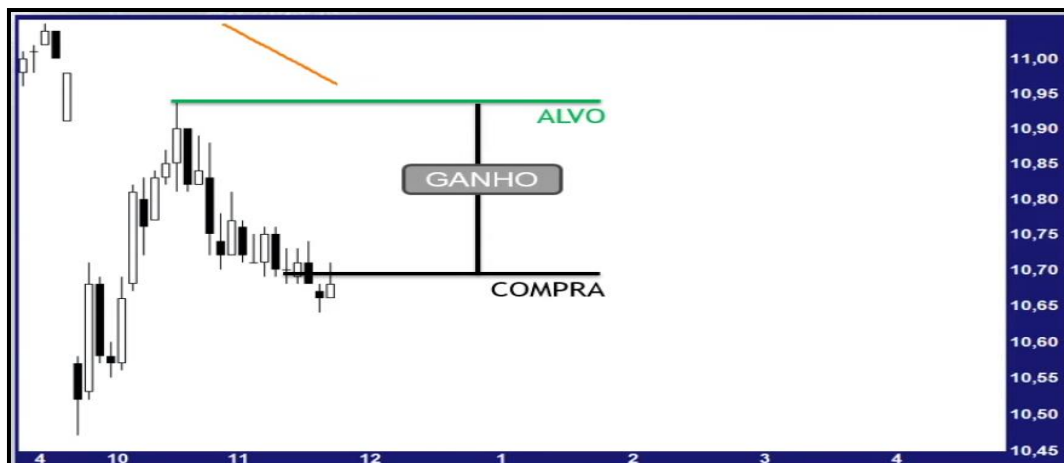
No entanto, no mercado não acontece assim. Suponha-se que cada operação que dê cara lucra 1 unidade, desta única unidade deve-se descontar as taxas, ou seja, ganha 1 unidade mas paga corretagem e emolumentos, o que obviamente, resulta em um resultado menor do que 1 unidade. Caso seja coroa, perde-se 1 unidade, mais taxas de corretagem e emolumentos. Portanto, o resultado no longo prazo será negativo.

Conclui-se, que onde entrar na operação deixa de ser o único ponto relevante, mesmo que seja importante identificar o ponto seguindo análise técnica ou fundamentalista. Deve-se olhar o gráfico a fim de verificar onde entrar na operação:



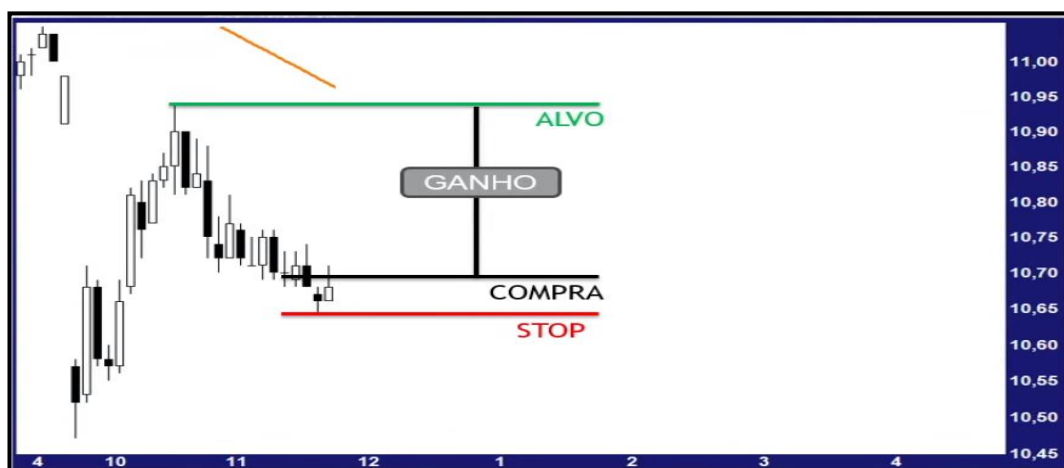
Suponha-se que deseja comprar por R\$ 10,70, deve-se saber exatamente o ponto em que vai comprar, ou iniciar a operação.

Outro item que precisa ser conhecido antes de iniciar a operação, além do ponto de entrada, é o alvo:



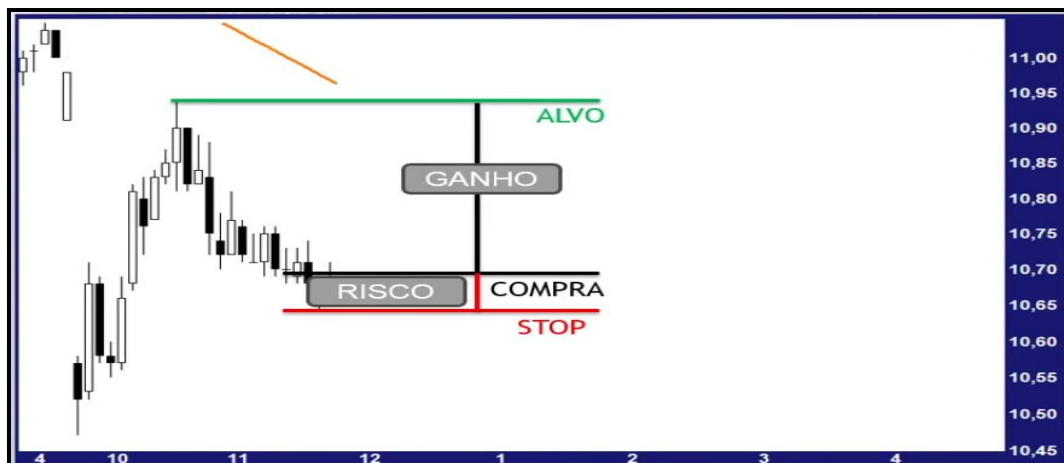
Para muitos *setups* o alvo seria o topo anterior na compra. Então, a distância entre o ponto de compra e o topo é o ganho da operação, sendo esta a segunda variável importante que precisa ser identificada antes de iniciar a operação.

A terceira variável, imprescindível, é identificar o local do *stop*:



Para muitos *setups*, o *stop* é o fundo anterior no gráfico do tempo menor. Assim, se está fazendo uma compra no *swing trade*, o *stop* é o fundo anterior do gráfico de 60 minutos, caso seja no *day trade*, o fundo do gráfico de 1 minuto. Em uma operação de venda, o topo anterior de 60 minutos seria o *stop* do *swing trade* e o topo de 1 minuto o *stop* do *day trade*.

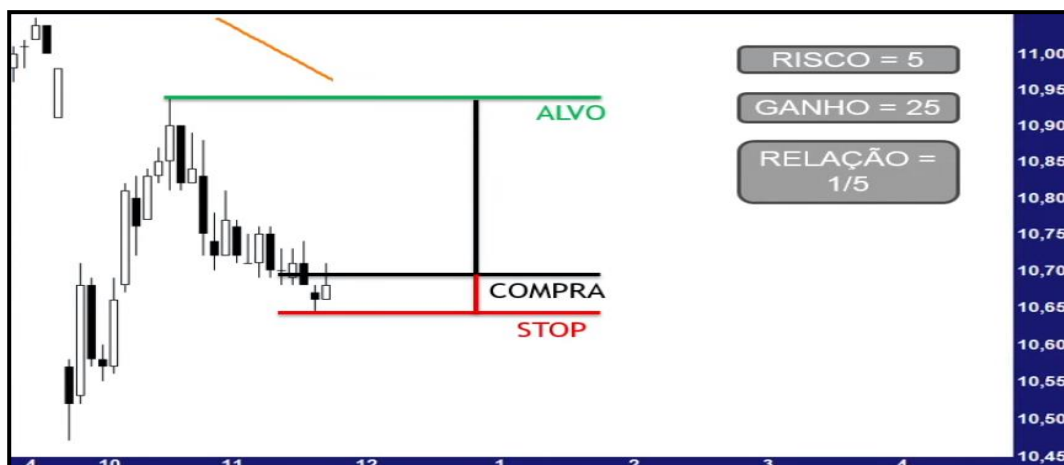
O risco fica assim:



Se der errado, sabe-se quanto vai perder, e esse é o risco, que constitui a terceira variável.

Para recordar: a) primeira variável: identificar o ponto de entrada; b) segunda variável: identificar o alvo; e, c) terceira: identificar o stop. Estas definem a relação risco/ganho.

Caso efetue-se a compra a R\$ 10,70, com um stop em R\$ 10,65, o risco é R\$ 0,05. Também possibilita visualizar o ganho, se der certo, finaliza a operação vendendo a R\$ 10,95 reais, ou seja, um lucro de R\$ 0,25. Portanto, foi determinado o risco/ganho, sendo que nesta operação é de 1/5. Ou seja, para cada 1 unidade de risco, há 5 unidades de ganho:



Voltando ao exemplo do cara e coroa. Se cada vez que der cara, ganhar-se 5 e cada vez que der coroa perder 1, haverá um resultado positivo. Portanto, conclui-se que para operações com índice de acerto entre 50% e 60% precisamos de uma relação de risco/ganho de pelo menos 3 para 1. Ou seja, para cada 1 unidade de risco precisamos de 3 unidades de ganho. Desta forma, acertando 33% das operações é possível ter lucro no longo prazo.

Toma-se como exemplo a minha rotina: em todas as minhas operações há um ponto de entrada definido, um ponto de saída, para o caso de dar errado, e um ponto de saída, se der certo. Sempre estão presentes as 3 marcações: uso uma linha preta no gráfico, que identifica o preço de

entrada na operação. A linha vermelha o ponto de *stop* e a linha verde o alvo da operação. Segue exemplo no gráfico:



Com o uso da relação risco/ganho é possível identificar os primeiros elementos essenciais do gerenciamento de risco, que são: a) primeira variável: identificar o ponto de entrada; b) segunda variável: identificar o alvo; e, c) terceira: identificar o *stop*.

Agora é possível montar uma planilha de gerenciamento de risco:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	800	R\$ 18,02	R\$ 14.416,00	R\$ 17,09	R\$ 20,90	3,10	14,42%	0,74%	6,76%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
+					CAPITAL TOTAL			R\$ 100.000,00		

Essa é uma tabela de gerenciamento de risco para operações de *swing trade*, apenas para exemplificar.

Suponha-se que será feita uma operação da primeira linha: comprar BBAS3, ao preço de R\$ 18,02. Então, é importante saber o *stop loss*, *stop gain* e a relação de risco/ganho. Nessa operação a relação de risco/ganho está de 1 para 3,10.

Depois de um tempo, essa planilha pode ser deixada no automático, conforme escolhe-se as operações, estas são inseridas na planilha. Lembrando que é muito importante que ela seja respeitada, porque caso escolha uma operação de risco/ganho menor do que 1/3 acontece isso:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBA3	800	R\$ 18,02	R\$ 14.416,00	R\$ 17,09	R\$ 20,70	2,88	14,42%	0,74%	6,76%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

A parte que mostra a relação fica vermelha, sinalizando que não deve-se fazer essa operação com risco menor que 1/3.

Gerenciamento de capital

Há um ditado popular que diz: “Não coloque todos os ovos na mesma cesta”.

O ditado é válido para as operações, ou seja, com o passar do tempo, à medida que acumula-se o capital realizando um investimento, em vez de concentrá-lo em uma mesma ação ou mercado, é aconselhável que se coloque um pouco de dinheiro no mercado de renda variável, e, neste dividir em várias ações e, ainda, uma quantidade em renda fixa para o longo e curto prazo. Ou seja, deve-se diversificar.

Muitos defendem a importância da diversificação, enquanto outros preferem usar um outro ditado para fazer suas operações no mercado: “Coloque todos os ovos na mesma cesta e cuide da cesta.”.

Para melhor compreensão, verifique o gráfico:



Este gráfico é do Banco Pan-Americano. Em uma determinada data a Instituição teve problema, fechou a R\$ 6,80, e abriu a R\$ 5,00, caindo 33%.

Imagine-se seguir o segundo ditado, onde colocamos todos os ovos na mesma cesta e deixamos nosso capital completamente alocado nesse Banco, que amanheceu caindo 33%.

E isso é recorrente no mercado, segue exemplo recente de outubro de 2015 com o banco BTG:



O Banco BBTG11, estava em tendência de alta, abriu caindo 17% e chegou a cair neste dia quase 40%. Ou seja, quem estava operando com esse banco, teve um prejuízo de 17% em uma noite, e caso não tenha saído muito rapidamente da operação, teve um prejuízo muito maior.

Assim, fica demonstrado que não é aconselhável colocar todos os ovos na mesma cesta quando se fala de operação que não acaba no mesmo dia. No *day trade* não há intervalo de uma noite na negociação, onde várias coisas podem acontecer e na abertura perder muito capital. No índice, no *day trade*, é possível até alavancar o capital, o que mesmo sendo arriscado não vai acontecer de pular o *stop*.

Adequando-se o ditado popular: não coloque todos os ovos na mesma cesta, ou pode haver o risco de comprar em um papel, amanhecer com um grande *gap* de baixa, pular o *stop* e perder 15, 20, 30% do seu capital.

Portanto, é importante visualizar na planilha de gerenciamento o capital de investimento:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHIO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	800	R\$ 18,02	R\$ 14.416,00	R\$ 17,09	R\$ 20,90	3,10	14,42%	0,74%	6,76%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

No exemplo, o capital total, está em R\$ 100.000,00. Observa-se também qual a porcentagem do total do capital está em uso em uma única operação, sendo que, caso ultrapasse de 15% do capital total em um único ativo acontece o que segue:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHIO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	1000	R\$ 18,02	R\$ 18.020,00	R\$ 17,09	R\$ 20,90	3,10	18,02%	0,93%	6,95%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

Verifica-se que caso se faça uma operação com 1000 papéis de BBAS3, a parte de porcentagem de capital total ficaria vermelha, mostrando que ultrapassa dos 15%.

O limite aceitável de concentração de dinheiro em uma única operação para um capital de R\$ 100.000,00 ou mais, é 15%. Para um capital um pouco menor, de R\$ 30.000,00 por exemplo, é de 20% em uma única operação.

Recapitulando: o primeiro filtro da planilha de gerenciamento de risco é a relação risco/ganho e o segundo filtro é verificar se a porcentagem do capital investido no ativo é menor do que 15% do capital total.

O terceiro filtro é: o risco máximo da carteira, por operação, é de 1%. Essa afirmação significa que em cada operação feita, pode-se perder no máximo 1% do capital total.

O filtro é melhor visualizado no seguinte exemplo:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHIO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	800	R\$ 18,02	R\$ 14.416,00	R\$ 17,09	R\$ 20,90	3,10	14,42%	0,74%	6,76%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

Na operação de BBAS3, a primeira linha da planilha, o que se perderia, na hipótese de dar errado, seria 0,74% do capital total. Então, se tivesse R\$ 100.000,00, perderia R\$ 740,00, que é administrável.

Segue outro exemplo:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHIO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	800	R\$ 18,02	R\$ 14.416,00	R\$ 15,00	R\$ 29,00	3,64	14,42%	2,42%	8,43%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

Se na mesma operação do exemplo anterior, houvesse mudança do alvo e do *stop loss*, o risco da carteira poderia ficar vermelho. Na hipótese acima, a relação de 1/3 está sendo respeitada, bem como a porcentagem de capital total, entretanto o risco da carteira está em 2,42%. Embora se possa cogitar que 2% do capital não é uma perda muito grande, esta pode abalar o psicológico, e consequentemente estimular uma série de decisões ruins.

Quando tem um *stop* muito longo, porque a operação exige, é um mercado com maior volatilidade, e é possível entrar nessa operação com esses parâmetros, com a observação de que é necessário diminuir a quantidade de papel que quer operar:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHHO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	300	R\$ 18,02	R\$ 5.406,00	R\$ 15,00	R\$ 29,00	3,64	5,41%	0,91%	6,92%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	3,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

Observe que alterando a quantidade de papéis, de 800, para 300, o risco da carteira muda, e é possível realizar a operação. Com a diminuição da quantidade de papéis o risco cai para 0,91%, atendendo o terceiro filtro do gerenciamento de risco.

Todo o estudo sobre aspectos operacionais e gerenciamento de risco é realizado para que se mantenha equilíbrio emocional.

O quarto filtro é a exposição máxima do capital de 10%. Ou seja, se tudo der errado em todas as operações em aberto, perde-se no máximo 10% do capital. Essa também é uma regra importante.

Nos estudos semanais ministrados por este autor¹, há a indicação de uma série de operações para acompanhar ao longo da semana. E havia um gráfico da rentabilidade, que mostrava um ganho de cerca de 80% do capital entre janeiro de 2013 até novembro de 2015. Toda semana somos questionados se não há receio de um dia dar tudo errado. E a resposta é: não apenas há receio, há certeza que acontecerá, e sabemos exatamente como será.

Neste mesmo programa semanal algumas operações de compra e de venda são selecionadas, para indicar para os clientes, e sei que há probabilidade de indicarmos 7 operações de compra e 7 operações de venda e a semana começa com muita volatilidade. Dar venda em todas as indicadas, mas depois o mercado começa a subir, e todas as vendas são *stopadas* e serão *startadas* as operações de compra, o preço vai acabar voltando e tomando *stop*, por conseguinte, as operações acabarão no prejuízo. Em uma semana como essa, provavelmente, haverá perda de 5, 6% do capital, mas há preparação para isso. E a preparação resume-se a ter o *stop* de um tamanho, que na hipótese de tudo dar errado, o prejuízo não seja maior do que o capital, ou seja, perder em uma única tacada no máximo 10% do capital. É ruim perder 10%? Claro! Já levantamos o sofá para procurar uma moeda de R\$ 0,05!!! Mas caso aconteça algo extremo, é o máximo que perderemos.

¹ Estudos de domingo: disponível no canal do YouTube:

Conforme dito, o quarto filtro nas operações de *swing trade* é a disposição total do capital:

GERENCIAMENTO DE RISCO PARA OPERAÇÕES DE SWING TRADE										
INFORMAÇÕES DA OPERAÇÃO					RISCO X GANHO			GERENCIAMENTO DE RISCO		
Tipo	Ativo	Qtd	Preço	Valor Total	Stop Loss	Alvo	Relação	% Capital Total	Risco Carteira	Exposição Total
COMPRA	BBAS3	300	R\$ 18,02	R\$ 5.406,00	R\$ 15,00	R\$ 29,00	3,64	5,41%	0,91%	6,92%
COMPRA	BRML3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,97	R\$ 15,70	3,07	6,82%	0,33%	
COMPRA	CSAN3	500	R\$ 26,02	R\$ 13.010,00	R\$ 24,63	R\$ 30,30	3,08	13,01%	0,70%	
COMPRA	ELET6	800	R\$ 11,12	R\$ 8.896,00	R\$ 10,33	R\$ 13,50	3,01	8,90%	0,63%	
COMPRA	CTIP3	300	R\$ 38,44	R\$ 11.532,00	R\$ 36,35	R\$ 44,90	3,09	11,53%	0,63%	
COMPRA	EZTC3	500	R\$ 13,64	R\$ 6.820,00	R\$ 12,96	R\$ 15,77	3,13	6,82%	0,34%	
VENDA	ABEV3	800	R\$ 17,99	R\$ 14.392,00	R\$ 18,91	R\$ 15,10	3,14	14,39%	0,74%	
VENDA	CIEL3	400	R\$ 35,99	R\$ 14.396,00	R\$ 38,01	R\$ 29,80	3,06	14,40%	0,81%	
VENDA	BRFS3	200	R\$ 54,98	R\$ 10.996,00	R\$ 57,68	R\$ 46,70	3,07	11,00%	0,54%	
VENDA	JBSS3	1000	R\$ 13,13	R\$ 13.130,00	R\$ 13,81	R\$ 11,05	3,06	13,13%	0,68%	
VENDA	UGPA3	200	R\$ 64,00	R\$ 12.800,00	R\$ 67,01	R\$ 54,80	3,06	12,80%	0,61%	
CAPITAL TOTAL					R\$ 100.000,00					

Nesta planilha, é possível visualizar todo o tempo o que de pior pode acontecer com a carteira, ou seja, mesmo estando posicionado em todos esses ativos, sabe-se que o pior que pode acontecer é perder 6,92% da carteira. Se, excepcionalmente errar tudo, com a informação desse filtro, conseguirá assimilar e limitar as perdas, considerando que será, no máximo, 10% do capital. À medida que as operações vão caminhando, muda-se os *stops*, pois se o *trade* for a favor, a exposição total do capital diminui automaticamente.

Apresentados, portanto, os quatro filtros de gerenciamento de risco para *swing trade*, que são essenciais para ter sucesso no mercado.

Caso questione-se da necessidade real de elaborar essa quantidade de planilhas, conhecer com precisão todos os pontos, usar tantas variáveis, lembre-se que logo de início é imprescindível decidir: ou se é disciplinado, utiliza estes métodos e permanece no mercado; ou tem prejuízo.

Para o *day trade*, a parte mais importante é a relação risco/ganho e conhecer a liquidez do mercado que está operando para saber quanto de dinheiro pode colocar para conseguir *stopar* com segurança.

Lembrando, é imprescindível ter regras rígidas de gerenciamento de risco para conseguir vencer no longo prazo.

Epílogo

— Fala Baixo! Manda o Igor falar baixo também!

Estamos em 2006 e esses são os gritos que escuto pela janela da minha edícula, onde sobre uma porta que sobrou de uma obra, pousei meus 2 monitores, um computador comprado à prestação e um notebook velhinho, cheio de gráficos e telas.

Vermelho e verde, candlestick, joystick. Este eu usava para não ter que ficar no teclado continuamente, apertar a barra de espaço e falar no Skype. Entre o pé de jabuticaba e a piscina de bolinhas da minha filha, me instalei no rancho da lavanderia, onde minha vontade de aprender parecia cada vez maior que a de ensinar. Muita leitura, matemática, tutoriais, gráficos e simuladores. Informação. Ao som da máquina de lavar e do canto dos bem-te-vis, meu mundo girava em torno da rua XV de Novembro, no centro de São Paulo. Como eu, daqui do meu ranchinho, posso ser uma peça que ajuda a movimentar uma estrutura tão grandiosa quanto a Bovespa? Como eu participo disto tudo? Aqui na minha edícula? E o pior: tem cada vez mais gente comigo!

Larguei tudo. Emprego, obra, carreira. Lá na janela, um bebezinho com menos de um ano tentava dormir com uma mãe que adora o silêncio. Mas o som da minha voz e da voz dos meus parceiros virtuais era contínua, diária. Começava às 8h00 e nunca tinha hora para acabar. A noite virava dia e virava noite de novo, falando, falando, analisando, conversando, vibrando, falando, rindo, falando, chorando e falando...

Igor, Bo e eu nunca nos vimos ainda, só virtualmente. Mas a ideia da parceria era algo latente, inevitável. Viver da bolsa! Surgiu nesta minha edícula, na edícula da casa da mãe do Igor e na sala de jantar do Bo, o Trade ao Vivo.

O sonho de juntar pessoas que tinham o mesmo interesse: COMPARTILHAR. Nossos erros, nossos acertos, nossas estratégias ainda tomando forma, nosso jeito de encarar o mercado brasileiro. E assim, a cada dia, vimos a necessidade de tornar o Trade ao Vivo uma comunidade com regras, estrutura e suporte aos traders que iam se juntando a nós, crescendo e organizando nossas salas virtuais, nossa equipe técnica e equipe de suporte, na orientação deste novo modelo de acompanhamento on-line do mercado durante todo o pregão.

Nesta caminhada, nunca estive só. Mais do que meus parceiros da empresa Trade ao Vivo, aprendo todos os dias com os traders que me acompanham nas salas virtuais, palestras e cursos,

através de suas estratégias, sucessos e fracassos. Aprendo sobre suas metas e compartilho seus objetivos e sonhos.

Por este motivo, eu estou aqui, contando para vocês, como ser alguém que corre atrás do que quer, que aceita as provações da vida e não se intimida com os obstáculos e erros do dia a dia. Este livro é o meu sonho, a minha forma de agradecer a cada um que esteve comigo nesta jornada. Espero que ele seja útil, uma ferramenta que ajudará você na sua corrida diária para atingir o seu sonho, se destacar da multidão, a se afastar da manada... e ser feliz.

André